

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO V

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume II



COIMBRA / 1951

Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média

I. — Sob o signo das peregrinações

«Todos quantos vevimos que en piedes andamos,
Siquiere en preson, ó en lecho iagamos,
Todos somos romeos que camino andamos» (*).

Na Idade Média, as peregrinações e romarias faziam palmilhar os caminhos santos desta terra, no *cabo do mundo*. O *Candoneiro da Vaticana* (2) diz-nos que as mães daquele tempo iam a *San Simon de Val de Prados candeas queymar* (n.º 336), acompanhadas das suas meninas. Mas estas parecem mais amigas de bailar do que de rezar. A ermida de S.^{ta} Marta dirigiam-se os romeiros (n.º 710), a pedir graças e chorar de amor. Os trovadores falam-nos, ainda, da *sagraçon de Bonaval* (n.º 731) e da ermida de S. Bernardo, onde iam as «donas fazer romaria» e orar (n.ºs 738-750).

Outros fiéis partiam em romagem a S. Clemente, talvez para ver a pessoa amada e não somente para fazer oração (n.º 805). Alguns preferiam *San Salvador de Valongo* (n.º 846), S. Mamede e S.^{ta} Cecília ou a ermida do Soveral —. *Nunca eu vi melhor ermida nem mais santa* (n.º 882) !

Estas e outras passagens dos poetas galaico-portugueses dão-nos a imagem do que acontecia num e noutra lado do rio Minho. Com o decorrer dos anos, foram aumentando os centros

(1) GONÇALO DE BERCEO, *Milagros de Nuestra Señora*, n.º 17.

(2) Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, na edição e introdução de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pp. 797-889, etc.

de peregrinações : a beata Mafalda e suas irmãs, S. Frei Gil de Santarém, S. Gonçalo de Amarante, Frei Paio de Coimbra, S. Domingos da Queimada, os Mártires de Marrocos, S. Gervásio, S.^{ta} Godinha — seria um nunca acabar de peregrinações medievais, na esteira doutras mais antigas, como a de S.^{ta} Senhorinha de Basto (3).

S. Torcato e S. Donato, dois dos lendários companheiros de S. Tiago (4) participavam da devoção popular ao patrono da Galiza e da Península. O Dr. João de Barros, pelos meados de quinhentos, recolhia a tradição da presença do corpo dum *homem santo*, no mosteiro de S. Torcato, perto de Guimarães, mosteiro esse *que não tem frades*. Diz-nos ele: «pareçe que este vocabulo [de *San Torcade*] anda corrupto, porque hão de dizer São Donato. Jaz alli hu homem Sancto, porque os originários nessa conta o tem pella fama de seus milagres e dizem que o seu muimento onde jaz tem hu cheiro suavissimo» (5).

Tais milagres (qualquer que seja o alcance desta palavra) asseguram-nos que muitos devotos iam lá pedir graças a *San Torcade*.

Documentação bastante antiga tem-na S. Donato de Ovar. Uma doação do rei Ordonho, de 922, fala-nos duma igreja de S. Donato e S. João, *in porto de Obal* (6). E o relato da conquista de Lisboa, no séc. xii, diz-nos que, na Terra de S.^{ta} Maria, repousa o corpo do bem-aventurado Donato, discípulo do apóstolo Tiago — *In cujus territorio requiescit beatus Donatus apostoli Jacobi discipulus* (7). Muitos romeiros abalariam para S. Donato, pois, na Idade Média, seria psicologicamente impossível estar o povo convencido da existencia do corpo dum santo e deixá-lo em solitário abandono.

(3) A. XAVIER MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, em *Cenáculo*, 5(1949-1950) pp. 245-248.

(4) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 398.

(5) *Geographia d'entre Douro e Minho e Trás-os-Montes*, Porto, 1919, p. 72 ; GASPAR ESTACO, *Varias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625, pp. 138-155 (muita lenda); P.^e AVELINO DE JESUS COSTA, *Documentos da Colegiada de Guimarães*, Coimbra, 1947, pp. 10, 14-21, 24-25.

(6) P. M. H., *Dipl. et Ch.*, t. 1, p. 17.

(7) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 395. Foi o Sr. Dr. Avelino de Jesus Costa que nos chamou a atenção para S. Torcato e S. Donato de Ovar.

O comercio prosperava à sombra destas grandes aglomerações religiosas: «Quasi todas as cartas de feira portuguesas marcam o prazo da feira em relação a uma festa da Igreja, quer seja a Páscoa, a Natividade da Virgem, o Corpo de Deus, ou o dia de S. Pedro, S. Miguel, S. João, S.^{ta} Iria, ou S. Bartolomeu. O pedido feito pela vila de Almendra a D. Afonso v, em 1441, para obter uma feira franca, quando da romaria que se fazia na vila à milagrosa casa *muy solempne de sancta Maria*, indica-nos que muitas feiras tiveram o seu berço junto à capela de algum orago particularmente venerado» (8).

Não se tratava, sempre, de santos canonizados. Como nos conta a *Crónica da fundaçam do moesteyro de sam Vicente dos conegos regrantes*, escrita por dois *homeens boons*(9), acerca do que «virom no seu tempo e outrossy do que ouvirom a seus antecessores» (10 11), o povo e o rei iam rezar ao túmulo dalguns soldados, mortos na conquista de Lisboa. Os sepulcros destes *mártires* «eram cada dia visitados muy honradamente del rey e dos prelados, e de todallas outras companhas. E os milagres e maravilhas que Deus fazia por os sanctos martyres, que por o seu amor espargerom o sangue, estes eram muytos e muy maravilhosos quantos os homens todos nom poderiam pensar» (4).

Sobretudo, tinham muita devoção a «hum cavaleyro que avia nome Enrique e foy natural d'hũa vila a que dizem Bõna». Ora, este cavaleiro, *bom e bem fidalgo*, abastado de todos bons costumes «foy morto na entrada da cidade, fazendo muyto bem per seu corpo e vertendo de grã vontade o seu sangue antre os mouros, polia payxom de nosso salvador Jesu Christo. E jazendo este cavaleyro enterrado no dito moesteiro como dito he, nosso senhor Jesu Christo, que sempre quer dar galardom a todos aquelles que o servem, fazia por el muytos milagres e muy maravilhosos em aquela sepultura em que jazia. Entom, vendo os christãos aquellas maravilhas que Deus por el fazia, em todos aquelles que presas e cuitas e pesares aviam assi denfermidade como doutra qual-

(8) VIRGÍNIA RAU, *Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas*, Lisboa, 1943, pp. 9-10.

(9) Porto, 1873, p. 6.

(10 11) *Ibidem*.

(11) *Ib.*, p. 18.

quer cousa, e vistas estas cousas que Deus por el avia feitas e fazia cada dia, ouverõno por martyr com os outros martyres que jaziam sepultados no dito moesteyro» (12).

Deixemos o sonho do *servidor da igreja* (13). Entre os milagres, contava-se *hum muy maravilhoso* : «na cabeceyra do moymento do dito cavaleyro se levantou hũa palma semelhavil a esta que tragem os romeus que vam em Jérusalem. E levantada assi esta palma começou denverdecer e deytar folhas e fazer verdura, e creceo sobre a terra e fezesse muy alta. Entom vendo elrev este milagre tam fermoso, e outros que Deus mostrava por o sancto cavaleyro Enrique, e por os outros martyres que jaziam no dito moesteyro, e outrossi os pobos dos christãos [.....] chegavanse aaquella palma todos os que enfermos eram de qualquer enfermidade que ouvessem, e filhavam delia e poynhãna ao collo e logo recebiam saude. Outros alguus que aviam enfermidades das partes de dentro tomavam daquella palma e faziam delia poo e bevendo aquel poo ficavam purgados e sãos. E tanto foy siguida esta palma que nom ficou dela nem hua cousa sobre terra» (14).

Mais ao sul, veneravam-se os sete cavaleiros de Tavira, de que fala Rui de Pina, na sua *Crónica de Z. Afonso IV* (15) : *por elles fa\ Deus muytos milagres*, escreve o cronista. Ao norte, em Guimarães, veneravam-se as relíquias de S. Gualter. A versão quatrocentista da *Crónica da Ordem dos Frades Menores (120Q-/285)* refere-se às maravilhas do santo franciscano: «Foy Gaiteiro muito devoto e perfeito, o quall por tam clara e famosa santidade respramdeceo que largamente tragia as gentes a devaçom da hordem e por via e exempro os reformava em bem. E, como ele pasasse ali desta vida, segundo dizem, manava olio da sua sepultura, ataa que o seu corpo foy treladado, o quall dava a muytos enfermos remedio de saude» (16).

Teresa de Ourem, criada de servir, chegou até aos nossos dias, envolta na lenda dalguns poucos milagres. Mais aristocrática e melhor documentada, ergue-se a Rainha Santa Isabel, cuja *leenda*,

(12) *ib.*, p. 19.

(13) *lbpp.* 22-24.

(14) *Ib-*, pp- 37-38.

(15) Cap. 41. Cf., também, *P. M. H, Scriptores*, t. 1, p. 418 (na *Chronica da Conquista do Algarve*).

(16) Ed. por José Joaquim Nunes, t. 1, Coimbra, 1918, p. 19.

escrita no se'c. xiv, dá informes concretos e seguros da afluência de romeiros e «enfermos de desvairadas enfermidades, tangidos do demonio, que partem dali curados» (17).

Os ossos do Infante Santo, trazidos por mar, foram recebidos em procissão por toda a cidade de Lisboa. E então, mestre Afonso, prior de S. Domingos, «fez um sermão para o caso mui conveniente e devoto, em que houve palavras de tanta piedade e compaixão, quo comoveram as gentes a muitas lagrimas como se foram Endoenças.

«E d'alli foram os ossos postos no mosteiro do Salvador, e de hi levados ao mosteiro da Batalha, e postos com devidas exequias em sua sepultura, na capella d'El-Rei D. João seu padre, onde segundo alguma clara evidencia, Déos por merecimentos do dito Infante, e em signal de sua bemaventurança fez alguns milagres» (18).

Quando D. Mécia Pereira entregou a alma a Deus, «da vylla [de Aveiro] ameude viinham fazer alli oraçam e beijar a sepultura. Doentes levavam a terra, e afirmavam achavam rremedio, e de muitas parte,s a mandavam pidir, e muitos a vinham per ssy tomar em giolhos des que entravam per a porta, muitos milagres afirmavam sentir, e que se apregoavam per muitos em diversos lugares» (19).

Maior concurso tinha a Infanta D. Joana, consoante a narrativa da sua criada, sor Margarida Pinheira: «E outras com ffe em Deus e em rogos e mericymentos da dita Senhora, tomando da terra da sua sepultura manyfestamente e millagrosa sentyram ajuda e alyvamento. E desto assy ser verdade, tomo ho Senhor Deus que de todo he sabedor por verdadeyra testemunha. E elle sabe isto assy seer. E que eu nom mynto. E se cada húa juramentada ouvesse de dizer ho que acerca disto experimentou, vyo, e sabe, faryamos hua grande leytura, nem ho queriryam creer». (20)

(17) *Vida e milagres de Dona Isabel*, ed. por J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 90.

(18) Rui DE PINA, *Crónica de D. Afonso V*, cap. 172; GASPAR ESTACO, *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625, p. 187, cap. 52: *De hua carta sobre os milagres do Infante Santo*.

(19) *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro*, ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 37.

(20) *Ib.*, p. 185.

Pois foi pena que sor Margarida Pinheira não nos deixasse uma *grande leytura* dessas maravilhas. Teríamos mais outro Livro de Milagres.

De Nuno Alvares reza a sua crónica que «ainda o dya de oje, depois da sua morte, Déos por sua merçee fez e faz muytos milagres naquell lugar honde seu corpo jaz, que som assaz denotados e magnifestos» (21).

Que longo friso de romeiros vemos passar no seu Livro de Milagres! Vinham de Montemor-o-Novo, Vila Nova, Óbidos, Xabregas, Ferraria, Cascais, Leiria, Sarilhos, S.^{ta} Iria, Aldeia Galega, Fangas da Farinha, S. Marinha, Arruda, Ribatejo, Beja, Carnide, Santarém, Arganil, Setúbal, Sardeal, Vale do Paraíso, Lavradio, Oeiras, Vila Franca, Olivais, Castanheira, Campo de Ourique, Pedrógão, sobretudo do coração e termo de Lisboa. Eram escudeiros, criados do rei ou dos infantes, cordoeiros, uma certa *Isabella Faria que mora a par da comendadeira*, escritvães, mulheres do povo, uma *moça que mora com as filhas do doutor Gil Martin^ que Deos perdoe*, uma tal Senhorinha Vasques, tosa-dores, tanoeiros, frades, um criado do alfaiate do Conde de Ourem, o prior de Óbidos, estalajadeiros, gente do campo, pescadores, pequenos burgueses e marinheiros (w). Enfim, de tudo um pouco, sem distinção de classes. A fé era a mesma e igual o sofrimento.

Em Torres Vedras, repousava o corpo de S. Gonçalo de Lagos (f 1422) ermita de S. Agostinho (23). Os seus milagres, escritos, em parte, no séc. xv, podem guiar-nos, a perto de quinhentos anos de distância.

Como nas outras peregrinações, levavam terra da sepultura de S. Gonçalo, bebiam-na com água ou penduravam-na ao pescoço, numa bolsinha (24). Invocavam o nome do Santo, faziam-

(21) Gap. 80, ed. por Mendes dos Remédios, Coimbra, 1911, p. 211.

(22) Cód. 4044, da Bibl. da Gasa de Cadaval, em Muge ; CARLOS DA SILVA TAROUCA, *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Alvares Pereira ?*, em *Brotéria*, 47 (1948) pp. 155-163.

(23) Nos princípios do séc. xvii, D. FR. ALEIXO DE MENEZES escreveu uma *Vida de S. Gonçalo de Lagos*. Cf. cód. 112 da Bib. da Univ. de Coimbra. Outras biografias pouco ou nada trazem de novo, afora o t. 2 da *Chronica da antiqúissima provinda de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho*, Lisboa, 1656, fls. 267-293, por FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO.

(24) FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO, *op. cit.*, t. 2, fl. 287.

-lhe promessas, mandavam dizer missas em sua honra, ofertavam-lhe esmolas ou dedicavam-lhe algum ex-voto. Em 1490, por exemplo, Pedro Santiago, velho de Azambuja, já meio cego, prometeu «ir em romaria a Torres Vedras visitar as reliquias do Sancto e levar-lhe de offerta huns olhos de cera» (23). Sentiu-se curado, mal entrou na igreja.

A devoção a Nosso Senhor Crucificado atraía a piedade dos fiéis para algumas capelas e imagens devotas. A ermida de S.^{ta} Cruz do Monté, em Braga, já existia em 1430 (25 25 26). A imagem do Bom Jesus de Bouças, em Matozinhos, deu origem a uma fantástica história (27): fora esculpida por Nicodemos e viera da Palestina! Mas, o certo é que o S.^{to} Salvador de Bouças, na Idade Média, inspirava confiança a uma multidão de pescadores e camponeses. A gente do Porto também lá ia, em procissão, por causa da peste e mais tarde, em 1515, Afonso de Albuquerque mandaria panos, no valor de trinta xerafins, ao *crusy-ficyo de Bouças em Portuquall*, em cumprimento de uma promessa (28).

Nem sempre era a piedade que levava às ermidas e santuários os grupos inquietos de romeiros. As constituições de D. Luís Pires, no séc. xv, referem-se a várias costumeiras profanas dos festeiros. Chegavam a pôr «emfusas e cantaros com vinho e auga sobre os sanctos altares» (29). Nas grandes vigílias, comiam, dormiam e bebiam dentro dos templos. Na véspera das festas, escreve o arcebispo bracarense, «de noute nas egrejas se fazem muitos pecados de luxuria e muitas desonestidades nos jogos, cantos e baylhos que com grande desonestidade fazem e mandam fazer os que taes vigílias ordenam» (30). Soavam *orgoons*, alaúdes, guitarras, violas e pandeiros, ouviam-se cantares de romaria, nem sempre em louvor do santo patrono.

(25) *Ib.*, fl. 287, V..

(26) J. A. FE K REIRA, *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga*, t. 2, Braga, 1930, p. 254, nota 1.

(27) ANT. CERQUEIRA PINTO, *História da prodigiosa imagem*, etc. Lisboa, 1737.

(28) Cf. *Boletim de segunda classe, da Academia das Ciências*, 4 (1911),

p. 137.

(29) Bib Públ. de Braga, ms. 871, fl. 10, v.

(30) *Ib.*, fl. 12.

Por seu lado, Martim Pérez, no séc. xiv, dizia que «muyto som de castigar e de reprehender algúas romarias, ca muyto ben se perde en andar alguuns caminhos e se esfria a devoçam» (31).

Mais tarde, o rei D. Duarte lembraria que «as igrejas e moesteiros e oratorios e hirmidas foram principalmente edificadas pera rezar e orar e afim de se fazer em ellas deyota e graciosa oraçom» (32). Porém, qual a triste realidade ? Havia lá «jogos e tangeres e cantigas os quaaes nom tam soamente eram pouco prazentes a nosso senhor Deus, mais ainda torvavom o officio devino e as oraçoões dalguns boons christaãos que em ellas stavom em paz e paceficamente pera orar e pedir perdoaçam ao senhor Deus».

Apesar de tudo, a árvore não deve impedir-nos de ver a floresta. A estátua jacente da Rainha Santa, no seu túmulo, aperta o bordão de peregrina, pois fora romeira de Compostela. E isto pertencia ao activo das suas boas obras. Sobretudo as peregrinações de Roma e Jerusalém, juntamente com a de S. Tiago de Galiza, impressionavam, fundamente, o coração religioso da Idade Média.

O *Leal Conselheiro* traduz a maneira de pensar no seu tempo, ao afirmar que «erramos em nom hir veer nosso senhor e lugares devotos» (33). E do Infante D. Pedro, diz-nos Vasco Fernandes de Lucena que ele «visitava a meudo os devotos e piedosos lugares» (34).

Não admira, pois, que fosse uma grande obra de misericórdia *dar alberge aos pelegriis e proves* (35). Determinava D. Leonor, no compromisso do hospital das Caldas da Rainha, que se «algum pobre peregrino sãoo quiser dormir e repousar no dito esprital, ho dito proveedor ho mandará agasalhar na casa dos peregrinos principalmente os Romeiros que vam pera Santiago. E lhe mandará dar cama e comer e beber pella primeira noyte» (36).

(31) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ale. CCLI / 377, fl. y3, v.

(32) GABRIEL PEREIRA, *Documentos históricos da cidade de, Évora*, P. 2, Évora, 1887, P^o 54.

(33) Ed. Piei, Lisboa, 1942, p. 270.

(34) *Livro dos Offícios*, ed. J. M. Piei, 1948, p. 11.

(35) H. HARE CARTER, *Paleographical édition and study of the language of a portion of codex alcobacensis 200*, Filadélfia, 1938, p. 39.

(36) Cf. O *Instituto*, 80 (1930), p. 260.

E aqui temos nós mais um documento da simpatia pelas peregrinações compostelanas.

As grandes relíquias centravam a veneração de milhares de romeiros vindos de longe. E havia-as maravilhosas de verdade, como estas trazidas pelo rei Carlos da *barba florida* :

«Charles li rois a la barbe florie
De Jersalem aporta les reliques
De cel saint fust ou il sofri martire
Et la corone qu'il ot el chief d'espines
E les sainz clox et la sainte chemise
Qu'enprès sa char avoit sainte Marie
Quant ele fu de son chier fil delevre» ⁽³⁷⁾

E outra canção de gesta traz estes versos:

«Du lait sainte Marie lui donna il en don
Et la belle chemise de Dieu son enfaçon
Et la belle sainture que tant a renom
Que sainete ot la vierge,...
Et un de ses solers...
Et la sainete escuelle o Deus mist poisson» ⁽³⁸⁾

Relíquias desta força, quase todas apócrifas, abundavam também entre nós. Os frades pregadores de Guimarães veneravam, no seu mosteiro, além do lenho da Yera-Cruz, as mantilhas de Jesus-Menino, um pedaço da pedra donde Nosso Senhor subiu ao céu, relíquias do véu da SS.^{ma} Virgem e do seu sepulcro, do maná, da vara de Moisés, dos Santos Inocentes — tudo metido numa caixa trazida por um anjo duma cidade conquistada pelos infiéis, conforme a narrativa latina dum velho pergaminho ⁽³⁹⁾.

Contudo, tenhamos alguma cautela, na interpretação de certas expressões — *leite de Nossa Senhora*, por exemplo. Fala-se desta relíquia ao longo dos séculos, e vamos encontrá-la, igual-

⁽³⁷⁾ SOR MARIANA GILDEA, R. S. M., *Expressions of Religious Thought and Feeling in the Chansons de Geste*, Washington, 1943, p. 253.

⁽³⁸⁾ *Ib.*, p. 254.

⁽³⁹⁾ FR. LUÍS DE SOUSA, *História de 5. Domingos*, L. 4, cap. 16. Cf. também, VIRGÍLIO CORREIA, *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruz*, em *O Instituto*, 79 (1930), pp. 38-41.

mente, em S.^{ta} Cruz de Coimbra (40). Ora, o leite de Nossa Senhora não passa duma terra branca, a que anda ligada uma lenda antiga.

Fr. Pantaleão de Aveiro conta-nos a sua peregrinação de 1563 e escreve: «junto ao caminho á mão direita, está uma grande furna ao modo da do Santo Presepio, e na primeyra estancia está huma competente camara, feyta como uma capella da mesma rocha viva, sem haver cal, nem pedra, salvo hum altar de fabrica. A terra desta capella, e toda a mais da furna he quasi toda branca; e desfasse como farinha, a qual tem particular virtude de acrescentar o leite ás mulheres, e aos animaes brutos femeas, que crião, e não só as mulheres Christãas, mas também as Turcas, e Mouras usão delia, bebendo-a em água, e dão ordinariamente aos seus animaes, para o que digo; chamão todos áquella terra, leyte de nossa Senhora, e aífirmaõ, que esteve ella alguns dias naquelle lugar escondida com o Menino Jesu, e o Santo Joseph, antes que fossem para o Egypto, e que com seu leyte divino, do qual por sua vontade derramou allí algumas gotas, santificou aquella terra, dando-lhe aquella virtude» (41).

Muitos iam às romarias por causa das indulgências. Para isso, confessavam-se, comungavam, e rezavam algumas orações. Assim íaziam os peregrinos de Nossa Senhora do Marmelar. Tinha a sua igreja bulas de Roma em que o Papa «outroga G dias de perdom a todos aqueles que forem meenfestados e comungados em dia de sam Pero aa Igreja do Marmelar» (42). Frases como esta, tornam a aparecer, aqui e além : tantos dias *de perdom* «a todos os que forem em Romarya na festa de sancta Maria na Igreja do Marmelal bem meenfestados e comungados»; também «outroga C dias de perdom a todos aqueles que en dia de san Bras forem bem meenfestados e comungados fazer Oraçom a seu Oragoo do Marmelal»; finalmente, quarenta dias «de perdom a todos os que forem aa Igreja do Marmelal meenfesta-

(40) Bibl. da Ajuda, ms. 5L-V-25, fls. 126-128; VIRGÍLIO CORRETA, *Uma descrição quinhentista do Mosteiro de Santa Cruf*, em *O Instituto*, 79 (ig30), pp. 28-54.

(41) FR. PANTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerário da Terra Sancta, Coimbra*, 1927, cap. 54.

(42) Cf. JOSÉ ANASTÁCIO DE FIGUEIREDO, *Nova História da Militar Ordem de Malta*, P. 2, Lisboa, 1800, p. 226.

dos e comungados fazer sa Oraçom en dia de Santa Maria Magdalena» (43).

Infelizmente, vagueavam, pelos povoados, os *yhacorvos* vestidos de frades ou ermitães, a pregar indulgências falsas. E em 1477, nas suas constituições, o arcebispo de Braga, D. Luís Pires, soltava esta queixa amarga:

a Cousa certa he que muitos *yhacorvos* e emganadores andam per este arcebispado pedindo esmollas mostrando leteras falsas e preegando Indulgencias e perdoanças mentirosas que nunca foram» (44).

Havia romeiros que passavam parte da noite a rezar, junto do túmulo ou da imagem do santo, com velas acesas. Daí vinha a expressão : candeias queimar a tal ou tal santo.

No Livro dos Milagres de S. Vicente (45), encontramos alguns rameiros cujas vigílias se prolongavam por várias noites, a seguir. Eram soldados, cónegos, mulherzinhas do povo, camponeses enfermos de doenças nervosas que se julgavam possessos do demónio — e todos eles oravam, acendiam círios, tocavam nas relíquias ou deitavam-se junto do túmulo. S. Vicente aparecia-lhes em sonhos, quando dormiam angustiadamente. As vezes, não enxergamos se a pessoa estava acordada ou não: *apareceu-lhe o bem-aventurado Vicente e encostando a própria mão à maxila doente, restituiu à rapariga o rosto e a saúde* (46)

Tais aparições parecem diminuir um pouco, no séc. xv, pelo menos junto do sepulcro do santo. Em compensação, na casa dos enfermos, succede o mesmo que nas igrejas dos sécs. xii e xm.

Conta-nos o Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos que Rodrigo Afonso Alvetete era «doente de door de dentes que nom podia comer nem beber nem dormir nem assesegar em nehüa guisa». Ora, o bom homem *prometeu-se* «com muy gram devaçom a estes sanctos mártires e elle jazendo em sua cama, com muy gram door adormeçeo e veerom a elle v frayres de sam Francisco. E huum déliés o tomou e deulhe hua bochechada

(43) *Ibidem.*

(44) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, fl. 18 (*Constituiçom XLI*).

(45) *Translatio et Miracula S. Vincentii*, em P. M. H., *Scriptores*, t. 1, pp. 96-101, nos milagres v.º, vii.º, xiv.º, xviii.º e xx.º.

(46) *Ib.*, p. 98, milagre ix.º.

daquella parte donde lhe os dentes doyam e acordou com grande pavor e achou-se saõ» (47).

Relacionaremos certas práticas religiosas das peregrinações medievais com a *incubatio* dos santuários greco-romanos do paganismo? Neste sentido, escreve o bolandista Delehaye S. J., em *Les légendes hagiographiques*:

«Nous sommes fort bien renseignés sur Pincubation, grâce surtout aux inscriptions d'Epidaure. Le but poursuivi était le songe, où le dieu se montrait et accordait la santé ou, plus souvent, indiquait le traitement à suivre. Le rituel était parfois assez compliqué qui servait de préparation n'était qu'une condition pour se rendre la divinité propice.

«Parmi les documents que l'on a réunis au sujet de Pincubation chrétienne, il faut mettre en première ligne les recueils de miracles des saints Cosme et Damien et des saints Cyr et Jean. Il est difficile de n'y point relever une foule de traits rappelant Pincubation telle qu'elle était pratiquée dans les temples d'Esculape. Les saints apparaissent aux patients durant le sommeil et les guérissent ou leur prescrivent des remèdes. Rien n'indique pourtant que, dans ces sanctuaires chrétiens, la pratique de Pincubation ait été régulièrement organisée comme à Epidaure, et qu'il y ait autre chose ici que des cas isolés» (48).

Há tendências religiosas comuns a todos os homens. Almas esmagadas pelo sofrimento, habituadas a ver, nos sonhos, um pressentimento, quando não uma profecia, é natural que ansiassem por estas visões adormecidas. Nada, porém, descobrimos dos exageros dos santuários pagãos, nos Livros de Milagres portugueses. Trata-se, antes, de uma coincidência, pelo menos na imensa maioria dos casos. Sempre à espera de um milagre salvador, não admira que dessem um significado sobrenatural a um fenómeno resultante do mecanismo psicológico normal, aplicado a uma preocupação religiosa. Nem podemos negar, aprioristicamente, todas estas curas, sobretudo ao lermos certas narrativas de uma simplicidade única e impressionante.

Os peregrinos de S. Vicente levavam-lhe *dons* e *oblações*, pediam-lhe *graças com muitos gemidos e contrição de coração*. No caso, pelo menos, da cura de uma rapariga lisboeta, bastante

(47) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fis. 4, v.

(48) Bruxelas, 1906, pp. 172-173.

conhecida, houve um rebuliço enorme. Puseram a repicar os sinos de toda a cidade, em acção de graças (49). Outros agradeciam mansamente a Deus os benefícios recebidos, conforme recomendavam os clérigos do santuário (50).

Na festa dos Mártires de Marrocos, em Coimbra, encontramos a estranha *procissão dos nus*. Tal prática devia ser antiga, noutras partes, quando o bom Vicente Martins fez a sua promessa aflitiva, no primeiro quartel de quatrocentos (51).

E o Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos fala-nos bastante destes romeiros, meio despídos, no frio arripiante daquela festa de 16 de Janeiro. Vicente Martins trouxera todos os filhos e contara o *milagre* aos outros aldeões. Um deles foi o seu vizinho, *Joham Cabellos*, que também fez a mesma promessa. Mais à frente, em 1466, *viinham muytos homeens e moços nuus*, no dia da romaria, em cumprimento de promessas ou a pedir alguma graça (52). Vicente Martins, talvez já descansasse na terra da verdade — mas a árvore que ele plantara lançava raízes e esbracejava.

Fr. Manuel da Esperança, no séc. xvii, informa-nos como se fazia esta procissão, no seu tempo. Levavam os rins cingidos com uma toalha ou coisa semelhante. «Alguns se confessão, e commungão; e acabada hua missa, que cantamos, vai saindo a cruz da nossa comunidade nas mãos d'hum religioso, cujos lados acompanhão outros dous, que levão ceroferarios. Seguem-se logo os Nus postos em duas fileiras, assi despídos e descalços, co as cabeças descubertas, as contas em hua mão, e hua vela na outra» (53).

Viria tal prática do desejo de imitar o opróbio dos Mártires de Marrocos que também «forão levados, despídos, e açoutados pelas ruas de Marrocos» (54)? Não nos parece. Nem o escritor do Livro dos Milagres se refere a esta *representação* do martírio, como seria natural. Devia ser um costume antigo

(49) *Translatio et Miracula S. Vincentii*, em P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 97, milagre iv.º.

(50) *Ib.*, p. 99, milagre xn.º.

(51) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 3, v.

(52) *Ib.*, fis. 4-6v.

(53) *História Seráfica*, t. 1, Lisboa, 1656, pp. 299-300.

(54) *Ib.*, p. 300.

da Idade Me'dia (55). Os penitentes entravam em certas procissões, de pés descalços, só com a camisa (*in camisiis tantummodo*).

Nas vigílias, alguns peregrinos rezavam ou liam vidas de santos, conforme recomendava D. Luís Pires. Que os romeiros fizessem a vigília «com toda onestidade e pureza de coração orando rezando ou lendo per livros de sanctas estórias» (56).

Muitos caminhavam descalços, mesmo pessoas de sangue real. Davam voltas em torno da ermida ou da igreja, de joelhos, *queimavam candeias*, e iam *fa\er oraçom* junto do santo, como dizem os nossos cancioneiros. Quanto mais não fosse para que o *amigo* não lhes perdesse o bem-querer. ..

No séc. xvi, o *Livro de la historia y milagros hechos a invocación de nuestra Señora de Montserrat* (57) traça-nos um quadro aproximativo das nossas peregrinações medievais: nobres cavaleiros, diz ele, vêm de longes terras, a pé, com grandíssimo trabalho; outros, tanto homens como mulheres, chegam descalços, com feridas ensanguentadas dos ásperos caminhos ; outros caminham *desnudos con sola camisa, / algunos sin ella*, sofrendo frios e calores; outros sobem as encostas pedregosas do monte, de joelhos; outros carregam aos ombros pesadas barras de ferro; outros atam uma soga ao pescoço ou apertam o corpo com cordas; outros trazem argolas de ferro ao pescoço ou grillhetas nas mãos; outros caminham com correntes de ferro nos pés, trabalhosamente; outros disciplinam-se até derramar sangue; outros caminham a chorar amargamente, uns de dor e arrependimento, outros pedindo a Nossa Senhora que lhes acuda.

As peregrinações relacionavam-se, também, com pecados passados. Os romeiros iam a Roma e outras partes ganhar *perdões*. Como reza a *Crónica da Ordem dos Frades Menores (120Q-128S)*, S. António mandou a um velho «em penitência que vissitasse doze vezes as moradas dos apostolicos e, quamdo aquelle velho dizia estas coussas ao fraire, tornava já de Roma a dozena vez» (58).

(55) Du Cange, *Glossarium*, em *Processiones Publicas*.

(56) Bibl. Públ. de Braga, ms. 871, fl. 12.

(57) Barcelona, 1568, fis. 29-30.

(58) Ed. por J. J. Nunes, t. 1, Coimbra, 1918, pp. 283-284.

Verdadeira ou não, esta pequena história supõe o costume de ir peregrinar, em penitência imposta pelo confessor (59).

Sobretudo, cumpriam-se romarias pelos mortos. O cavaleiro Gil Martins, em 1288, manda um homem a Rocamador, de França, e deixa quinhentos maravedís por *alma daquelles que eu matei, e mandei matar, cfi\ matar* (60). Mais frequente era deixar dinheiro para uma romaria, por alma do testador: «mando que pollo meu haver inuiem outro homem a São Thiago da Galiza e mandem alo dizer outra missa e ponhão hi outra candea e obrada por mim». Assim reza um testamento de 1388 (61).

Peregrinações e cruzadas andavam frequentemente unidas. Um testamento de 1340 deixa *para cruzadas e para Romarias de% libras* (62). E em 1313, o bispo do Porto D. Frei Estêvão urgia, por seu lado, o pagamento das esmolas para a *santa passagem*— isto é, para ajudar os que iam libertar a Terra Santa (63).

As ermidas perdidas nos descampados viviam de *oblações, ofertas, esmolas, mealheiros*, terras de cultura, com «vinhas, e hulivais, figueiredos, terras, chãos, casas, e hortas» (64). Tudo servia para as festas do santo, despesas do culto, sustento do ermitão e esplendor da confraria.

Por costume vindo da noite dos tempos, ofertavam ao santuário uma *imagem historial* da graça concedida, se nos permitem a expressão. Um quadrinho pintado, embora toscamente, uma figura, um barco em miniatura, etc., serviam, à maravilha, para mostrar a gratidão dos fiéis e perpetuar a recordação do *milagre*.

Pela cura dum animal, traziam a sua figura, de cera. Assim fez um criado do Infante D. Fernando: «Joham do Couto criado do Iffante dom Fernando diz que tinha hum cavallo, e que lhe nação hum lobinho apar do olho que estava em ponto de lhe quebrar, e

(59) Du Cange, *Glossarium*, em *Peregrinatio*.

(60) VITERBO, *Elucidário*, em *Consolar*, Cf. Luís Vázquez de Parga, José María Lacarra, Juan Uría Ríu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp. 155-167: *La peregrinación forçada*.

(61) ALB. VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 24.

(62) *Ib.*, p. 20.

(63) VITERBO, *Elucidário*, em *Passagem (Santa)*.

(64) *Ib.*, em *Hermitagio*.

prometteo ao sancto conde hum cavallo de çera» (65). E o certo e que pelas *rogarias* do santo conde o cavalo curou-se e o dono teve de dar «um cavallo de çera».

Junto do túmulo da *santa duquesa* D. Constança de Noronha, em Barcelos, diz uma relação de 1488 que *tudo estava cercado de muitas offertas : a saber de cera, e panno de linho, e ti^allios de terra atados, e mãos, e queixadas, e dentes de cera, e pés, e outras muitas offertas* (66).

Quanto à nossa Rainha S.^a Isabel, a sua «lenda» só menciona, expressamente, um ex-voto, de 1400. Dera* o uma *freirá moça* «ofereceo-se a esta rainha santa com ua mão de cera» (67). Do que acontecia em Nossa Senhora das Virtudes, falaremos adiante.

Estas recordações põem-nos em contacto com a vida religiosa dos romeiros e vinham de longe. Talvez que o documento escrito mais antigo, entre nós, a tal respeito, seja o da *Vita Sancti Geraldi*, de Braga, da primeira metade do séc. xii. Conta-nos o seu biógrafo que na capela «em que repousa o seu santíssimo corpo, muitas figuras de cera, penduradas diante do sepulcro, postas ali pelos doentes, constituem, na verdade, uma prova visível da santidade de tão grande patrono» (68).

Anos e anos depois, em 1310, um tal Lourenço Dinis fala-nos da prática religiosa dos ex-votos, ordenando desta forma, no seu testamento: «Item mando que me ponham ante ho oragoo de Santarém duas ffigururas de bestas hua de coor baio e outra de mua baya, e duas omajejes affeguradas de mym e outra dAffonso Sanchez e sejam de cera» (69):

Voltando ao Livro dos Milagres de Nuno Alvares, do sec. xv, encontramos várias notícias deste género: Diogo Gonçalves, meio cego, *promelteo-lhe hús olhos de cera* (70); Bento Vicente, de Mon-

(65) Bibl. da Casa de Cadaval, cód. 4044, fl. 106.

(66) Fr. Manuel da Esperança, *História Seráfica*, t. 1, Lisboa, 1656, p. 182

(67) *Vida e milagres de Santa Isabel*, (texto do séc. xiv), ed. de J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 94.

(68) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 59, no fim da *Vita Sancti Geraldi*.

(69) A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, em ex-voto, fala destas figuras de cera ofertadas por Lourenço Dias como sendo o ex-voto português mais antigo, conhecido. Não é verdade, como consta da *Vita Sancti Geraldi*.

(70) Bibl. da Casa de Cadaval, cód. 4044, n.º 16.

temor-o-Novo, «estando em Lisboa lhe deu tal door de dentes, que lhe parecia que todos lhos arrancavão, a qual lhe durou dias, e prometteose com grande devação ao senhor conde sancto, que elle rogasse a Deus que lhe desse saude, e lhe tirasse tam grande dor, e elle veo antes a sua sepultura e fez sua oração, e deitou dinheiro pera huns dentes de çera» (71); João Afonso, clérigo de Beja, doente duma perna, «devotamente se prometteo ao sancto condestabre, e vir ao mosteiro aonde elle jaz e mandarlhe dizer húa missa officiada, e trazerlhe hua perna de cera» (72); um frade pregador fez também o mesmo (73) e logo recebeu saúde; Rui Homem, da Castanheira, tendo um filho com uma perna quebrada em dois lugares, comprometeu-se a «vir em Romaria, e trazer huma perna de çera, e mandar dizer huma missa» (74).

A forma do ex-voto relacionava-se, pois, com a natureza do milagre. Por isso, Beatriz Afonso, de Tomar, curada dos olhos (pois um deles *lhe saltou fora na mão*, por causa duma pancada) *se encomendou* ao santo conde, prometendo-lhe *hūas capellas de prata* (75), isto é, uns olhos de prata ou coisa parecida (76).

II. — Peregrinações a S. Vicente do Cabo

Quando, nos princípios do séc. viii, os muçulmanos invadiram a Península Ibérica, nem tudo ficou perdido para o Cristianismo. Entre os muçulmanos, permaneceram muitas comunidades cristãs, com a sua hierarquia e os seus monges e freirás. A onda invasora amansou um pouco e tanto vencedores como vencidos foram-se adaptando. Se aqueles eram mais fortes, estes, continuavam a ser mais numerosos, nalguns lugares.

Muitos cristãos apostataram com maior ou menor sinceridade. Porém, mesmo nos apóstatas, nem sempre o Cristianismo desaparecia totalmente do íntimo das almas.

Embora esmagados de impostos e, algumas vezes, persegui-

p^o) *Ib.* y n.º 24.

(72) *Ibn.*º 105.

(73) *Ib.*, n.º 110.

(74) *Ib.*, n.º 168.

(75) *Ibn.*º 195.

(76) *Capela do olho, quer dizer pálpebra.*

dos, muitos continuavam, abertamente, dentro do catolicismo. Eram os *moçárabes* (77). «Le nom de *mozarabe*, *muzárabe*, *mos-tarabe*, vient probablement de *musta rab* qui désigne un Arabe par droit de naturalisation ou un chrétien qui a adopté l'arabisme. Mais le nom est appliqué plus généralement aux chrétiens d'Espagne qui vivaient sous le joug musulman. L'étymologie *mixto-arabi* donnée par quelques-uns n'est pas exacte» (78).

Esta última explicação filológica que radica a palavra *moçárabe* em *mixto-arabi* surge em vários escritores. Já o cónego Mestre Estêvão, do séc. xiu, escreveu, na *Translatio et miracula S. Vincentii*, que D. Afonso Henriques libertara da servidão «muitos cristãos que se chamam moçárabes, como quem diz misturados com os árabes» — *quamplurimos christianos, qui muhsaraves, quasi mixti arabes nuncupantur* (79). Por seu lado D. Rodrigo Ximénez (fe. 1245 ou 1247) deu o mesmo étimo para o termo moçárabes, «por viverem misturados com os árabes» (80). Era uma explicação comum a portugueses e espanhóis, embora errada.

Mas, prescindamos da filologia. Esqueçamos, também, que em 1045, havia ainda na Vacariça um mosteiro de moçárabes, da Regra de S. Frutuoso de Braga (81). Falemos das peregrinações moçárabes ao Cabo de S. Vicente.

Em devoção e concorrência de fiéis, a célebre Igreja do Corvo, no cabo chamado, hoje, de S. Vicente, vencia a famosa Igreja de S.^{ta} Maria do Algarve, em Faro(82).

A narrativa da trasladação e milagres de S. Vicente, de

(77) H. FLÓREZ, *España Sagrada*, t. 3, Madrid, 1754, pp. 187-192; F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozarabes de España*, Madrid, 1897-1903, pp. vii-xvii ; DAVID LOPES, *OS árabes nas obras de Alexandre Herculano*, em *Boletim de segunda classe da Academia das Ciências*, 4(1911) pp. 378-380, etc. ; P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 85.

(78) F. CABROL, *Mozarabe (Liturgie)*, em *Dictionnaire d'archéologie chrétienne*.

(79) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 96.

(80) DAVID LOPES, *loc. cit.*, p. 379.

(81) MÁRIO MARTINS, *O monacato de S. Frutuoso*, sep. de *Biblos*, 26 ('950), p. 95-100.

(82) F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozarabes de España*, Madrid, 1897-1903, pp. 524-525. Fala dos moçárabes, em Portugal, nas pp. 250-259, 500, 524-525, 629-634, 654-657, 814-815.

Mestre Estêvão ⁽⁸³⁾, lembra-nos a existência antiga dalguns monges moçárabes, meio anacoretas, que guardavam o corpo do Santo e viviam naquela extremidade da costa ocidental, batida pelo mar deserto: «Porém, tendo perecido a Cristandade, em quase toda a Hispânia, por causa da invasão dos sarracenos, alguns varões religiosos [...] esconderam os ossos sacratíssimos do sobredito mártir [sel. S. Vicente], num lugar muito apartado, para o Ocidente, o qual em latim se chama cabo de S. Vicente do Corvo e, em árabe, porém, *elkenicietal corabh*, isto é, igreja do corvo. E construíram, também, quantas celas ⁽⁸⁴⁾ podia comportar aquele lugar apertado metido pelo mar. Nestas celas serviram ao glorioso mártir os religiosos varões, durante algum tempo, para glória de Deus, e celebrou-se o seu culto muito devotamente, não sem benefícios de Deus» ⁽⁸⁵⁾.

Tudo isto poderia ser uma lenda. Mas, os historiadores árabes contam-nos o mesmo, com os indispensáveis remosques à piedade cristã. Efectivamente, colhe-se das suas páginas que vinham, de longes terras, peregrinos moçárabes. E no santuário, encontravam os famosos corvos, já tradicionais na literatura do mártir S. Vicente.

Rasis, o *cronista por excelência*, compunha, no séc. x, a narração de todos estes factos. Escrita em árabe, a *Crónica do mouro Rasis* foi vertida para a língua *portogalesa*, no tempo do nosso rei D. Dinis: «Et nos maestre Mahomad, et Gil Perez, clérigo de Don Peynos Porcel, por mandado del mui noble rrei Don Dionis, por la gracia de Dios, rrei de Portogal, trasladamos este libro de arábigo en lengua portogalesa, et tememos por bien de seguir el su curso de Rasi. De mi, Gil Perez, os digo que non menti mas nin menos de quanto me dixeron Mahamad, et los otros que me leieron» ⁽⁸⁶⁾.

⁽⁸³⁾ A. B. DA COSTA VEIGA, *Estudos de história militar portuguesa*, t. i, Lisboa, 1936, pp. XXXIX-XL; P. M. H., *Scriptores*, t. 1, pp. 96-101.

⁽⁸⁴⁾ Isto é, pequenas ermidas ou casinhas, para eles viverem.

⁽⁸⁵⁾ P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 96.

⁽⁸⁶⁾ D. PASCUAL GAYANGOS, *Memoria sobre la autenticidad de la Crónica denominada del mouro Rasis*, em *Memorias de la Real Academia de la Historia*, t. 8, Madrid 185a. No fim, apêndice n.º 1, vem publicada a *Crónica do mouro Rasis*, segundo o original da igreja de Toledo.

Vertida de português para castelhano, é desta tradução que nos servimos, por ter desaparecido a portuguesa:

«Et este [scl. Abderramão] tomava todos los cuerpos de los que los Christianos crehian et adoravan et llamavan sanctos, et quemavalos todos. Et quando esto vieron los christianos, cada uno como podia fuir, fuia para las sierras, et para los logares fuertes. Et todas las demas de las cossas que en Espanya havia honradas, segunt la fee de los christianos, todas los christianos llevaron á las sierras et á las montañas. El quando él entró en Valencia, tenian los christianos que hi moravan un cuerpo de un home que avia por nombre Veçeint, et honrravanlo como si fuera Dios, et los que tenian aquel cuerpo façian creher á otra gente que façia ver á los ciegos, e fablar á los mudos, et andar á los cojos; desta guisa enbaucavan á las gentes que eran sandias. Et quando ellos vieron á Abderrame, ouvieron miedo que él que saveria esta burla, et fuyeron com él. Et dixo Abolacin un cavallero natural de Fez que andava con su conpañã á monte en la rivera de la mar, que fallara, en un cavo de la tierra que va sobre el Algarve, et entra sobre el mar de Lisbona, el cuerpo de aquel home porque los christianos huiron de Valencia; fiçieron hi cassas en que moravan. Et que él matara los homes, et los moços llevó captivos, et que dejara hi los huesos de aquel home» (87).

André de Resende (*f* 15y3) serviu-se, ainda, da versão portuguesa da *Crónica do mouro Rasis* (88). Chama-lhe o *Livro de Rasis*. Também ele nos informa acerca dos seus tradutores: «Rasis Mouro, cronista de Miramolim de Marrocos seré veo hum livro das cousas de Hispania. Ho qual livro foi de lingua arabica trasladado em Portughes aper meestre Mafamede, Mouro dos que em Portugal sohia haver & screveo com elle hum Gil Perez capelão de Pedreanes de Portei, filho de dom Joam de Avoim» (89).

Resende escreveu a história do mártir S. Vicente, traduzindo para latim a narrativa do famigerado «cronista de Miramolim

(87) *Crónica do Mouro Rasis*, ed. de Gayangos, pp. 93-94, P. 2, n.º 29.

(88) G. MICHÁELIS de VASCONCELOS, *André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis*, Lisboa, 1922, pp. 3-5, diz-nos que a *Crónica do Mouro Rasis* tinha, também, outros nomes : *Geografia e História de Espanha*, etc.

(89) *Idem, ib.*, p. 9.

de Marrocos». E vê-se que conta substancialmente a mesma coisa :

«Este [Abderramão] tirava das igrejas e fazia queimar todos os corpos daqueles em que os cristãos acreditam, a quem veneram e chamam santos. Ao verem isto, os cristãos, conforme cada um podia, fugiam com estas tais coisas para os montes e para os lugares seguros e inacessíveis. E assim, todas as várias coisas que, na Espanha, eram religiosas, para a fé dos cristãos, foram levadas para as montanhas das Astúrias. Porém, aproximando-se ele de Valência, os cristãos que aí viviam tinham lá o corpo dum certo homem morto, de nome Vicente. E eles adoravam-no, como se fosse Deus. E os que tinham o corpo em seu poder persuadiam o vulgo que aquele homem fazia ver os cegos, falar os mudos e andar os coxos diretamente. E assim dementavam a gente estulta.

«Quando, porém, souberam da chegada de Abderramão, tiveram medo de que se descobrisse esta trapaça e fugiram, levando consigo o corpo daquele homem. E disse Alibohaces [...] que tendo vindo, certo dia, com a sua companhia, até à costa marítima do Algarve, a fim de caçar na extremidade do monte que se mete pelo mar, encontrou, ali, o corpo daquele homem, com os que tinham fugido com ele de Valência, os quais tinham lá feito casinhas, aonde habitavam. E certo é que matou os homens, mas às crianças trouxe-as consigo cativas; porém, deixou ficar o corpo desse homem» (91).

E sabido que a *Crónica do mouro Rasis* entrou para a *Crónica Geral*, a segunda, já refundida, de 1344. E nela ficou interpolada. Vertida esta crónica para português, *retroverteu-se*, deste modo, o *Livro de Rasis* para a *lengua portogalesa* (90 91). Desta forma, vamos encontrar a narrativa do santuário da Igreja do Corvo, num belo português medieval. Em Valência, «tiinham hi os christãaos (92) que hy moravam huum corpo dhuum homen que avya nome Vicente e oravano como se fosse Déos». Os anos

(90) ANDRÉ DE RESENDE, *Antiquitatum Lusitaniae Lib. V, Orationes item, Epistolae Historicae et poemata omnia*, Colónia. F600, pp. 165-166.

p¹) C. MICHAELIS DE VASCONCELOS, *ib.*, pp. i5-i6.

(92) **Desdobramos as palavras e pomos letras maiusculas em nomes próprios : Fez, Algarve, etc.**

correram. «E disse Abelfacem huum cavalleiro natural de Fez que andava con sua companha a monte na rribeira do mar que achara em cabo da serra que vem per sobre o Algarve e entra em aquelle mar de Lixboa, o corpo daquelle homem com que aquelles fugiron de Vallença con elle e que fezeron hi casas em que moravan e que elle matara os homeens e que leixara hy os ossos do homem» (93).

Cristãos e muçulmanos conheciam a fama da Igreja do Corvo e o promontorio onde ela se erguia: Tarf-al-gorab(Cabo do Corvo). Iam lá peregrinos moçárabes e crentes do Alcorão, tanto mais que os monges do santuário mostravam-se bastante hospitaleiros. Não lhes faltavam rendas nem esmolas.

Junto dos monges, viviam algumas famílias. O mouro Rasis fala-nos de crianças (94) e os centros de grandes peregrinações originavam, com frequência, uma pequena povoação.

Idrisi ou Edrici, pelos meados do séc. xn, diz que desde «Tarf-algarb até à igreja do Corvo vão sete milhas. Esta igreja não sofreu alteração alguma desde o tempo dos Romis (95) até hoje, possuindo bens das esmolas que lhe dão e das ofertas que lhe fazem os cristãos que ali acodem em peregrinação. Está situada num promontório que se mete pelo mar. No cimo da igreja estão (constantemente) dez corvos, aos quais nunca pessoa alguma viu ausentarem-se ou saírem dali; os sacerdotes da igreja contam dos ditos corvos coisas maravilhosas que tornariam suspeito a quem as referisse.

«Todos os que passam por aquela igreja vêem-se obrigados a não sair de lá até tomarem a comida hospitalária que lhes oferecem, sendo isto uma obrigação forçosa e um uso constante que nunca se muda e que, conforme é coisa sabida, se veio prolongando, ininterruptamente, dos antigos aos modernos.

«A igreja, com as suas dependências, é servida por sacerdotes

(93) Bibl. da Academia das Ciências, de Lisboa, ms. 1, (iluminado)

fl. 89 v. Esta passagem foi-nos apontada pelo nosso amigo Dr. Luís Lindley Sintra. Cf., também, a sua obra: *Crónica Geral de Espanha de 1344* Lisboa, 1951, pp. 345, 469-472, 371, 373 nota i5i, 376.

(94) Dizemos o mouro Rasis ou quem fez esta pequena interpolação, antes da transferência das relíquias para Lisboa, no séc. xii. E aqui, prescindimos do problema da autenticidade das relíquias.

(@5) Isto é, *cristãos*.

e monges, e possui tesouros consideráveis e rendas copiosas que, na maioria, procedem de legados e donativos recolhidos pelas comarcas a povoações do Algarve, sendo empregadas nas necessidades da igreja e dos seus ministros e mais pessoas dedicadas ao seu serviço, assim como, também, para dar hospitalidade a todos os viajantes e peregrinos que vêm visitá-la, quer sejam poucos quer muitos» (96).

Na sua *Pérola das maravilhas*, Ornar Ibn Aluardi cita-nos outro escritor muçulmano, Abu Hamid Alandalusi, igualmente do séc. xii. Também deduzimos das suas informações que a Igreja do Corvo era um centro de peregrinações, mesmo para os muçulmanos. Em frente da santuário cristão, escreve Omar, levantava-se uma mesquita, aonde os *muslins* (97) ou seguidores de Mafoma iam em romaria. Era ali que eles comiam a *adiafa* ou comida hospitalária. Mais uma vez, aparece a história do corvo. Empoleirado na cúpula da Igreja, crocitava tantas vezes quantos eram os peregrinos muçulmanos que acabavam de chegar. Deste modo, sabiam os monges a comida que era preciso trazer:

A Península da Igreja (*Geprat-Alcanisa*)

«Refere Abu Hamid el Andalusi (98) que nesta península existe um monte sobre a costa do Mar Negro (") e, em cima dele, uma escavação aberta a picareta na rocha do monte, em que se levanta um grande edifício em forma de cúpula; sobre ele, vê-se um corvo a esvoaçar e sem nunca se afastar dali. Em frente da cúpula está uma mesquita visitada pelos muçulmanos, convencendo-se eles de que a oração ali feita é melhor ouvida.

«A gente desta igreja tem a obrigação de servir a *adiafa* aos muçulmanos que visitem a mesquita ; e logo que chega umromeiro,

(96) F. XAVIER SIMONET, *Historia de los mozárabes en España*, Madrid, 1897-1903, pp. 255-256.

(97) Muslim, muslemo, etc., isto é, *salvado*. Na prática, o mesmo que muçulmano.

(98) Os nomes árabes, postos em línguas europeias, apresentam uma ortografia desorientadora, pela sua falta de uniformidade. Neste ponto, não pretendemos nem temos competência para introduzir uma unidade que ainda não existe.

(99) Um dos muitos nomes dados pelos árabes ao Atlântico.

o corvo introduz a cabeça no interior da igreja e dá tantos gritos quantos são os peregrinos muçulmanos: se é um, um; se são dois, dois; e se são dez, dez, sem nunca se enganar; e com isto, logo vem gente da igreja ao encontro deles com a adiafa, consoante o número, sem lhes levar de mais nem do menos.

«Contam, também, os sacerdotes que eles reparam sempre neste corvo e que não sabem aonde ele come nem onde bebe. E esta igreja é conhecida por Igreja do Corvo — Casinat-algorab» (100).

Os cristãos das terras libertadas conheciam, também, esta igreja. Mestre Estêvão cita, por sinal, o vocábulo árabe: «arabice vero [dicitur] *elkenicietal corabh*, id est, ecclesia corvi» — em árabe, porém, [chama-se] *elkenicietal corabh*, isto é, igreja do corvo (101). E acrescenta ser um projecto antigo de D. Afonso Henriques trazer o corpo do Santo, para terra cristã. Ora, continua ele, «nesse tempo, o dito rei restituiu da servidão dos infieis à terra cristã muitos cristãos chamados moçárabes [...], Entre eles, vieram dois irmãos (102), varões religiosos de idade avançada e hábito monacal que, no lugar sobredito, também tinham, de bom acordo, passado a sua vida no serviço do bem-aventurado mártir. E estes, vivendo honesta e religiosamente em Lisboa, aos muitos que o desejavam ansiosamente saber comunicaram cuidadosamente o que conheciam do lugar aonde os seus antecessores tinham posto o bem-aventurado Vicente».

A última expedição árabe contra o santuário, quando o tal cavaleiro de Fez matou os homens e levou cativos os jovens, arruinara, bastante, este centro de devoção. Com efeito, guiado por uma velha crónica de S.^{ta} Cruz de Coimbra, diz-nos André de Resende que os dois monges moçárabes foram com os soldados e desembarcaram no cabo de S. Vicente. Ali, procuraram recordar o sítio da Igreja do Corvo; «finalmente, por indicação dos corvos, acharam vestígios e, arredada a terra com muitas

(100) Este documento vem na Íntegra, em árabe e castelhano, na obra de F. X. SIMONET, *Historia de los mozarabes en España*, ed. cit., pp. 814-815.

(101) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p 96.

(102) *fratres*, diz a *Translatio et miracula S. Vincentii*. Não sabemos se eram também irmãos carnaís ou só membros de alguma ordem religiosa.

escavações e limpa do entulho, encontraram o caixão de madeira do sagrado corpo, por baixo do altar arruinado da capela» (103 104 105 106). E André de Resende ajunta que estava apodrecida a madeira do ataúde em que repoisavam os restos de S. Vicente.

Destas fontes árabes e cristãs, concluem-se dois factos principais: existia, no cabo de S. Vicente, uma igreja fartamente concorrida de peregrinos moçárabes e respeitada pelos próprios muçulmanos ; além disso, uma poética costumeira antiga mantinha, no santuário, um ou mais corvos alimentados, provavelmente, pelos monges e peregrinos. Eram recordação do primeiro corvo que defendera o corpo do mártir contra o lobo e as aves de rapina. Vamos verificar um facto semelhante, em Lisboa.

A Translatio et Miracula S. Vincentii (104 105 106) põe-nos em contacto com os romeiros e devotos de S. Vicente, desde a jornada audaciosa à Igreja do Corvo até à série de maravilhas, na cidade de Lisboa. Os portugueses «preparam os navios, com tudo pronto, atiram-se ao mar, vencem os perigos e chegam ao lugar desejado, depois duma feliz navegação. E ali, insistindo em orações e vigílias», descobriram o corpo do santo e meteram-no num barco, para Lisboa, cheios de alegria (405). E as ondas do mar amargo tornaram-se mansas sob a quilha santa do barco das relíquias (106j). Finalmente, «com alegres remadas chegam à praia e tiram do navio a santíssima carga, pondo-a aos piedosos ombros».

A posse destes despojos sagrados despertara rivalidades incontidas, segundo escreve Mestre Estêvão: «quando, ao amanhecer, a cidade soube tão bom acontecimento, fez-se um ajuntamento de paisanos e soldados. Uns contestam, violentamente, e defendem que elas, [as relíquias], se deviam pôr no mosteiro duns certos regulares que viviam fora da cidade. Outros, com melhor parecer, gritam que deviam levar o corpo santíssimo para a igreja catedral» (107). Graças à intervenção do cônego Roberto, foi o corpo levado para a Sé.

(103) ANDRÉ DE RESENDE, *Antiquitatum Lusitaniae Libri V*, Colónia, 1600, pp. 159-162 SIMONET, *op. cit.*, p. 258, nota 2, traz abundante bibliografia árabe e cristã em torno desta trasladação. E mais poderia acrescentar.

(104) *p_m H. A./., Scriptores*, t. 1, pp. 96-101.

(105) */z.*, p. 96.

(106) *ib'.*, p. 96.

(107) *P. M. H., Scriptores*, t. 1, pp. 96-97.

Voltam de novo, sobre as ondas amargas, ao Cabo do Corvo, a buscar o que lá tivesse ficado, por causa da pressa ou por simples descuido. E tudo isso trouxeram, com diligência e vigilante cuidado. E assim, «ajuntam às outras relíquias cinzas sagradas, madeira do caixão e parte do casco da cabeça» (108j).

Desde então, doentes, cegos, aleijadinhos, marítimos atribulados sobre as ondas incertas do mar, imploram, vezes sem conto, o socorro de S. Vicente.

Os vinte e quatro milagres, narrados por Mestre Estêvão, dão-nos uma ideia destas peregrinações. Também na Sé, encontramos os mesmos corvos simbólicos, de que fala Prudêncio, já no séc. lv (109). Muitos não acreditavam, observa Mestre Estêvão. Porém, não foi maior maravilha ver um corvo esfomeado guardar-lhe o corpo, logo após o martírio?

O melhor é escutar o biógrafo : «também alguns escarnecedores, ingratos à divina clemência, zombam de dois corvos que muitas vezes foram vistos chegar, em voo rápido, até debaixo do arco da abóbada da parte dianteira da igreja. Ora, eu penso, na verdade, que é muito mais inacreditável (e mais inacreditável porque mais maravilhoso) o facto de uma ave cheia de voracidade e entregue à gula ter-se esquecido da sua natureza voraz, conseguindo não só não tocar na carne do santíssimo mártir, triturada pelo ferro, pelo fogo e pelos muitos tormentos, mas, também, guardá-la ilesa das outras aves e das bestas feras, o que é espantoso! E contudo, isto foi muito verdade! Por vontade de Deus, pôde esta ave, também sem comer, alimentar o santo profeta, durante quarenta dias (llü), e não pôde voar até à sobredita igreja, quanto mais não fosse para dar testemunho do santo corpo?» (1A1).

Os anos iam florindo e murchando. D. Mateus (f 1282), bispo de Lisboa, viu que eram «estreitos aposentos, que avia para agasalho dos romeiros». Por isso mandou reconstruir e alargar o hospital dos peregrinos, certamente com a ajuda das esmolas que

(108) /*, p.97.

(109) Em *Peri Stephanon (Hymnus V. In passionem S. Vincentii Martyris)*.

(HO) Refere-se ao profeta Elias.

(m) *P. M. HScriptores*, t. 1, p. 98, milagre VIIIº.

estes lá deixavam. Devia haver bastante dinheiro na *arca de S. Vicente*. Como escreve D. Rodrigo da Cunha, «rendião entam grande quantidade de dinheiro as esmolas desta arca, pela multidão de peregrinos que acodião a visitar o santo, e pelos votos que lhe fazião» (112).

No séc. xiv, D. Afonso iv, ainda infante, foi *em romaria a S. Vicente de Lixbõa*, e assim *comprio sa romaria* (113). Mais do que os reis, recorriam a S. Vicente os habitantes de Lisboa, por ser o *patrão da cidade* : «não ficava igreja, escreve Fernão Lopes, que não fosse cheia de companha onde se faziam muitas inclinações, prometendo muitos votos de missas, jejuns, romarias, ferindo-se muitos peitos, cantando-se muitas litánias [...], cada um chamando o Santo em que maior devoção havia, e especialmente S. Lourenço, senhor dos ventos, e S. Vicente, patrão e defendedor da cidade» (114). E mais longe, o cronista fala-nos da promessa do povo lisboeta, ordenando uma procissão no dia de S. Vicente, «e fosse onde jaz o seu corpo, e de cada mister lhe fosse offertado um cirio» (115).

Tais romarias eram um mixto de piedade e soltura de costumes. Nas constituições de D. João de Esteves de Azambuja (1402-1414), cap. 32, ordenava ele, «que nom cantassem nem dançassem nem balhassem nem trebelhassem, nos mosteiros e igrejas, cantos, danças e trebelhos desonestos nem em a festa de sam Vicente» (116). Se tal sucedia nas igrejas e mosteiros, fora deles seria pior.

Ao Cabo do Corvo, continuaram a ir alguns peregrinos. Tanto o rei D. Dinis, como Zurara e D. Duarte, referem-se à devoção a S. Vicente, nesse promontório. Numa carta escrita de Frielas, a 4 de Setembro de 1316, fala o rei lavrador dum «herdamento que El Rei seu pai havia dado para hospitalidade dos que hião em romaria à Ermida de S. Vicente do Cabo» e manda ao bispo

(112) *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, P. 2, cap. 52.

(113) *Vida e milagres de Dona Isabel*, ed. por J. J. Nunes, Coimbra, 1921, p. 34.

(114) *Crónica de D. João 7*, P. 2, cap. 4.

(115) *Id.*, P. 2, cap. 49.

(116) Cap. 32. Foram publicadas estas constituições por Borges de Figueiredo em *Revista Archeológica*, t. 1, (1887) PP- 1 0-15; 28-31; 60-64;

77-79; 94-96; 108-109.

que cuide da capela e do que for mister, para agasalho dos romeiros e decência do culto (117).

Isto supunha o respeito dos reis pela romaria de S. Vicente do Cabo. Os bispos faziam o mesmo. Nos estatutos medievais da Sé de Silves, em latim, manda-se que os réditos da *ecclesia S. Vincentis do Cabo* (118) se gastem na sua conservação. Estamos já no séc. xv. Anos depois, o bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, ao desabrochar o séc. xvi, «logo na primeira visita que fez ao Bispado se encaminhou à Ermida do Cabo, a qual tinha sido mandada construir pelo Infante D. Pedro, filho de ElRei D. João I sobre o lugar da sepultura do Santo» (119). E construiu, ao lado, um pequeno mosteiro, naquela áspera paisagem, que os jerónimos habitaram por poucos anos.

Por seu lado, Zurara fala-nos dum escravo mouro que certos navegadores portugueses ofereceram a *sam Vicente do Cabo* (120). Lançarote e os mestres das caravelas, antes de repartirem alguns prisioneiros, «levarom em oferta o melhor daquelles Mouros aa Igreja daquelle lugar, e outro pequeno, que depois foe frade de Sam Francisquo, enviarom a Sam Vicente do Cabo, onde sempre viveo como catholico christão» (121).

E em roda da pequena igreja, batida por todos os ventos, esvoaçavam ainda os tradicionais corvos sagrados, se acreditarmos no que nos conta D. Duarte, no *Leal Conselheiro* (122):

«Eu vy hum [milagre] muyto claro em os corvos do C[^]bo de sam Vycente, dos quaaes afyrmam os que moram naquella comarca, homeens de muy antiiga ydade a que o preguntey, que nunca vyrom em elles mudança, por que som dous, e nunca mais nem menos. Veensse aos homeens receber o pam que lhe lançom, e aguardam tam seguro e de preto como se fossem aves manssas.

«Esto natureza nom consente que tanto podessem vyver, por que na leenda do dicto sancto fez meençom que dous corvos guardaron! o sseu corpo das outras aves e caães quando no campo foy

(117) J. B. DA SILVA LOPES, *Memórias para a História ecclesiastica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848, p. 197.

(H8) *Ib.*, p. 567.

(119) *ib.*, pp. 295-296.

(120) *Crónica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1949, p. 242.

(121) *Ib.*, p. 123.

(122) Ed. Piei, Lisboa, 1942, pp. 143-144.

lançado, e agora veer aquelles que nunca som mais nem menos, como dicto he, sem adoecerem nem fazerem mudança em sua manssydoe, parece cousa muyto maravylhosa».

III. — S. Frutuoso, S.^a Senhorinha e S. Geraldo

i.º — Peregrinações a S. Frutuoso de Montélios.
Furto das suas reliquias

O corpo deste grande condutor de monges jazia em S. Salvador de Montelhos ou Montélios. Ali morrera e ali ficara, depois de ter povoado a Península com mosteiros da sua Regra (123). E o seu corpo repousou num deles, conforme conta S. Valerio: *edificavii monasterium, ubi suum humatum est corpus* (m).

Também S. Frutuoso fora peregrino e S. Valério descreve a sua romaria à cidade de Mérida, através da Beira Baixa, para venerar S.^{ta} Eulália: *ob desiderium egregie virginis Eulalie* (125). Por sua vez, o corpo do bispo bracarense atraiu os peregrinos do Minho e da Galiza. De facto, os manuscritos antigos da *Vita Sanctissimi Fructuosi* trazem um pequeno aditamento anterior à trasladação para Compostela. Reza desta maneira, vertido do seu latim bárbaro:

a Perduram os milagres para todos os que vão ao sacratíssimo sepulcro do seu santo corpo. Porquanto, ali, não só ficam curados os doentes mas, também, põem-se em fuga os demónios. E qualquer pessoa aflita que supplica o seu invicto patrocínio, logo alcança do Senhor todo o fruto da sua prece» (126).

Pelo seu lado, um códice alcobacense (127) acrescenta mais estas linhas: «Também lá se manifesta outro venerável testemunho da sua grande santidade. Com efeito, evola-se do seu santo corpo um tal perfume, de suavidade imensa, que supera o bálsamo, o nardo e qualquer espécie de aroma».

(123) MÁRIO MARTINS, *O monacato de S. Frutuoso*, sep. de *Biblos*, 2b (1950).

(124) S. VALÉRIO, *Obras*, ed. por R. F. Pousa, Madrid, 1942, p. 88.

(125), pp. 76-77.

(126) *Ib.*, pp. 89-90.

(127) Cf. FR. FORT. DE S. BOAVENTURA, *Commentariorum de alcobacensi manuscritorum bibliotheca libri tres*, Coimbra, 1827, p. 474.

Muitos peregrinos vinham de longes terras, pois os monges de S Frutuoso falavam dele, por toda a parte, e vários códices, com a sua vida ⁽¹²⁸⁾, registam a fama desses *milagres*, em bela letra gótica.

Em 1102, com o roubo das relíquias para Compostela, verifica-se, decerto, um deslocamento na intensidade local dessas romagens. O centro de gravidade passou para a cidade santa da Galiza.

D. Hugo, futuro bispo do Porto, mas, ao tempo, arceidiago de Compostela, conta-nos, pormenorizadamente, esta audaciosa aventura medieval — *um pio latrocínio*, como ele diz. Estas páginas vividas constituem um documento psicológico de primeira classe, acerca da paixão das relíquias, nesta costa ocidental:

Trasladação de S. Frutuoso, S. Silvestre, S. Cucufate, e da virgem e mártir S.^{ta} Susana, para Compostela.

«No ano, pois, da Encarnação do Senhor, 1102, o venerável Pai, D. [Diogo Gelmires], pela graça de Deus segundo bispo da Sé de S. Tiago de Compostela, no segundo ano do seu episcopado, determinou visitar as igrejas, capelas e herdades que, na região portuguesa, consta pertencerem à jurisdição da Igreja de Compostela. De facto, é obrigação do bom pastor cuidar não só dos bens externos da sua Igreja mas, também, dos internos para, com as suas providências, restaurar e regular aquilo que, porventura, encontrar de prejudicial ou desordenado.

«Tomou, então, consigo algumas pessoas mais gradas da sua Igreja e dirigiu-se para Portugal conforme resolvera. Ora, ao aproximar-se da cidade que se chama Braga, mandou à frente um correio que anunciasse a sua chegada ao arcebispo da cidade. E o arcebispo, chamado Geraldo, varão prudente e religioso, ao ouvir que o bispo de S. Tiago vinha à sua cidade, encheu-se de alegria. Reunindo todos os clérigos, cidadãos e o que havia de brilhante na sua Igreja, veio-lhe ao encontro e recebeu processionalmente e com grande honra o bispo de Compostela. Enquanto o clero cantava, ele mesmo, pegando-lhe com a mão direita, introduziu-o na Sé e, com grandes rogos, pediu-lhe que ali se dignasse celebrar missa, naquele mesmo dia.

(128) S. VALERIO, *Obras*, ed. cit., pp. i-38.

«Depois da celebração da missa, o arcebispo acompanhou, honradamente, o bispo a comer e, depois da refeição, levou-o aos seus aposentos particulares. Assim, dando-lhe a sua própria morada, ficou noutra habitação.

«Passou, pois, o bispo de S. Tiago aquele dia, em casa do arcebispo de Braga. Mas, no dia seguinte, dizendo adeus aos irmãos daquela Igreja e dando-lhes a bênção, o sobredito bispo, em companhia do arcebispo, chegou à igreja de S. Vítor, de cuja jurisdição pertence uma metade à cidade de Braga. Foi recebido como senhor, nos régios palácios.

«Enquanto percorria as suas igrejas, visitando-as e celebrando, nelas, missas solenes, soltava gemidos de afectuosa religiosidade, vendo como os corpos de muitos santos ali jaziam semi-sepultados, sem a devida honra. E, levado pela sua piedade revolvia, no seu religioso coração, o que depois levaria a efeito, com a ajuda de Deus. Na verdade, com religioso empenho, perguntava ele de que maneira poderia extrair as preciosas margaritas daqueles lugares indecentes e levá-las para a cidade de Compostela.

«Reunindo, por conseguinte, os seus clérigos familiares, de provado conselho, revelou-lhes, com estas palavras, o que ele queria fazer e de que maneira :

«—Irmãos caríssimos, sabeis que viemos a estas partes para, no caso de haver qualquer coisa arruinada ou desordenada nestas igrejas e herdades, as restaurássemos e ordenássemos, com a nossa estadia aqui, e mudássemos para melhor estado o que se encontrasse em má situação. Mas, não escapa, agora, ao vosso zelo quais são as coisas que nelas estão mal. Efectivamente, muitos corpos de santos não têm a honra de culto algum, antes vedes como eles jazem patentes e desnudos aos olhos do público, por aqui e por ali. Não ignorais que lhes falta a veneração a que têm direito. Se, pois, a vossa prudência nos der o seu conselho, trataremos de emendar isto e cuidaremos em transferir, para a Sé de Compostela, alguns corpos dos preciosos santos a que, neste lugar, ninguém presta culto nenhum. Porém, precisamos de fazer isto às escondidas, não seja caso que o povo desordeiro desta terra, espoliado de tão grande tesoiro, levante contra nós alguma repentina revolta e venhamos a arrepende-nos de termos tentado, em vão, o que ousamos tentar.

«Tendo os clérigos aprovado este projecto, como se viesse por divina inspiração, e afirmando eles que não se devia adiar, o venerável bispo, cheio da maior alegria espiritual, respondeu, dizendo : — Que o Senhor Jesus Cristo, em cuja misericórdia confiamos, realize piedosamente o nosso desejo e digno-se levar a bom fim o nosso piedoso projecto.

«Depois disto, entrou na igreja de S. Vítor e, celebrada aí a missa, mandou cavar na parte direita do altar-mor. Logo se encontrou, debaixo da terra, uma arca de mármore admirável e delicadamente fabricada e, tendo-se aberto na presença do senhor bispo, encontraram-lhe dentro duas cápsulas de prata. Tomando-as, então, o sobredito bispo, com grande temor, abriu-as, dando glória ao nome do Senhor, com salmos e hinos. Numa delas, mostrou que havia reliquias de Nosso Senhor e Salvador; e na outra, relíquias de muitos santos. Tendo-as fechado e selado seguramente, entregou-as à guarda dos seus fiéis clérigos.

«No outro dia, dirigiu-se à igreja da bem-aventurada Susana, virgem e mártir, perto da igreja de S. Vítor, e nela celebrou missa com a maior devoção. Acabada a missa, ainda paramentado com as sagradas vestes e a alma cheia de temor, aproximou-se dos mártires S. Cucufate e S. Silvestre, que repousavam na mesma igreja. E, às escondidas, tirou dos indecentes sarcófagos os seus gloriosos corpos. Envolveu-os em limpo lençol, mandou a fâmulos idóneos e fiéis que os levassem, com grande reverência, para os seus aposentos, e os guardassem fielmente. Uma vez chegado ao sepulcro da virgem S.^{ta} Susana, tomou o seu venerável corpo, com choro, suspiros e lágrimas, e entregou-o para, escondidamente, o guardarem com os outros.

«Além disso, sabendo o varão de Deus que, por divina misericórdia, lhe fora concedida a graça de ser ele a honrar os corpos dos santos, determinou também trasladar, de igual modo, as gloriosas cinzas do corpo do bem-aventurado Frutuoso, confessor e pontífice, e colocá-lo com mais decência.

«Assim, dois dias depois, chegaram à igreja do bem-aventurado Frutuoso, onde [o bispo] celebrou missa, solenemente. No fim dela, dirigiu-se ao sepulcro, paramentado com as vestes sagradas. Mas, como S. Frutuoso era padroeiro e defensor daquela região, foi com o maior temor e silêncio que ele, num pio latrocínio, o

tirou da igreja que ele mesmo (129) fizera, quando ainda era vivo e, depois de o tirar, entregou-o à vigilância dos seus fiéis guardas.

«Apesar de todos ignorarem este facto (afora os que tomavam parte neste plano) o bispo de nenhum modo pôde dormir socegradamente, na noite seguinte. E que tinha medo de perder o que se alegrava de ter consigo. Porém, logo que soube, de manhã, que não se tinha propalado o que ele fizera, levando com gozo e alegria o seu tesouro escondido para uma certa quinta de S. Tiago, chamada Corneliana (130), regressou a toda a pressa, como quem se punha em fuga.

Ora, na Corneliana, chegou um rumor popular aos ouvidos do bispo. Corria que o bispo de S. Tiago praticara uma façanha indigna, pois tentava levar, para a sua cidade, santos tirados da terra portuguesa, a saber, defensores e padroeiros da Pátria.

«Ao ouvir isto, ele, que era um homem de grande prudência e piedade exímia, receou perder a preciosa carga por qualquer acaso ou pela violência. Entregou os corpos dos santos a um fiel arceidiago e, com sabedoras palavras, ensinou-lhe por que caminhos ocultos os devia levar à cidade de Tui.

«Ficando, pois, o bispo, na Corneliana, e caminhando o arceidiago, conforme lhe fora mandado, até ao rio Minho, que corre à beira de Tui, chegou venturosamente. Na verdade, o rio crescera, antes, com três dias de violentas tempestades, de modo que não podia ser atravessado em nenhum barco. Mas, apenas colocaram na margem do rio os corpos dos santos, parece que o rio sentiu respeito por eles» (131).

O que se passou na Galiza, interessa menos à história da espiritualidade portuguesa. Ao encontro dos santos, saiu, alegremente, todo o povo e clero de Compostela, com hinos e cânticos, caminhando os clérigos descalços. E o velho escritor medieval, mais tarde bispo do Porto, acrescenta, gloriamente: «Eu, Hugo, cônego e arceidiago desta Sé de Compostela, que tive conhecimento do sobredito segredo e que, também, com a presença do corpo e devoção do espírito, dei fiel conselho e ajudei diligentemente

(129) Sel. S. Frutuoso.

(130) Correlhã.

(131) *Historia compostellana*, L. i, cap. i5; ANSELM GORDON BIGGS, O. S. B., *Diego Gelmiref*, Washington, 1949, pp. 40-45.

a encontrar e agenciar este tão grande tesoiro, escrevi com cuidado e entreguei, fielmente, à memória dos pósteros, o bom sucesso do sobredito acontecimento, para que não adormecesse na escuridão do esquecimento» (132).

Não é para aqui julgar da moralidade desta façanha de Diogo Gelmires e seus clérigos (133). Ainda assim, temos de recordar que a indecorosa atitude de D. Diogo, ante a hospitalidade de S. Geraldo de Braga, tornara-se bastante frequente na Idade Média, muito menos cavalheiresca do que nós imaginamos. Na peregrinação de D. Maurício à Terra Santa, veremos o arcebispo bracaraense abusar da boa fé dum pobre velho.

O túmulo de S. Frutuoso lá ficou, tragicamente vazio (134), pois nada garante a autenticidade dum pequeno osso que D. Diogo Gelmires ali teria deixado. Ainda assim, o povo continuava a ir à sua igreja. Como escreve Fr. Manuel de Monforte, apaga o Santo mui bem a seus devotos tudo o que por seu amor fazem, com frequentes milagres, que alli obra nos que se encommendão a elle, e devotamente visitão sua sepultura. Com singularidade se experimenta esta virtude contra os obsessos, que de todas as partes, ainda que remotas, são alli trazidos, e lançados de seus corpos os demónios, que antes os atormentavão, e se tornão livres para suas casas» (135).

Tinham passado mais de mil anos sobre a morte do Santo.

De S. Martinho de Dume pouco sabemos, como centro de piedade dos peregrinos. Mas no séc. xvi, o seu sepulcro continuava a ser «respeitado de todo o povo como de são Martinho, e com particular devação e piedade venerado dos serenissimos Reis Dom João II e Dom Manuel, e últimamente do Infante Dom Luis, quando passarão em romaria a Santiago de Galliza» (136). Porém, de nada vale insistir, à falta de documentação mais antiga.

(132) *Historia compostellana*, L. i, cap. i5.

(133) CARDEAL SARAIYA, *Obras Completas*, t. i, Lisboa, 1872, pp. 81-82.

(134) J. AUG. FERREIRA, *Fastos episcopais*, t. 1, Famalicão, 1928, p. 116.

nota 3.

pao) MANUEL DE MONFORTE, *Crónica da Província da Piedade*, Lisboa, 1751, p. 243.

(136) D. RODRIGO DA CUNHA, *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, P. 1, Braga, 1634, p. 326.

2.º — Santa Senhorinha de Basio

Pelo nome cheio de poesia e peia vida aureolada de lenda, S.^{ta} Senhorinha merece um lugar de relevo neste capítulo de peregrinações. Na primeira metade de seiscentos, continuava a ser «venerada sua sepultura, e frequentada de romeiros, que de mui longe vem a ella, pellos muitos milagres que Déos hi obra por meo das reliquias da Santa, e da terra de sua sepultura, que tem por milagrosa para curar maleitas e outras enfermidades» (137). Tal piedade vinha da Idade Média, pois a biografia do séc xn fala-nos de romeiros chegados de Guimarães, Braga, Lisboa e Zamora. Também a sua festa entrou nos missais e calendários litúrgicos, pelo menos nesse século. E daí para diante achamo-la nos missais de Braga e S.^{ta} Cruz de Coimbra (138).

Senhorinha não era um nome extraordinário, em Portugal. Aparecem outros assim : Senhorinha Fernandes, Senhorinha Rodrigues, (139), Senhorinha Pires (140), etc.

A darmos crédito ao titulo xxii dos *Livros de Linhagens* (141), S.^{ta} Senhorinha pertencia à família dos *Sousaões* e era filha de Hufo Hufes (142). A *Vita Sanctae Senorinae*, por seu lado, diz que o pai déla era o conde *Avulfus*. E lemos estas linhas dos *Livros de Linhagens*, na vaga indecisão de tantas genealogias difíceis de fiscalizar: «E este dom Ahufo Ahufez foy casado com dona Tereza e fez em ela o conde dom Goeÿçoy Aúfez que chamaram o Nonnado e Sancta Senhorinha de Basto» (143). E ajunta ser ela parente de S. Rosendo — ou *Sam Roosendo* (144).

No séc. xii, os biógrafos de S. Rosendo registaram este mesmo parentesco, falando-nos da visita dele ao mosteiro de

(137) *Idem, ib.*, p. 458.

(138) A. XAVIER MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, em *Cenáculo*, 5 (1949-1950) p. 240.

(139) p. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 149. (*O Livro das Linhagens do Conde D Pedro*).

(140) *Ib.*, p. 147.

(141) *Ib.*, pp. 190-191.

(H2) *Avulfo, Adulfo, etc.*

(143) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 190.

(144) *Ib.*, p. >9<.

S.^{ta} Senhorinha, ccsua parenta, segundo se diz» — *ipsius, ut dicitur, consanguinea* (445).

A expressão, *ut dicitur*, é bem pouco tranquilizadora. Mas, o problema não nos interessa e esperamos que Emílio Saez nos diga alguma coisa, neste sentido, ao tratar de *Los ascendientes de San Rosendo* (446) e *San Rosendo y los orígenes del monasterio de Celanova*.

As duas vidas latinas de S.^{ta} Senhorinha não nos oferecem grande segurança documental. Porém, interessam-nos no que respeita às práticas e devoções dos romeiros, em torno do corpo de S.^{ta} Senhorinha de Basto. Dizia-se que estava inteirinho e que ela parecia dormir — *audivit etiam, quod ipsa in sepulchro adhuc sit toto corpore integra, et tanquam dormire videatur* (447). Corria isto já no tempo do arcebispo de Braga, D. Paio, que morreu à volta de 1138.

O biógrafo de S.^{ta} Senhorinha, contemporâneo de D. Paio, escreve, pois, com um recuo de mais de um século sobre a morte da Santa (c. 982). Foi mais do que suficiente para amortilhar a sua memória numa lenda deliciosa.

Mesmo alguns dos *milagres*, contados como sucedidos em vida de S.^{ta} Senhorinha, andam bem longe da garantia histórica que nos oferecem muitos dos que vêm na *Sancti Rudesindi vita et miracula*, na *Vita Sancti Geraldii* e na *Translatio et miracula S. Vincentii*. Estes eram contemporâneos dos factos e podiam verificar muitos deles. O escritor anónimo da vida de S.^{ta} Senhorinha herdou, em parte, uma vaga tradição oral, diluída numa simpática ingenuidade, digna da *Legenda Áurea*. Falta-lhe robustês crítica, mesmo ao lado doutros autores da sua época.

Este hagiógrafo, é certo, trata, por vezes, de milagres apócrifos, alguns deles *imitados* doutras vidas (de S. Bento e S.^{ta} Escolástica, por exemplo). Porém, devido a um anacronismo frequente em tais escritores, as suas páginas registam informes interessantes sobre a vida religiosa, não tanto do tempo de S.^{ta} Senhorinha, como dos anos posteriores, até meados do séc. xn. Ademais,

p45) *ib.*, p. 37, na *Sancti Rudesindi Vita et Miracula*.

(446) Em *Hispania*, 8 (1948) pp. 3-86, continuando nos num. seguintes.

(447) P. M. H. *Scriptores*, t. 1, p. 50, na *Vita Sanctae Seniorinae*.

alguns factos foram contados por um clérigo que vivia na igreja de S.^{ta} Senhorinha, bem informado das idas e vindas dos romeiros.

A biografia mais curta, posterior à primeira, já fala de D. Afonso ⁱⁱ. Descreve a contínua afluência desses peregrinos, em grupos ou sozinhos, e afirma : «soubemos que [S.^{ta} Senhorinha] faz todos os dias inúmeros milagres, de modo que os doentes tornavam com saúde, os possessos ficavam livres, os manetas voltavam com as mãos, os coxos com os pés, os surdos com os ouvidos e os cegos com vista» (148).

Exagero retórico ? Decerto ! Porém não podemos negar a realidade de tais peregrinações, embora menos floridas de milagres.

Os romeiros foram os grandes *globe-trotters* da Idade Média, com uma diferença: olhavam para Deus, mesmo quando fitavam o mundo.

Vinham de longe. Ljm bufarinheiro judeu chega de Zamora, sobe desrespeitosamente ao sepulcro da Santa, mas é castigado. E foge miseravelmente para Toledo. D. Paio Mendes (f. c. 1138), em visita pastoral pela sua diocese, vai rezar junto de S.^{ta} Senhorinha e assiste à cura dum cego de nascença. Milagre autêntico ? Não nos parece. Pensamos, antes, que é uma linda história para explicar o facto de ninguém ter verificado se o corpo de S.^{ta} Senhorinha estava, efectivamente, intacto ou não (149): «Eu, diz [o cego] sempre fui cego de nascença e vi uma mão que tocou nos meus olhos e vejo o Arcebispo e o sepulcro de Santa Senhorinha!» Ante um testemunho desta força, o arcebispo põe de parte o desejo de abrir a sepultura, que Deus quer que esteja fechada, para todo o sempre. *E que isto é verdade ouvimo-lo daqueles que viram* (150).

De Guimarães, chegou um certo Silvestre, *vexado do demónio*, e uma mulher com a filha, ambas atribuladas com a vida de família. O rumor das maravilhas chegou a terras de Espanha, pois de lá partiram peregrinos, por terem ouvido falar dos milagres da Santa — *auditis miraculis Divae*.

(i**) *Ib.*, p. 53.

(149) *Jb'*, p. 50.

(150) *Jb.*, p. 51.

Um deles trazia um filhinho coxo, em cima dum jumento. E «uma mulher apareceu ao coxo e falou-lhe : — Menino, diz ela, dá-me o pau que tu trazes ! E ele, ao querer estender-lho, levantou-se curado e, então, desapareceu a mulher» (151).

Por vezes, chegavam a dormir tantos romeiros na igreja que não cabia mais gente (152).

Os milagres, chamemos-lhes assim, desta *Vita S. Seniorinae*, poderiam dividir-se em duas categorias. Os que se contam como sucedidos no tempo de S.^{ta} Senhorinha revelam características nitidamente lendárias. Num deles, por exemplo, encontramos um episódio algo romântico dum irmão de S.^{ta} Senhorinha. Vira-se ele obrigado a entrar numa quadrilha de ladrões e foi ela que maravilhosamente o tirou dos grilhões da cadeia (153). Noutra, S.^{ta} Senhorinha faz calar as rãs, que não deixavam rezar os salmos. Certa ocasião, S.^{ta} Senhorinha proibiu à chuva que caísse na eira onde se debulhava o trigo. E assim por diante.

Para nos fixarmos num destes milagres *vagabundos*, recordemos, com o bolandista H. Delehaye, que já Suetónio conta a mesma maravilha de mandar calar as rãs, acerca de César Augusto — «et depuis lors les grenouilles ne coassent plus à cet endroit. Le même fait merveilleux a été mis sur le compte de plus d'un saint : saint Rieul, saint Antoine de Padoue, saint Bennon de Meissen, saint Georges, évêque de Suelli, saint Hervé, saint Jacques de la Marche, sainte Ségnorine, sainte Ulphe» (154).

Dos milagres contados pelo clérigo nem sempre podemos sorrir do mesmo modo.

São estes últimos e outros posteriores que nos trazem mais pormenores acerca da vida religiosa dos peregrinos, classes sociais a que eles pertenciam, etc. Vemos que também D. Sancho i veio ao túmulo de S.^{ta} Senhorinha, levando devotamente a cabo uma novena em sua honra — *cum novendiale devotus exequeretur votum* (155).

(151) *Ib.*, p. 51.

(152) *Ibidem*.

(153) *Ibidem*.

(154) HIPPOLYTE DELEHAYE, S. J., *Les légendes hagiographiques*, Bruxelles, 1906, p. 39.

(155) p. M. H. y *Scriptores*, t. 1, p. 53.

Fr. António Brandão encontrou, no cartório da Sé de Braga ⁽¹⁵⁶⁾, a escritura original, em latim, referente a tal acontecimento e datada com o ano de **1238** da Era de César (1200 do nascimento de Cristo). Nela, escreve o rei D. Sancho: «Tendo eu percorrido algumas partes do meu reino, por motivo de oração, vim ao lugar aonde descansa o corpo da bem-aventurada Senhorinha e, aqui, dirigindo, como devia, as minhas preces a Deus Nosso Senhor, instei junto da virgem [S.^{ta} Senhorinha], com gemidos e suspiros».

S.^{ta} Senhorinha curou-lhe o filho e D. Sancho 1 percorreu a pé —*pedibus meis*— a terra em volta do santuário, que ele queria coutar, a ver por onde se haviam de pôr os muros.

A dedicação dos reis portugueses a este santuário tão popularmente português durou, ainda, longos séculos. Um documento do *Livro dos Registros del-rei D. Pedro I*, na Torre do Tombo, fala-nos desta devoção antiga : «Em nome de Déos. Amen. Saybão quantos esta carta virem, como eu Dom Pedro pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, a honra e serviço de Deos, e da Virgem Santa Maria sua madre, e assinadamente a honra, e louvor da Bemaventurada Santa Senhorinha de Basto, e do Bemaventurado São Gervaz, e em remimento de meus peccados, faço doação à dita Igreja de Santa Senhorinha para sempre, em guisa que nunca possa ser revogada, de todo o direito que eu hey do padroado da Igreja de Santa Maria do Salto do Arcebispado de Braga

Com tal condição, que qualquer que dela for Abbade, tenha hum Capellão para todo sempre, que cante em cada hum dia Missa, sobre o Altar, e diga as horas Canonicas em huma Capella que na dita Igreja fez Dona Ignes de Castro, aonde está o corpo de São Gervaz. E outrossi tenha um Mozinho, que sirva o dito Capellão na dita Igreja de todo o que lhe comprir, e tenha para todo sempre tres alampadas com azeite, que tambem de dia como de noyte estem sempre acesas, e huma esté diante o Crucifixo, outra ante hu jaz seu corpo de Santa Senhorinha» ⁽¹⁵⁷⁾.

(156) FR. ANTÓNIO BRANDÃO, *Monarquia Lusitana*, t. 4, Lisboa, 1725, pp. 94-95 ; Bibl. Públ. de Braga, *Rerum Memorabilium*, t. 1, fl. 108, publicado por A. XAVIER MONTEIRO em *Cenáculo*, 5 (1949-1950) p. 237, n.º 1.

(157) FR. ANTÓNIO BRANDÃO, *Monarquia Lusitana*, t. 4, Lisboa, 1725, pp. 95-96 : A. XAVIER MONTEIRO, *Santa Senhorinha de Basto*, em *Cenáculo*, 5 (1949-1950) p. 239, n.º 1, publica o mesmo documento, da Torre do Tombo» Chañe, de D. Pedro I, Liv. 1, fl. 43 v.

Nalguns milagres descobrimos as práticas religiosas dos romeiros. Um hidrópico do reino de Aragão «acabadas as Vésperas» depois de acender as velas, deitou-se de costas, diante do sepulcro da Santa, pois não podia dormir nem estar deitado doutro modo». Na igreja, já de noite, alguns rezavam, outros dormiam, todos acabavam por cair com sono — *dormientibus vero omnibus*, diz a vida de S.^{ta} Senhorinha (158 159 160). Contudo, nem todos lá passavam a noite, de vigília. Alguns, ao entardecer, voltavam para casa ou para algum abrigo de peregrinos, deixando os outros a rezar, com velas acesas (159 160).

Cumpriam-se as promessas e agradeciam-se os milagres, pois «o cego, lembrado, durante muito tempo, de tão grande benefício, tendo comprado velas e oblações, com as esmolas que lhe davam, oferecia tudo à sepultura da Santa» (161).

Alguns romeiros ficavam bastante tempo, junto do santuário. Nesse caso, podiam comer à custa de S.^{ra} Senhorinha, em cujas terras trabalhavam.

O pai daquela criancinha aleijada, de Zamora, esteve 16 dias, pelo menos, junto de S.^{to} Senhorinha. Mas o bom homem cultivava as vinhas do santuário : «Como ele (161) se demorasse na Igreja da Santa, cerca de dezasseis dias, e tendo o pai do mesmo rapaz ido trabalhar, com os outros camponeses, nas vinhas da Santa, deixou o filho na eira, para guardar o pão ; e o pai fez isto para que ele e o filho merecessem o alimento que lhes havia de dar a Igreja da Santa» (162).

A vida deste centro de peregrinações estava bem organizada, mesmo materialmente. Talvez até existisse alguma albergaria para os romeiros, algo de semelhante à *casa de los peregrinos* de Santa Maria de Vila Sirga, perto de Carrión de los Condes (163).

O biógrafo de S.^{ta} Senhorinha esteve, pessoalmente, em Basto, onde falou com as testemunhas dalguns factos : *ab iis qui viderunt*

(158) p. M. H., *Scriptores*, t. i, p. 51.

(159) *Ibidem*.

(160) *Ibidem*.

(161) Sel., o rapazito.

(162) p. M. H., *Scriptores*, t. i, p. 51

(163) MARQUÉS DE VALMAR, *Estudio sobre las Cantigas del Rey Don Alfonso el Sabio*, Madrid, 1897, p. 149.

accepi, escreve ele — ouvi daqueles que viram ⁽¹⁶⁴⁾. E, mais à frente, insiste na mesma afirmativa : *Hoc autem esse verum ab iis qui viderunt accepimus*. Outro informador, a quem já nos referimos, foi um clérigo, chamado Paio, prior da igreja de S.^{ta} Senhorinha : *Clericus nomine Paius huic Ecclesiae praepositus nobis affirmavit...* (Um clérigo chamado Paio, que governava esta igreja, afirmou-nos...). Evidentemente que lhe contaria bastantes milagres, pois ali vivia, a escutar as narrativas dos romeiros. De facto, os dois cegos vindos de Lisboa «contam ao clérigo chamado Paio tudo o que lhes tinha sucedido» ⁽¹⁶⁵⁾ ~ e o mesmo fariam outros peregrinos.

Os hagiógrafos só registavam uma pequena parte do que andava de boca em boca ou do que ficava consignado nos Livros de Milagres. Por isso, escreve o autor da *Vita S. Seniorinae*, «vou falar dos milagres [...], mas de nenhum modo poderei contar todos os que Deus por meio dela fez e faz» ⁽¹⁶⁶⁾.

O pregador da festa recordaria, forçosamente, as maravilhas obradas por S.^{ta} Senhorinha, neste estilo concreto e caseiro que o povo compreende tão bem. O tom da vida maior de S.^{ta} Senhorinha ⁽¹⁶⁷⁾ lembra, mesmo, um sermão de festa, desde o prólogo até ao começar dos milagres sucedidos após a sua morte. Estes últimos têm a aparência de um apêndice, feito pelo mesmo pregador ou por outro qualquer.

Em certos casos, registavam-se as narrativas populares, com a exactidão duma reportagem:

«Dois mancebos, cegos, de nascença, vieram até cá, de lugares muitíssimo afastados, pois lhes tinha chegado aos ouvidos a fama dos milagres desta Santa. Ora, tendo entrado em Lisboa, perguntaram aonde estava sepultado o corpo de S.^{ta} Senhorinha ? Responderam-lhe que se dirigissem ao arcebispado de Braga, a um rio que se chama Basto, junto do qual está sepultado o corpo de S.^{ta} Senhorinha. E eles, trazendo consigo também as mulheres, chegaram à igreja e contaram a um clérigo chamado Paio tudo o que lhes tinha sucedido. E quando o sol caía para o ocaso,

(164) p% *M. H. y Scriptores*, t. i, p 50.

(165) p. 5i.

(166) *Ib.*, p. 50.

(167) //pp 46-51.

voltando os outros para casa, os cegos, com as mulheres, ficaram junto do sepulcro da virgem. E embora ambos rezassem, contudo, um deles, como se verá depois, orava com maior empenho da alma. Com efeito, acabada a primeira vigília da noite, estando ainda acesas as velas, junto do túmulo da virgem, o cego mais amigo de Deus ouviu um trovão tão forte que todo o edifício parecia desabar e lhe despertou o companheiro. E este, acordando, perguntou :

«— Que é isto ?

«Então, o que era devoto disse:—Vejo toda esta casa cheia de círios acesos.

«E logo o mesmo que cobrara a vista tocou os sinos, alvoroçado de gozo e alegria. Então, todos os clérigos e empregados da igreja, acordados, viram o cego que cobrara a vista e veneraram a Deus e a Santa, por tão grande benefício» (165).

Em suma, S.^{ta} Senhorinha de Basto concentrava um pequenino mundo de gente religiosa, em torno do santuário :romeiros que chegavam e que partiam, cegos, aleijados e doentes, peregrinos que trabalhavam nas terras da igreja, clérigos, empregados e, finalmente, o *mocinho* para ajudar o capelão, de que nos fala a escritura de D. Pedro I.

3.º — S. Geraldo de Braga

Cada santuário encontrava o seu historiador e cada santo o seu biógrafo. S. Geraldo, monge de Cluni, mais tarde arcebispo de Braga, morreu em 1108. Francês, teve um cronista contemporâneo na pessoa doutro compatriota seu, o arcediogo Bernardo ou Bernaldo, futuro bispo de Coimbra.

Fora S. Geraldo quem o trouxera para Braga : *Ego Bernaldus natione Gallicus ad partes Bracarensium a Beato Geraldo ductus..* (168 168 169). Quer dizer: Eu, Bernardo, gaulês de nação, trazido para as terras de Braga pelo bem-aventurado Geraldo...

A sua *Vita Sancti Geraldi* é um depoimento coetâneo dos factos, sóbrio e veraz, embora nem sempre acerte na interpretação dos acontecimentos. Apesar das suas fraquezas, esta biografia desmente, no que lhe toca, uma afirmação de Fidelino de Figuei-

(168) *ib.*, p. 51.

(169) *ib.* p. 58, na *Vita Sancti Geraldi*.

redo, exagerada, na sua generalidade : «Essas agiographias carecem totalmente de espírito crítico, são apologias do milagre e do sobrenatural» (170).

Sem exigirmos das páginas do arcediogo a crítica histórica que levou séculos a levedar, é certo oferecerem elas uma base documental séria. No que respeita aos *milagres*, a sua explicação, muitas vezes, é inaceitável. Mas, já não dizemos o mesmo dos factos em si, na maioria.

Também à volta de S. Geraldo esbracejou a lenda, frondosamente. Porém, isto veio depois. Fr. Leão de S. Tomás (170 170 171), ao lado dos informes de D. Bernardo, *cronista do Santo*, insere alguns outros, menos históricos. E o mesmo vale para o *Agiolégio Lusitano* (172), ao contar-nos os milagres das «cadeas do glorioso S. Giraldo» e dos sinos que repicavam «por mão invisível», todas as vezes que S. Geraldo ia para a Sé. Nada disto aparece na *Vita Sancti Geraldi*.

Nestas páginas, descrevem-se as mesmas cenas doutros centros de peregrinação. Notamos até que o povo conservou intactas, através dos séculos, muitas formas de piedade já velhas no tempo de D. Bernardo.

Nos muros das igrejas e santuários, penduravam-se ex-votos, em recordação das graças recebidas ou destinados a impetrar a misericórdia de Deus. Eram, geralmente, figurinhas de cera moldada, representando mãos, pernas, braços, cabecinhas de criança, seios, olhos, animais, etc. — enfim, um sinal histórico do milagre obtido ou a obter (173).

Talvez lá se encontrassem, igualmente, ex-votos a representar navios, como nos santuários portugueses de agora. Muitos devotos de S. Geraldo, «navegando pelo mar, se alguma vez se levanta uma tempestade, recebem, sem demora, segura calma, ao invocarem, à uma, o nome do santo» (174). Um deles foi o clérigo Honorico, de Braga, peregrino da Terra Santa (175).

(170) *História da literatura clássica*, (1502-1580), Lisboa, 1922, p. 35.

(171) FR. LEÃO DE S. TOMÁS, *Benedictina lusitana*, t. 2, Coimbra, 1651,

pp. 285-309.

(172) T. 2, p. 392.

(173) p.M.H.j *Scriptores*, t. 1, p. 5g.

(174) /z, p. 5g.

(175) *Ib.*, p. 58.

Embora viessem romeiros de mais longe, da Espanha e de Trás-os-Montes ⁽¹⁷⁶⁾, D. Bernardo fala-nos, sobretudo, da gente do Minho, principalmente de Braga. Aparece um cle'riga a quem o Santo sarou «uma fistula, conforme dizem os médicos» ⁽¹⁷⁷⁾, uma mulher com uma espinha de peixe atravessada na garganta do filhinho ⁽¹⁷⁸⁾, uma leprosa entrevada da gafaria, transportada em cima dum carro, um monge que acompanhara várias vezes S. Geraldo e que não tinha barco para atravessar o rio Cávado, etc.

Por último, D. Bernardo conta-nos como estivera quase afogado, com um apostema na garganta : «Por fim, diz ele, lembrando-me do costumado patrocínio de S. Geraldo, a favor dos oprimidos e e dos doentes, corri ao seu sepulcro, apesar de ter o corpo fraco, e lá chorei durante muito tempo. E entre estas lágrimas, falei assim, dizendo : — O bem-aventurado e santíssimo confessor Geraldo, lembra-te, por favor, que me trouxeste, outrora, para estas regiões e me elevaste ao estado clerical e mandaste que me sujeitasse à Igreja de Braga [...], Mas, agora, molestado por uma gravíssima doença, vejo-me abrigado a morrer como exilado e estrangeiro, em terra alheia» ⁽¹⁷⁹⁾.

E até ser curado, o biógrafo de S. Geraldo passou noites inteiras, de vigília, ao pé da sepultura do Santo. De manhã, voltava para casa e dormia.

Chegavam romeiros das mil aldeias perdidas nas montanhas e veigas nortenhas : uma fidalga, com um filho possesso do demónio, segundo ela pensava; um clérigo de Panóias, com uma doença «a que os médicos chamam cefaleia» e que, «refugiando-se junto do túmulo do santo Confessor, ali recitou salmos durante toda a noite, com lágrimas e preces»; um homem de Coucieiro, que agradeceu a cura «e ofereceu ao sepulcro o que as suas posses lhe permitiam»; uma mulher asmática que vivia «entre dois rios, a saber, o rio Homem e o Cávado»; uma outra, paralítica, e um rapaz surdo, cego e entrevado que ficou «aos pés do santo Confessor ⁽¹⁸⁰⁾ e ali permaneceu imóvel como um tronco» ⁽¹⁸¹⁾.

(176) *ib.*, p. 59.

(177) *ib.* p. 58.

(178) *ib.* p. 58.

(179) *Jb.*, pp. 58-59-

(180) *Sel., S. Geraldo.*

(181) *P.M. H., Scriptores*, t. 1, p. 58.

Tais narrativas dolorosas revelam o fundo constante da espiritualidade destes centros de peregrinações : Deus e os Santos não permaneciam alheios à dor humana, o *milagre* fazia sentir essa presença actuante de Deus, na vida dos homens.

Chegavam, mesmo, a trazer loucos: «Também existe a lembrança de ter sido levada ao sepulcro deste mesmo Confessor uma rapariga maníaca—*puella maniaca* — que andava, há um ano inteiro, a vaguear, furiosa, pelos descampados dos montes e à qual S. Geraldo fez um patente milagre» (182).

Como já notámos, muitos peregrinos adormeciam com a ideia fixa duma cura milagrosa. Tal ideia libertava-se, às vezes, sob a forma duma visão, em sonho, a que Deus *podia* unir a cura extraordinária. Nem sempre é possível verificar a verdade de tal ou tal facto particular. No entanto, o conjunto parecemos substancialmente exacto. Além disso, o vocabulário não possui a exactidão técnica das obras rigidamente teológicas. O termo *visio*, muitas vezes, significa *visão nocturna*, *sonho*, embora lhe possa andar ligada uma graça especial de Deus.

Basta recordar este caso, para nele surpreendermos o tom geral destas curtas narrativas:

«Conta-se, também, que vivia na cidade de Braga uma mulher cujo filho pequenino, estando certo dia a comer peixe, ficou com uma espinha presa na garganta. Por causa disso a criancinha, atormentada por uma dor intolerável, não podia achar alívio em nenhum remédio da medicina.

«Ora, a mãe, ignorando a causa da dor, passava o tempo a chorar. Por isso, triste e a gemer, correu ao sepulcro de S. Geraldo, com o filho nos braços; e ali, chorando toda a noite, pedia que se lhe desse remédio para tanta dor.

«S. Geraldo, olhando às lágrimas da pobre mãe, arredou aquilo que se prendera à garganta da criancinha e mitigou-lhe completamente a dor.

«Então, na noite seguinte, o santo e glorioso varão apareceu, em visão — *in visione* — à mãe da criancinha, falando-lhe deste modo: — O sofrimento que molestava o teu filho, sem tu o saberes, era insuportável. Efectivamente, atravancava-lhe a garganta uma espinha de peixe, que se prendera; estando ela cravada nas carnes,

arranquei-a, com a ajuda do poder de Jesus Cristo Nosso Senhor.

«E a mulher, despertando, celebrou, por toda a parte, as grandezas de S. Geraldo, magnificando a glória de Omnipotente» (183).

Mais tarde, na festa de S. Geraldo, o povo ornamentava-lhe o altar, com uvas, peras, melões, melancias, etc. (184). Tais ofertas pareciam significar um pedido de bênção para os campos.

«Tem o Santo confraria muy principal, escreve Fr. Leão de S. Tomás, que o festeja particularmente no seu dia, e a armação com que se orna seu sepulchro são Cidras, Limões, Maças e uvas, reconhecendo a Déos por autor principal dos frutos da terra, e ao glorioso São Geraldo por intercessor da criação, e conservação déliés, e quando estes frutos faltão armasse o sepulchro com frutos semelhantes, feitos de sera» (185).

Pelos meados de quatrocentos, veneravam-se já as *cadeas de S. Geraldo*, correntes de ferro que teriam cingido o corpo do Santo (186). E foi, também, nessa época, que o arcebispo de Braga, D. Fernando Guerra, ornamentou, no seu palácio, «a sala que chamão de S. Giraldo, e mandou pintar no forro, e paredes delia, a vida do santo» (187).

Ao núcleo primitivo, os séculos iam ajuntando coisas novas — como um ser vivo que é sempre o mesmo e sempre *outro*.

IV — Milagres e romarias portuguesas, nas «Cantigas de Santa Maria»

Em tempos de D. Afonso X, o Sábio (f 1284), sagrara-se o galaico-português como a língua preferida dos poetas peninsulares. E no entanto, alguns deles versejavam nas terras áspers de Castela ou cultivavam a *gaya scienda* na corte de Aragão. Com um pouco de lisonja mas ainda mais de verdade, o Marquês de Santillana, no séc. xv, lembrava a D. Pedro, condestável de Portugal,

(183) *Ibp.* 58.

(184) AUG. FERREIRA, *Fastos episcopais*, t. 1, Famalicão, 1928, p. 227, n.º 2.

(185) F. LEAO DE S. TOMÁS, *Benedictina lusitana*, t. 2, 1652, p. 300.

(186) D. RODRIGO DA CUNHA, *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, t. 2, Braga, 1635, p. 235.

(187) *Ibidem*.

«que non ha mucho tiempo cualesquier decidores é trovadores destas partes, agora fuesen Castellanos, Andaluces, ó de la Estremadura todas sus obras componían en lengua gallega ó portuguesa» (188). Um deles foi D. Afonso X, nas suas *Cantigas de Santa Maria*.

Através da Europa católica daqueles dias, circulavam colecções de milagres, em verso e em prosa, em latim e nas línguas românicas, sobretudo à volta de Nossa Senhora e dos grandes santuários marianos. Afonso X leu alguns desses Livros de Milagres ou falou, pessoalmente, com os romeiros, para cantar, em verso, muitas das suas históriazinhas devotas.

No seu clássico *Estudio sobre las Cantigas del Rey Don Alfonso el Sabio* (189), o Marquês de Valmar conseguiu classificar as fontes poéticas destes pequeninos cantares de gesta sagrada. Pouco inventou o Rei Sábio. Ele mesmo o confessa, em várias ocasiões, e escreve: *contou-me um clérigo que o achou escrito...; contar am-me. . o u v i di\er...; achei escrito um mui grande milagre contarei que mo juraram homens de boa vida.. ou vi eu contar a uns romeiros que foram reyxr a Rocamador.. escrito achei num livro antigo...; em Soissons há um livro todo cheio de milagres...* (190).

As *Cantigas de Santa Maria* são a epopeia sagrada dos milagres e peregrinações marianas. Vemos desfilar a multidão cosmopolita que enche as igrejas de Nossa Senhora, de além-Pirenéus, ouvimos os romeiros dos santuários espanhóis de S.^{ta} Maria de Vila Sirga, de Nossa Senhora de Tudia, de S.^{ta} Maria de Sala, de S.^{ta} Maria de Ofia, de Nossa Senhora de Atocha, da Virgem de Siguenza e outras igrejas famosas. Desta vasta ondulação mariana, de cujas maravilhas as cantigas de Afonso X são a crónica rimada, queremos isolar, unicamente, as poesias referentes a peregrinos, milagres e santuários portugueses. Tais cantigas representam a *lapidação* do diamante em bruto que eram as históriazinhas em prosa, partidas de cá para Castela ou que Afonso X leu nos nossos Livros de Milagres.

D. Afonso, o Sábio, estava ao par desses factos, por meio de

(188) *Carta al Condestable de Portugal*.

(189) Madrid, 1897, cap. 4.

(190) *Idem, ib.*, pp. 152-156.

relações orais e, provavelmente, através de cópias manuscritas e ambulantes dos milagres de Nossa Senhora. Pelo menos, conhecia a sua existência. De facto, ao falar dum milagre acontecido em Santa Maria de Évora, afirma que estava lá um *grande volume* deles :

«foron, aa grand eigreja
que é de Santa Maria,
ú (i9i) gran vertude sobeja
mostra de sanar enfermos,
ond'an feit'un gran volume» (192)

Deixemos de lado a parte estética destas narrativas em verso. Depois de tanto se ter escrito neste sentido, seria deitar água no mar pôr, aqui, as magras coisas que sabemos. Vamos, antes, encarar tais composições poéticas como documento histórico de maior ou menor valor, em torno das romarias portuguesas de Nossa Senhora, no séc. xm.

Ainda assim, digamos, de passagem, como se articulam, frequentemente, essas cantigas. Tomemos como tipo a cant. cccxxii : *Como Santa Maria guariú uun ome en Évora que ouvera de morrer d'nn osso que se lh'y atravessara na garganta.*

Este título inicial, em prosa, resume o conteúdo histórico da narrativa. A seguir, vem o refrém sempre a repetir-se no fim de cada estrofe :

*A Virgen, que de Deus madre este, filha et criada,
d*acorrer os pecadores sempr'está aparelhada.*

Tal refrém repisa uma ideia dominante, a que poderíamos chamar a filosofia moral da história, isto é, uma conclusão que se desprende, reflexivamente, da sua leitura.

As vezes, numa estrofe ou em mais de uma, desenvolve-se o pensar contido no refrém. Assim acontece nos versos que temos entre mãos, sobre o santuário de S.^{ta} Maria de Évora. Efectivamente, escreve D. Afonso, o Sábio, Nossa Senhora não nos ¹⁹¹ ¹⁹² ¹⁹¹

(191) Onde.

(192) Cant. c.cccxxviii. Seguimos a ed. de Valmar, em dois volumes: *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio*, Madrid, 1889. Daqui em diante, poremos, no texto, o número da cantiga.

socorre, somente, em certos dias ou em horas marcadas. Ajudamos prontamente, em todos os tempos e de todas as guisas, para não ficarmos fora do reino do seu Filho, onde ela é rainha. Sobre-tudo, tem Santa Maria piedade de nós, nas grandes doenças e dores. E em prova disso, se me escutardes, vou contar-vos um grande milagre que fez esta honrada Senhora.

Segue, depois, o prodígio da Virgem SS.^{ma} que nós pomos em português de hoje em dia, mas conservando-lhe o sabor arcaico que não impeça a compreensão da linguagem :

«Em Évora, vivia um homem que fiava muito da Virgem e que todos os dias se lhe encomendava. Uma noite, quando ele estava em casa, a ceiar, sucedeu que chegou a ponto de morrer, a desoras, sem tardança. Com efeito, o homem era grande comedor e metia bocados muito a miúdo, na boca, grandes e desmesurados. Nessa noite, ceava ele uns coelhos assados e atravessou-se-lhe um osso na garganta. E cerrada ficou ela de tal maneira que cuidou ser afogado, pois aquele osso tinha-lhe tapado o gorgomilo. E assim, daí a pouco tempo, estava tão fortemente inchado que já não podia tomar fôlego nem também falar nada.

«Assim esteve grande tempo, sem poder comer nem beber coisa alguma, a não ser caldos e água fria. Por fim, chegou a festa da Virgem S.^{ta} Maria de Agosto, quando ela foi coroada. Então, todos os seus parentes e amigos o tomaram e à igreja desta nobre Senhora o levaram e, dando-o por morto, ante o altar dela o deitaram. E ali passou aquela noite, até de madrugada.

«Quando a missa já diziam, tomou-o uma tosse tão forte que cuidaram logo que era chegada a morte. Porém, a Virgem gloriosa que dos coitados é conforto, não quis que ele morresse ali, daquela vez. Pelo contrário, fez com que, ao tossir, deitasse imediatamente o tal osso pela boca, diante de quanta gente ali estava. Logo, de boa mente, louvores deram a S.^{ta} Maria, Mãe de Deus amada».

O ritmo do linguajar do povo e as suas expressões entraram bastante nas cantigas de Afonso X, de modo que estas narrações diferem pouco da prosa anónima dos Livros de Milagres — afora a rima e a estrutura da composição poética.

Das cantigas de S.^{ta} Maria relacionadas com Portugal, pomos de parte a LV, localizada em Lisboa.

Esta canção não parece de origem portuguesa e vem já nas páginas de Gautier de Coincy : *De la nonnain que Nostre Dame délivra de grant blasme et de grant poine* (193). Mas aqui, o facto não se dá em terra portuguesa e, em lugar do clérigo, surge um cavaleiro. Também vemos acontecer quase o mesmo, na cant. xeiv, em que um fidalgo se apaixona, também, pela pobre monja que era *menynha frentosa*. Em suma, tudo isto tem o sabor das lendas errantes, embora com a beleza poética duma parábola em torno da misericórdia acolhedora da Mãe de Deus. E ver como ela recebe a filha pródiga, que regressa envergonhada, *andando senpre de noite come sse fosse ladroa* (cant. LV) !

França, Espanha, Lisboa, pouco importa; certas lendas vagabundas poisam aladamente, aqui e além, e ao fim dalgum tempo ganham foros de cidadania. A lenda errante lança raízes, modifica-se e ganha cor local, substancialmente a mesma e sempre nova.

Certos casos, bem situados em terra portuguesa, deviam ter nascido dum núcleo histórico primitivo, embora modificado pela imaginação popular. Assim acontece à cant. ccxxxviii, acerca do jogral de Guimarães. *Como Deus se vingou d'un jograr tafur que jogava os dados et porque perdera descreu en Deus et Santa Maria*. Tal cantiga mostra que o povo achava bem o castigo de Deus contra quem blasfemasse da Mãe SS.^{raa}, de Nosso Senhor e do padre *que levava Corpus Christi* :

À passagem do sacerdote com o SS.^{mo} Sacramento, escreve D. Afonso, os joelhos em terra todos puseram, diante daquele que nos libertou da cadeia do Dragão. E o jogral taful e mal-andante ? Esse cuspiu, fez pouco dos que ajoelhavam e insultou o padre. Resultado: a Virgem SS.^{ma}, invocada pelo sacerdote, deixou que o demónio viesse e logo matasse o jogral. E a alma do incrédulo foi parar aos infernos, pois renegara de Jesus e S.^{ta} Maria.

Outro facto corria de boca em boca, a propósito dum clérigo: *Como Santa Maria guariú o crérigo que se lie tornaran as pernas atrás porque fe\ uuns panos menores d un pano que furtou de sobelo altar* (cant. cccxxvii).

Aconteceu este milagre mui fremoso, feito pela Mãe do Rei

Jesus Cristo, *en Odimira*. Ao verem o castigo do mau clérigo e a sua cura maravilhosa, «todos começaram o seu nome de loar». E o milagre, levado nos lábios piedosos dos romeiros, chegou aos ouvidos do Rei Sábio: *ouvi contar*, confessa ele.

Salus infirmorum, refugium peccatorum, consolatrix afflictorum. Estas três invocações das ladainhas de Nossa Senhora exprimem, à maravilha, outras tantas características permanentes dos milagres das *Cantigas de Santa Maria*: a SS.^{ma} Virgem é a saúde dos enfermos, o refúgio dos pecadores e a consolação dos aflitos. Basta-nos exemplificar em meia dúzia de factos.

A cant. *cccxlvi* fala-nos de Nossa Senhora de Estremoz, *vila de Portugal*. Levaram uma doente à igreja de S.^{ta} Maria e, bendita seja Nossa Senhora! curou-a logo daquela *enfermidade sobeja*. Ao verem isto, deram todos *loores granadas aa Virgen groriosa* — deram grandes louvores à Virgem gloriosa.

Milagres destes não têm conto e, neles, ressalta o costume antigo de levar os doentes aos santuários famosos. A medicina ainda estava na infância e não havia para os homens outra esperança, a não ser a misericórdia de Deus.

Os pecados dos homens pesavam, igualmente, sobre o seu destino. Desta maneira, erguia-se uma súplica de perdão, ao *refúgio dos pecadores*, não se perdesse a alma eternamente. Surgiram, assim, duas formosas históriazinhas, uma das quais passada em Santarém: *Como Santa Maria fez en Portugal, na vila de Santaren, a hũa moller peccador que non morresse ta* ⁽¹⁹⁴⁾ *que fosse ben confessada, porque avia gran fiança en ela et jajúava os sábados et as sas festas a pan et agua*. (cant. *ccxxvii*).

Era uma mulher de mau viver, diz Afonso X, mas devota da SS.^{ma} Virgem. Jejuava, *no dia da Encarnaçon*. Passava o dia a pão e água, nas *cinquo festas da Sennor Reyna coroada*. A estas cinco festividades da Rainha coroada acrescentava ela o sábado, também consagrado a Santa Maria. Nesse dia, ouvia missa e jejuava. Ainda mais: «en aquel dia [de sábado] fazer maldade non queria», visto ele ser dedicado à Mãe de Deus. Assim o o prometera a um monge, seu confessor. E assim cumpriu, embora a assassinassem. E ao morrer, chamava por Nossa Senhora.

(194) Até.

O cadáver lá ficou, longe do caminho. Mas, a Virgem apareceu à morta e disse-lhe:—Levanta-te! E guiou a mulher ressuscitada, prometendo-lhe o perdão dos pecados, caso os confessasse. Assim o fez :

«... et foi mui ben enton
confessada primeyro
e comungou-ss'; e a Madre
do Pillo verdadeyro
log'a alma d'ela levou».

Isto é: confessou-se muito bem e comungou. E a Mãe do Filho de Deus sua alma levou, não consentindo S.^{ta} Maria que a sua devota extraviada viesse a perder-se para sempre.

Qual seria a fonte desta cantiga ? Livro de Milagres ou narrativa oral e vagabunda ? Afonso X não o explica claramente : *assi ey aprendudo*, escreve ele.

Na cant. cccxcix, e' Nossa Senhora quem vai evitar um infanticídio. Na verdade, *en a vila d'Eivas ùa molher quisu matar seu filho, et meteu-lle hũa agulha pela cabeça, et apareceu-lle Santa Maria ante que o matasse, et disse-lle que tomasse peendenza* ⁽¹⁹⁵⁾. E a pobre mulher pegou na criança e foi a toda a pressa confessar-se a um monge. Depois, *en orden entrou*, quer dizer, entrou para freiría, vestindo o *froque* (hábito), por loriga, contra o diabo. Muitos o souberam e deram graças a Santa Maria. O menino criou-se e a mãe *polo demo non deu hũa figa* — *nzm* dava uma figa pelo demo.

Nossa Senhora, consoladora dos aflitos, intervinha nas dificuldades de cada dia e nas grandes provações. Basta ouvir o Rei Sábio contar-nos *Como Santa Maria tirou un orne de prijon, e o fe\ passar un rrio que era mui fondo e non se molhou* (cant. CCXLV).

Aconteceu isto em *Riba de Limia*, nas terras de Entre Douro e Minho, e o homem era de S. Salvador da Torre. Foi a Mãe do mui alto Rei que o livrou dos *roubadores*, que muitos havia, então, *no reyno de Portugal*. Mal atravessou o rio, sem se molhar, foi logo contar tudo aos frades : elle costumava enfeitar o altar da Virgem *con muita flemosa fror*. Em recompensa, a Virgem Nossa Senhora apareceu-lhe, tomou-o pela mão e abriu-lhe as portas do castelo.

(195) Fizesse penitência.

Também a SS.^{ma} Virgem livrou o capelão das freirás de Chelas, duma aranha venenosa : *Esta é do capelan que cantava missa no mōesteiro das donas d'Archelas que é en Portugal, consomyu hũa aranna e depois sayu-lle pelo braço* (cant. CCXXII).

Deu-se tal milagre, perto duma «mui rica cidade que é chamada Libbõa», num convento de donas que *castidade manteen*. E as boas religiosas ficaram maravilhadas «et a aranna mostraron enton a muita de gente».

Eis-nos, outra vez, em Santarém. Um alcaide mal encarado e *sanhudo* queria prejudicar uma tendeira que vendia cevada, mas S.^{ta} Maria livrou a mulherzinha das garras daquele mau homem, pois ela dizia continuamente : *Aquel é de mal guardado que guarda Santa Maria*. E o povo deu «mui grandes loores, por tam fremoso miragre, aa Virgen gloriosa, que he Senhor das senhores» (cant. CCCLXIX).

Desta fé no poder da Virgem SS.^{ma} nasciam as mil devoções que os clérigos e monges iam aconselhando, mesmo a gente de mau viver: jejum e missa de Nossa Senhora, aos sábados, não pecar nesse dia, etc. Tal austeridade agradava à Mãe de Deus e seria perigoso proceder doutra forma. E se não, vissem o que acontecera no Algarve, «ú soya ⁽¹⁹⁶⁾ aver gran gente de mouros que ss'en foron, et foi ben». A poesia intitula-se desta maneira: *Como Santa Maria guardou oito almogaves en hua fa'enda que ouveron con mouros, porque non comeron carnen sábado*• (cant. CCLXXVII).

Eram dezasseis almogávares, de Lisboa, que andavam à caça de veados, em terra de moiros. Apanharam um veado, assaram-no logo e assentaram-se para comer, pois outra coisa não tinham. Oito deles não quiseram comer carne, por ser dia de sábado. Contentaram-se com o pão:

«Sábada'era aquel dia
quand'a comer s'assentavan
d'aquel cervo ; mas os oito
que o sábado guardavan
por onra da Virgen santa,
sol de comer non pensavan
d'aquel cervo, mas comian
pan, qual en guerra conven».

(i%) Costumava.

Mas os outros diziam : comer ou não comer não tira nem põe, numa terra destas. E que aconteceu ? De repente, sobrevêm os moiros. Os que tinham comido carne caíram mortos ou ficaram prisioneiros. Pelo contrário, salvaram-se os devotos de S.^{ta} Maria, pois tinham deixado a carne, *por onrra da Virgen santa*.

Alguns doentes passavam a noite de vigília, diante do altar da Virgem. Vemos isso, em S.^{ta} Maria de Évora, na festa da Assunção (cant. CCCXXII). Como agora, gostavam de ir oferecer flores à imagem de Nossa Senhora (cant. CCXLV) e assim fazia o homem de S. Salvador da Torre, na capelinha do adro.

Monsarás, Évora, Odemira, Alenquer, uma ermida sobre um monte, à beira do mar e, sobretudo, S.^{ta} Maria de Terena, são os principais centros de romarias de Nossa Senhora, nomeados por Afonso X.

Estes pontos de afluência piedosa não excluíam outros, mesmo para além das fronteiras, como S.^{ta} Maria do Rocamador e S.^{ta} Maria de Puy. Nas *Cantigas de Santa Maria*, veremos gente portuguesa que recorre às devotas imagens ali veneradas.

A igreja de Monsarás andava unida uma romântica e pitoresca história ⁽¹⁹⁷⁾- Havia lá um templo dedicado a Nossa Senhora e, perto, muitas cabras montesas. Ora, as cabrinhas chegavam e punham-se muito quietas, em frente da igreja, até virem os monges ordenhá-las: «estavan y muy quedas en paz, ta ⁽¹⁹⁸⁾ que os monges las y an monger». Durou esta maravilha quatro anos, durante os quais «os monges ouveron pera si assaz de leite». Um dia, certo clérigo sandeu furtou um cabrito e comeu-o. E as cabrinhas montesas desarvoraram, para nunca mais. Tal é o tema da cant. LU : *Esta é como Santa Maria fe\ viir las cabras montesas a Monssarra\ et se leixavan ordennar aos monges cada dia*.

Não admira, pois, que os devotos começassem a afluir, vindo *gran romaria de romeus*.

Foi ainda neste lugar que os peregrinos de Nossa Senhora puderam contemplar o milagre da rocha. Era uma pedra enorme. Um dia caiu. Mas, Deus desviou-a para não esmagar a igreja,

⁽¹⁹⁷⁾ A propósito de Monsarás, cf. VALMAR, *Estudio sobre las Cantigas*, ed. cit., pp. i5i-i5a ; idem, *Cantigas de Santa Maria de Don Alfonso el Sabio*, t. i, Madrid, 1889, p. LXIX.

⁽¹⁹⁸⁾ Até.

onde os monges, àquela hora, *cantavam a missa da madre de Deus* (cant. cxm).

Nossa Senhora de Terena teve uma vasta projecção nas *Cantigas de Santa Maria*. D. Afonso X dedica-lhe treze cantigas e talvez possuísse alguma cópia do Livro de Milagres que lá devia existir. Doutra forma, ser-lhe-ia difícil conhecer tantos casos maravilhosos da igreja de Terena.

J. Leite de Vasconcelos já chamou a atenção para a importância religiosa deste santuário mariano, em que a *Virgem muitos miragres fa*. Defende, mesmo, que o Rei Sábio devia conhecer bem o local, pois chega a falar numa grande azinheira que lá estava. (199)

Muitos deviam ser os romeiros e ainda maior a fama de Nossa Senhora de Terena, por todo o Alentejo e nas planuras espanholas. Na linguagem de Afonso X, quem quer que lá fosse voltava curado.

«... logo d'aly são
vai, pela sabença
desta Virgen santa
que nos atrevença
dá que a sirvamos
come graciosa» (cant. cccxix)

A Nossa Senhora de Terena vinham muitos doentes de raiva :

«Por todo o mund'ela miragres faz;
mais d'ua sa casa, cabo Monssarraz,
que chaman Terena, sei ben que assaz
faz muitos miragres a quen y recude (200).

« *Todo los coitados que queren saude
demanden a Virgen et a ssa vertude* (cant. ccxxm).

Ora, D. Mateus *raviou mui forte* e os seus parentes levaram-no a Terena. Não eram só eles. *De totalas terras gentes veen y* — vão ali gentes de todas as terras. D. Mateus, pois, também para lá partiu e *foi logo são* (cant. ccxxm).

Na cantiga seguinte (201), declara o régio autor terem-lhe afir-

(199) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Santa Maria de Terena nas «Cantigas» de Affonso o Sábio*, Lisboa, 1906. Nota de sete páginas.

(200) Acode, vai

(201) Cant. ccxxiv; *Como Santa Maria de Terena, que é no reino de Portugal, ressuscitou hua menyna morta.*

mado ser santo tal lugar. E porquê ? Por S.^{tt} Maria fazer lá numerosos milagres! Falava-se dela muito longe e chegavam romeiros com longas caminhadas.

Em Beja, por exemplo, um *almoxarife del Rey* tinha uma filhinha aleijada. Partiu em peregrinação, mal ouviu falar dos milagres «que faz grandes em Terena » (cant. ccxxiv). Com ele, puseram-se a caminho outros romeiros. E S.^{ta} Maria fez o milagre ! A vista disto, *todos loaron a Virgen pura*.

D. Afonso, o Sábio, ainda a propósito dos milagres de Terena torna a dizer que ela «fez muitos et faz cada dia aos que os van buscar» (cant. CCLXXXIII). Mas não estava sozinho, na sua admiração. Referia o que ouvia *di\er a muitos* (cant. CCLXXV).

Como seriam estas romarias à Senhora de Terena? Muitas vezes, vinha o doente com a família. Noutras, peregrinavam *con outra conpanna d'i*, isto é, em companhia de gente do mesmo lugar (cant. ccxxiv). Em cada povoação, ajuntava-se um grupo de romeiros e punham-se todos a caminho Aparece, também, um aleijado que há quinze anos andava num carrito (cant. cccxxm). Percorrera muitas igrejas, até chegar a Terena, e ali ficara longos meses. Uma noite, chegou da terra dele uma *mui gran romaria*. Fizeram vigília até de manhã e o pobre aleijado curou-se milagrosamente.

As mães dos doentes, principalmente, rezavam e choravam pelo caminho. Assim fazia esta pobre mulher, com a filha atacada de raiva:

«... levou-a correndo
d'aly a Terena,
gran dóo fazendo
et pela carreira
ynd'assi dizendo :

— Virgen de Deus Madre
santa preciosa,
[.....]
Sobr'esta mia filia
mostra ta vertude,
[.....]
Fonte de bondades,
tu lie dá saude ;
ca mui ben podes
dar, Virgen fremosa» <cant. cccxix>

E continuou rezando a S.^{ta} Maria de Terena, *chorando muito dos seus olhos*.

A vista da igreja enchia-os de alegria e D. Afonso, o Sábio, conta-nos algumas graças concedidas neste momento. A primeira vem na cant. CCLXXV : *Como Santa Maria de Terena guariú dos freyres do Espital que raviavan*. Eram dois freires raivosos, da Ordem do Hospital, e vinham de Moura para Terena. Atravessaram o Guadiana e um deles subiu a um outeiro, donde lobrigou Nossa Senhora de Terena. E disse logo :

«— Soltáde-me, ca já eu ravia non ey ^(21>2)
ca vejo Santa Maria, et ben sey
que ela me guariú mui ben d'este mal.
[.....]
Mais agua me dade que beva por Deos» (cant. CCLXXV).

O mesmo aconteceu a uma rapariga espanhola (cant. cccix):

«Tanto que a moça
que era doente
viú a eigreja,
logo mantene[n]te ^(2º3)
foi mui ben guarida».

Nem admira. Se a Virgem nos livra do fogo do inferno, também pode curar a raiva :

*A que nos guarda do gran fog'infernal
sãar nos pode de gran ravia mortal* (cant. CCLXXV)

A Nossa Senhora de Terena ofereciam muitas esmolos em géneros e dinheiro. Nem faltava, certamente, a presença de bastantes ex-votos relativamente frequentes nas narrações dos Livros de Milagres.

Acendiam-se círios diante da Virgem de Terena: *acada un d'eles acendeu ant'ó altar da Virgen seu estadal*», isto é, a sua vela (cant. CCLXXV). Assim fez, igualmente, o pobre aleijado da cant. CCCXXXIII, mal entrou na igreja: *fa\er candeas logo*. ^{202 203 202 203}

(202) Tenho.

(203) Imediatamente.

Muitos enfermos ficavam aos pés de Nossa Senhora de Terena, para que ela os visse, tivesse pena e os curasse. Um peleiro (*peliteiro*) de Burgos, atravessado com uma agulha na garganta, foi levado a Nossa Senhora de Terena. Na igreja, *ant'ò altar o deitaron* (cant. cxix). Era um gesto sublime de abandono e confiança, para obrigar a Virgem a ver o desgraçado e a fazer o milagre. E quando um pobre rapaz de Arronches, chamado Bartolomeu, se finou no caminho de Terena, levaram-no, assim morto, à igreja e depuseram-no diante do altar:

«E a tal morto com'era
levaron-o ben assy
dereitament'a Terena
et poseron-o log'y
ant'ò altar da mui nobre
Virgen (cant. cccxxxiv).

Aos pés da imagem, rezavam os romeiros, muitas vezes a chorar :

«Jazend'assi na eigreja
sempre gemend'e chorando
à Virgen Santa Maria
et de coraçon rogando
que ll'ouvesse piadade» (cant. cccxxxm).

As orações prolongavam-se pela noite fora, em certas ocasiões, com grande solenidade e concurso de povo:

«Aquele noite fezeron
vegia grand'e onrrada» (cant. cccxxxm).

E também aqui, a maioria das pessoas acabava por adormecer na igreja. Na cura do aleijadinho, que tantos santuários percorrera, no seu carrito, o homem ergueu-se, louvando a gloriosa Senhora. E a gente despertou, ouvindo as suas vozes :

«Et as gentes s'espertaron
todos aquestas vozes» (cant. cccxxxm).

Em tais casos, o rebuliço devia ser grande, com os peregrinos a correr para ver o milagre : *os romeus correron*, diz a cant. ccxxiv,

para contemplar a menina ressuscitada, e deram *graças a Santa Maria*.

As peregrinações envolviam, frequentemente, a ideia de purificação espiritual. O doente rezava na igreja, chorando, também, os seus pecados :

«et no coraçõ gemendo
feramente seus pecados
et sa oraçõ fazendo
aa Virgen groriosa» (cant. cccxxm).

A esta pena de pecados, juntemos os jejuns, rogos e orações, da cant. cxcix.

Nas ermidas devotas e nos centros de romagem, os peregrinos davam voltas ao redor da igreja. A lenda do mu ou macho, a dar três voltas a Nossa Senhora de Terena, mais não faz do que registar esta devoção religiosa:

«andou ele muit'agynna ⁽²⁰⁴⁾
tres vegadas ⁽²⁰⁵⁾ a eigreja
da Virgen santa Reynna
a derredor» (cant. CCXXVIII).

Faziam-se promessas de'dar tal esmola ou tal coisa à Virgem Santa Maria e cumpriam-se: *mui grandes offertas deron* (cant. ccxxiv),* *prometendo-lle sas offertas et does* (cant. cxcrx); *et seu don deron* (cant. cxcvii); *deron y de seus dynneiros et d'eles de seus ganados* (cant. cxcviii) — uns deram do seu dinheiro, outros dos seus gados. Um romeiro oferece, mesmo, dez porcos, para a Virgem de Terena perdoar ao seu irmão, morto sem cumprir a prometida romaria (cant. cxcvii). Estamos no Alentejo.

Eram tantas as dádivas à Virgem de Terena que os curas das freguesias próximas sentiam sombra desta generosidade dos fiéis. Basta ler a cant. cclxxxiii: *Como Santa Maria de Terena sãou un clérigo da boca que se lie torcera mui feramente*.

Resume-se no seguinte : Certo padre morava perto da Senhora de Terena. Um dia, pôs-se a pregar ao povo, dizendo ser uma vergonha e uma tolice abandonar a igreja da freguesia para ir fazer promessas à Virgem de Terena e levar lá esmolas. E se

(204) Depressa.

(205) Vezes.

algum freguês seu tal coisa fizesse, pela festa de Agosto, que o havia de excomungar. Porém, Nossa Senhora castigou-o.

Desta alusão à festa de Agosto, conclui-se que a grande romagem realizava-se no dia da Assunção da SS.^{ma} Virgem.

Uma ermida de Alenquer oferece-nos outro exemplo de clérigos mal humorados : *Como Santa Maria filiou vingança do crérigo que mandou queimar a hermida, et je\-IVa fa\er nova* (cant. cccxvi).

Levantava-se tal capelinha *alén do rio da vila*. E o tal clérigo chamava-se Martim Alvites ou *don Martyno*. Era trovador e fazia cantigas de escárneo:

«En aquela vila ouve um crérigo trobador,
que sas cantigas fazia d'escarnho mais ca d'amor,
et era daquela vila dua eigreja prior
et Martin Alvitez nome avia».

Ainda mais: Martim Alvites, prior de Alenquer, era também amigo do rei D. Sancho: «mui privad'era del rei Don Sancho, en aquel tenpo».

Ora, a Senhora da ermida fazia muitos milagres. Afluíam bastantes romeiros e as ofertas fugiam da igreja de Martim Alvites. O desalmado mandou pôr fogo à capelinha, mas cegou, logo, de ambos os olhos. Bradou, então, por Nossa Senhora, levantou outra ermida a pedra e cal e, ao assistir à missa cantada da SS.^{ma} Virgem, recuperou a luz dos olhos. Desde esse dia, o clérigo-poeta prometeu fazer versos a Nossa Senhora : *des aqui adeante quero já por ti trobar !*

Quanto não daríamos nós pelas cantigas a S.^u Maria deste clérigo arrependido de ter *trovado por outra dona !*

Em Odemira, também Nossa Senhora fazia numerosos milagres :

«Onde, se m'oyr quiserdes,
d'aquesto vos contarei
un miragre mui fremoso
que fez a Madre do Rey
Ihesu-Crist'en Odimira
como vos ora direi,
ú ⁽²⁰⁶⁾ ela fez ende muitos
outros en aquel logar* (cant. cccxxvii).

Em Évora, na igreja de S.^{ta} Maria, havia um Livro de Milagres, bastante grosso (cant. cccxxxviii). Curavam-se muitos enfermos, *ardían muitas candeas* e foi lá que S.^{ta} Maria deu vista a um cego.

A beira do mar, muito alto, levantava-se uma capela de Nossa Senhora, com um ermitão a cuidar dela. Que igreja seria essa naquela altura, alcandorada sobre o mar ? Nossa Senhora da Nazaré? Afonso X não o declara, mas nomeia o lendário ermitão: «El cond'Abraon foi aqueste, de mui santa vida» (cant. xcvi).

Este conde, continua o Rei Sábio, trocara a sua terra por Portugal, para viver em sossego, «preto da salgada agua do mar». Lá passou longos e tranquilos anos, *servind'a Santa Maria*, mais os seus romeiros. Para si, deitava cinza no comer, nunca bebia vinho e o peixe que pescava dava-o de graça, sem aceitar dinheiro. Porém, tinha uma pequena hospedaria para os peregrinos da Senhora e *adubava* muito bem a comida que lhes dava, posta em branca toalha — «lies parava mesa en branca toalla».

Um dia, estava ele a pescar à beira do mar. Vieram os piratas mouros e levaram-no consigo. Impossível avançar! O vento não soprava. E que S.^{ta} Maria estava a castigá-los por procederem mal com o seu ermitão. Trouxeram-no novamente para a ermida e os ventos propícios encheram logo as velas. As quilhas fendiam as ondas pelo meio *bem como navalha*, diz o poeta.

A Virgem de Faro, na muralha junto do porto, atraía a devoção dos moçárabes (cant. CLXXXIII), no seu nicho *na riba do mar*. E outras imagens haveria, junto das quais os pescadores do nosso séc. xiii haviam de rezar e chorar.

Muitos mercadores e marítimos, conhecedores de terras estranhas e acostumados a viajar, recorriam, nos perigos, a S.^{ta} Maria de Rocamador e a Nossa Senhora de Puy. É o que lemos, nas cantigas CCLXVII e CCLXXI. Nesta última, os marítimos prometem *ayuda pera un cálea* oferecer a Nossa Senhora de Puy, na França. Porém, mais de que Nossa Senhora de Puy era a Virgem Morena, de Rocamador, que enchia de devoção os peregrinos portugueses.

Muitas romarias havia então, de que os Livros de Milagres são a crónica humilde e anónima ! O homem medieval lembra, constantemente, o *homo viator* de que falavam os teólogos

daquele tempo, embora noutro sentido. Os longos caminhos palmilhados pelo *homem-peregrino* tornavam-se bem o símbolo da vida cristã — cada um de nós é o homem que marcha para Deus e, neste mundo efémero, só tem de seu a terra que pisa.

V — Peregrinações a Nossa Senhora, no séc. XV

Muitas delas eram anteriores à Monarquia. Havia anos e anos que Nossa Senhora dos Açores, a uma légua de Celorico, atraía as multidões, envolta na sua lenda antiga. Ainda em 1512, lá iam cavaleiros e escudeiros, a cavalo, em vistosa romaria ⁽²⁰⁷⁾.

Lembremos um nome humilde do *Cancioneiro da Vaticana* — S.^{ta} Maria das Leiras :

*Hyr quer'of eu, fremeosa de coraçõ
por fa^er romaria e oraçõ
A Sânta Maria das Leiras (n.º 341).*

Ao contrário de Afonso Lopes de Baião, Airas Pais prefere S.^{la} Maria de Leça (n.ºs 891-892). Outro trovador canta, de boa vontade, os louvores de S.^{ta} Maria do Lago, uma *ermida* onde ele iria de *gram sabor*, mas acompanhado (n.º 893). E a documentação medieval fala-nos de N.^a S.^a da Silva, no Porto, N.^a S.^a de Vendoma, na mesma cidade, S.^{ta} Maria a Branca, em Braga — e outras mais.

Se fôssemos a ocupar-nos, miúdamente, de todas estas pequenas e grandes romarias, escreveríamos muito e nada acrescentaríamos de substancialmente novo. Havia-as de todas as espécies, no descampado e nas povoações, na montanha, na monotonia das planuras e à beira-mar.

A volta de 1414, dizia o escrivão Diogo Ferreira que na «Commenda de Cezimbra he hedificada hua Ermida, a que chamão Santa Maria do Cabo, que he logo ⁽²⁰⁸⁾ de grande romagem, e devoçom» ⁽²⁰⁹⁾. E assim por diante.

(207) VITERBO, *Elucidário, em Açores*.

(208) Lugar.

(209) FR. JOSÉ PEREIRA DE SANTANA, *Crónica dos Carmelitas*, t. 1, Lisboa, 1745, p. 822.

A muitas imagens da SS.^{ma} Virgem o povo atribuía uma origem extraordinária. S.^{ta} Maria da Luz, em Carnide, fora achada por um antigo cativo dos mouros, chamado Pero Martins ⁽²¹⁰⁾, no séc. xv. E um documento de 1489 fala-nos de um tal Diogo Fernandes que prometeu «de fazer hum pè de cera» e levá-lo a Nossa Senhora da Luz. O homem era de Torres Vedras e andava por Castela. Isto dá-nos uma ideia da fama desta Senhora ⁽²¹¹⁾.

Da peregrinação de S.^{ta} Maria do Espinheiro, escreve Gabriel Pereira a lenda antiga: «Ahi por 1400 um rapazinho pastor achou ali, então o sítio era ermo, uma imagem de Nossa Senhora em cima dum espinheiro. Correu a noticia, augmentou a fama, e pouco depois (1412) ergueu-se uma ermida; duas doações de João Affonso e Leonor Rodrigues, deram importância ao novo santuario» ⁽²¹²⁾.

Quem poderá fiscalizar, agora, a parte maravilhosa destas histórias? Uma coisa é certa: a existência dessas imagens, com peregrinos, irmandades e doações dos fiéis. E isto é que importa.

Noutros casos, trata-se da história comezinha duma imagem vinda da Flandres, por exemplo. No convento de Nossa Senhora do Mosteiro, puseram os frades menores uma «imagem nova da Santíssima Senhora, porque a sua antiga, dominando com milagres o fogo, e as doenças, quiz sujeitar-se às injúrias do tempo [...]. Esta he entalhada em madeira, e assentada em trono com o Minino Jesu na mão direita por scetro, como notei noutras imagens antigas; e vindo da Flandres pelos annos de 1466, succedeo na virtude dos milagres à primeira» ⁽²¹³⁾.

Pescadores e marinheiros faziam promessas a algum santuário

(210) Cf., por exemplo, FR. ROQUE DO SOVERAL, *História do insigne aparecimento de Nossa Senhora da Luz e suas obras maravilhosas*, Lisboa, 1610.

(211) FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO, *Crónica da antiquissima provida da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho*, t. 2, Lisboa, 1656, fl. 288 v.

(212) GABRIEL PEREIRA, *Estudos Eborenses. O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro*, Évora, 1 g 16, p. 5; Bibl. do Escorial, ms. G. ni. 3 (letra do final de quinhentos) fis. 378-385 v. : *Antiguidade de S. Maria do Espinheiro e breve sumario da casa* ; FR. AGOSTINHO DE STA. MARIA, *Santuário Mariano*, t. õ, Lisboa, 1716, pp 12-20, onde aponta mais bibliografia.

(213) FR. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa. 1666, p. 441.

da Mãe de Deus. E assim, escreve Zuzara que Gil Eanes» Lançarote e outros capitães, de volta da Ilha Tider, mandaram um escravo para se vender, a *Santa Marya da augaa da Lupe, hita ermida que está naquelle termo de Lagos* ⁽²¹⁴⁾.

Era uma devoção entranhadamente medieval andar de igreja em igreja, quase ao modo duma via-sacra. Nuno Alvares tinha alma de peregrino. Depois de Aljubarrota, escreve Fernão Lopes, «se foi o conde em romaria a Santa Maria d'Ourem por devoção» ⁽²¹⁵⁾. E ao voltar do Porto, a fim de cercar Moura, dirigiu-se, novamente, «a Ourem em romaria a Sancta Maria de Çeiça» ⁽²¹⁶⁾. Encontramo-lo, depois, em Trás-os-Montes, onde «foi-se em romaria a Santa Maria do Azinhoso, em que havia devoção e ouvindo ahi missa, offereceu um firmal que apodavam a gran preço» ⁽²¹⁷⁾.

Nem sempre tais devoções eram folguedos fáceis. Nuno Alvares «se foy de pee e descalço em romaria a Sancta Maria do Açumar hua legoa de hy, que he hũa ygreja muy devota e todollos seus depos elle. E como chegou aa ygreja achou a cassa delia muyto çuja das bestas dos castellaãos, que dentro nella meterom quando per hy passavam. E ante que se apouentasse mandoua limpar, e elle foy o primeyro que ajudou tirar o esterco fora»⁽²¹⁸⁾. E ao voltar do cerco de Cória, em Castela, «se foy em romaria a sancta Maria do meo que esta na Sertaa» ⁽²¹⁹⁾. Ficamos com a impressão de que as suas aventuras guerreiras andavam intimamente unidas às peregrinações marianas, talvez para a sua alma descansar um pouco.

Outra igreja que ele gostaria de visitar seria a de Flor de Rosa. Levantou seu pai essa «mui honrrada ygreja de sancta Maria muy devota e em que Déos faz muytos milagres» ⁽²²⁰⁾. Deus obrava lá «muytos milagros e grandes, e he ygreja de grã romagem e de

⁽²¹⁴⁾ G. E. DE ZURARA, (*roñica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1949, p. 242.

⁽²¹⁵⁾ *Crónica de D. João I*, P. 2, cap. 46.

⁽²¹⁶⁾ *Crónica do Condestável*, ed. por Mendes dos Remédios, Coimbra, 1911, p. 187.

⁽²¹⁷⁾ *Crónica de D. João I*, P. 2, cap. 70.

⁽²¹⁸⁾ *Crónica do Condestável*, Coimbra, 1911, p. 70.

⁽²¹⁹⁾ p. 146.

⁽²²⁰⁾ *Ib.*, p. 2.

muytas perdoanças que lhe o' dito priol em sua vida ganhou dos padres sanctos de Roma.» (221).

E aqui temos nós mais um poderoso motivo para as peregrinações : as indulgências dos *padres sanctos de Roma*.

O Mestre de Avis, embora não fosse a sombra de Nuno Alvares, andava, mais ou menos, pelos mesmos caminhos devotos. Quando chegou a Evora, «foisse de pee em romaria a Samta Maria de Benavilla, que prometera quamdo fora preso» (222). Anos mais tarde, já iluminado pela glória das batalhas, estando em Santarém, «ordenou de partir daquella villa por cumprir sua romaria que prometiera ante que entrasse á batalha, a qual era que vencendo-a como em Deus tinha esperança, que fosse de pé a Santa Maria de Oliveira, que era na villa de Guimarães, espaço de quarenta leguas, e ante que de Santarém partisse, ordenou que andassem em sua companhia cem besteiros continuadamente, e dalli levou seu caminho, e chegou ao campo onde houvera a batalha, e allí ouviu missa e fez oração e começou sua romaria e chegou a Leiria [.....] e continuando seu caminho, chegou a Guimarães, onde haviam prometido, onde o receberam com grão procissão clérigos e frades e toda a outra gente, e feita sua oração e offerta deu muitas esmolas e tornou-se ao Porto».

Afonso Peres já escrevera, no séc. xiv (1342-1343), a gesta sagrada da Virgem de Guimarães, no *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*, e os tabeliães que vieram depois romanceram um pouco os dados de Fernão Lopes, ajuntando-lhes outros. Seguiam, talvez, uma tradição oral e deformada, de raiz vimaranense, que vamos encontrar nas transcrições seiscentistas do Livro de Milagres, de Afonso Peres, tendo como centro a Senhora da Oliveira e, personagens principais, D. Afonso Henriques, D. João I e o Infante D. Henrique (223).

(221) *ib.*, p. 14.

(222) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando*, cap. 148.

(223) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*, P. 2, cap. 62 ; GASPAR ESTACO, *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625, pp. 177-186 (alguma lenda); Arquivo Municipal de Guimarães, em letra de 1620, cód. 1550/ A-5-4-65, fis. 96 e ss., na introdução ao *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*; Arq. da Universidade de Coimbra, doc. 57, cópia de 1645 (*Livro dos Milagres de Nossa Senhora de Guimarães*); o texto do Livro dos Milagres e quase toda a introdução tabeliônica deste último apógrafo foram publicados

Um dos maiores centros marianos de Lisboa era a capelinha de Nossa Senhora da Escada. Mesmo a Rainha D. Leonor Teles, «antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Santa Maria da Escada»⁽²²⁴⁾. No tempo de D. João I, o povo prometeu ir lá em procissão, pelo mês de Maio⁽²²⁵⁾. Assim, mal chegou a nova da batalha de Aljubarrota, ordenou-se «uma geral procissão em que foram todos descalços, homens e mulheres e clérigos e frades, e levaram em ella a imagem de S. Jorge, o mais honradamente que ser pode, e assim chegaram a Santa Maria da Escada, onde disseram missa solemne e pregação»^(W6).

Finalmente, à hora da morte, transportaram D. João I «com grande acatamento e muita obediencia à capella maior da Sé». E depois de venerar S. Vicente «foi de caminho visitar a igreja de Santa Maria da Escada, que elle, pegada com o mosteiro de S. Domingos, novamente mandou fazer, e em que tinha singular devoção, e depois de se despedir da Imagem de Nossa Senhora e com inteiro conhecimento da sua morte encommendar a ella sua alma, foi levado ao castello donde partira»⁽²²⁷⁾.

Também Mestre André Dias, bispo de Mégara, fazia uma procissão «em cada huum dya a sancta Maria da Escada, por rezom da pestelença, que era muy grande sobre a dieta cidade»⁽²²⁸⁾.

Outra Senhora de vasta influênciã era a da Nazaré, sobre as ribas do mar atlântico. Não vale a pena referir a lenda posterior desta imagem, vinda da Palestina para aqueles arrifes desolados⁽²²⁹⁾. Fixemos unicamente que, pelos meados de quatrocentos, já florescia e esbracejava largamente uma confraria da Senhora da Nazaré, com terras e peregrinos de toda a Estremadura e de mais longe.

por MÁRIO MARTINS, S. J., «O Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira» de Afonso Peres, Guimarães, 1953. Cf., também, Avelino de Jesus da Costa, *Documentos da Colegiada de Gnimarães*, Coimbra, 1949, *passim*.

(224) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando*, cap. 129.

(225) *Idem*, *Crónica de D. João I*, P. 1, cap. 41.

(226) *jb*_m p. 2, cap. 47.

(227) Rui DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, cap. 1.

(2*8) *Bibl. Nac. de Lisboa*, cód. ilum. 61, fl. 74 v; MÁRIO MARTINS, S. J., *Laudas e cantigas espirituais, de Mestre André Dias*, Lisboa, 1951, p. 286.

(229) Cf MANUEL DE BRITO ALÃO, *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazareth*, Lisboa, 1684,

Em 1446, a viúva Aldonça Vicente, moradora em Lisboa, na *costa do espital dos palmeiros*, olhando ao *serviço de Deus e salvação de sua alma*, doava um casal, na Serra da Pescaria, à «comfraria de nossa senhora de Nazare', digo a comfraria de ssanta Maria da Nazaret que he no termo da Pederneira» (230) — tudo isto «com comdiçam que nenhum clérigo nem porvença nem senhorio allgum a que a dita ermida de ssanta Maria de Nazaret seja sofraganha nam ajão nada de veer em o dito casal salvo os mordomos e comfradas e comfrades que por tempo da dita comfraria forem».

Próximo de Marvão, nos meados do séc. xv, corria a fama de Nossa Senhora da Estrela e dos seus milagres — e damos a esta última palavra o sentido lato e popular que ela tinha na Idade Média. Uma bula de 1448 fala-nos dos quase inumeráveis prodígios da gloriosa Virgem Maria, a Senhora da Estrela: *meritis gloriosae virginis Mariae pene innumerabilia miracula*. (230 230 231).

Entre a Azambuja e o Cartaxo, perto de Aveiras de Cima, temos Nossa Senhora das Virtudes, com o seu conventinho de franciscanos, ao lado. Uma lenda envolve o seu aparecimento, aí por 1403 : a imagem teria sido achada por um vaqueiro, dentro duma silveira. E um touro prostrou-se, diante dela, de cabeça baixa, sem agulhão que o pudesse arrancar dali.

Fr. Manuel da Esperança teve nas mãos a documentação do rei D. Duarte, sobre a ermida de Santa Maria das Virtudes : «avendo grande devação, e fiúza em a mui Alta Senhora Madre de Deos, da qual por experiencia muitas vezes sentimos, que era nossa singular avogada procurándonos de seu santo Filho largos, e grandes beneficios com abundanças de ricas merces, propuzemos quando com EIRei meu Senhor, e Padre fomos na tornada de Seita, edificar hum moesteiro de S. Francisco na Ermida de Santa Maria das Virtudes».

Junto da ermida, erguia-se o convento. Ao lado, uma casa para o rei. D. Duarte chama-lhe os *Paços da nossa poupada*. Havia, também, um cemitério, um hospital para os romeiros doentes, um alpendre para eles passarem a noite e terras de cultivo.

(230) Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 789, fl. 16-16 v.

(231) FR. JERÓNIMO DE BELÉM, *Crónica Seráfica dos Algarves*, t. 2, Lisboa, 1756, p. 5i.

Um milagre de 1440 tem como testemunhas, precisamente, *Lourenço Pires, Mordomo da Casa, e Vasco Martins, Hospitaleiro*.

«Os Romeiros erão tantos assi neste mesmo dia, como nas outras suas festas, e pela roda do anno, que enchião os caminhos, e por ventura que não ouvesse no Reino romagem mais frequentada», escreve o cronista franciscano, apoiado na documentação de D. Duarte e D. Afonso V. Este último chegou a ordenar que se abrissem seis estalagens, onde pousassem os romeiros. Mas, a vasta multidão amontoava-se nos alpendres, em noites agrestes.

Salvaram-se as narrativas de alguns milagres de Nossa Senhora das Virtudes, no séc xv. «Parte delles mandou escrever em hum quaderno o P. Fr. João da Povia ; outros ficaram escritos em alguns livros de coro ; muitos foram copiados em taboas e pano, com o pincel do pintor ; d'alguns davam testemunho as ofertas, em que eram retratados» (232).

Vinha gente do Alentejo, da Estremadura, das Beiras, de Ceuta — um pouco de toda a terra portuguesa. O Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos, por exemplo, fala-nos de «hũa molher da Beyra que avia nome Catelina Periz e era demunihada», a qual prometera ir a S.^{ta} Maria das Virtudes (233).

Graças aos apontamentos do caderno mandado escrever por Fr. João da Póvoa, conhecemos, perfeitamente, o estilo desta romaria, as dádivas dos peregrinos, os nomes dalguns deles e, até, os ex-votos da igreja: «No anno de 1453, a 5 do mez de Março, fizeram os Prelados inventário de tudo, do qual consta que avia no convento dezaseis corpos de prata, huns grandes, outros pequenos; huns em pé, e outros de joelhos; e quasi todos agradecendo favores com as mãos levantadas ao ceo. Sinco cabeças e duas delias maiores, que tinham ofrecido o Infante D. João, e Elrei o II deste nome. Tres rostos, hum meio rosto, hũa queixada, dez pares de olhos, hum braço, e quatro mãos, hum dedo, hũa perna, duas canelas, dous pés, e vinte e seis corações. Avia também tres naos em memoria d'outras tantas, que por milagre desta Senhora santissima forão livres de naufragios ;

(232) FR. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa, 1606, p. 584. Conta ele a história desta peregrinação nas pp. 570-588.

(233) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 4V.

muitos colares de quem saio de prizões ; e duas rodas de S. Caterina, as quaes poderião ser dos que em suas calamidades melhorarão de fortuna. Tudo isto era composto de prata, ao que se ajuntarão dous olhos d'ouro massisso» (231).

E no seu testamento, antes de abalar para a expedição de Tânger, o Infante Santo deixou «a Santa Maria das Virtudes duas capas de baldoquy vermelho, com passarinhas azulles» (234 234 235). Quantos romeiros não levariam à Senhora das Virtudes ofertas piedosas, embora de menos vista que as capas com *passarinhos a\uis* !

Os reis, às vezes, peregrinavam a pé. Por volta de 1493, escreve Garcia de Resende, D. João II esteve «muyto doente, e perigoso, e na doença prometeo de hir a pe ao mosteiro de Santo António da Castanheyra, da ordem de Sam Francisco, e tanto que Deos deu saude para o poder fazer cumprio a dita romaria. E com senhores, e fidalgos, e outras pessoas que pera isso escolheo, partio de Torres Vedras hum dia polia manhã a pe, e foy jantar a hũa quinta, e dormir a hũa aldeia que se chama Riba Fria, junto de Aldea Gavinha [...] e ao terceyro dia foy polia manhã ao mosteiro com muyta devação sempre a pe, e ahy ouvio Missa, e offereceo esmolos. E dahy se partio ja a cavallo, e foy por o mosteiro de Santa Caterina de Camota [...]. E em nossa Senhora da Pena elle e a Raynha forao estar onze dias por hũa novena que prometerão, e estiverao muyto sós, porque então a casa era hũa bem pequena hermida, e os que com elle estavam pousavão em tendas que El Rey ahy mandou levar, onde se agasalhavão muyto bem, e a todos se dava de comer em muyta perfeição, e nos onze dias acabada a dita novena el Rey e a Rainha se tornarão a Sintra» (236).

De N.^a Senhora da Conceição de Matozinhos, refere Fr. João da Póvoa que «viinham muitas pessoas dormir aa dieta igreja e fazer suas offerendas, dizendo que Deus e sua madre fezera por ellas muitos milagres e que os gardara de muitos perygos asy per mar como per terra. Depois desto, no anno do Senhor de

(234) FR. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 2, p. 586.

(235) F.^r. JOÃO ALVARES, *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, Coimbra, 1 g 11, p. 141.

(236) GARCIA DE RESENDE, *Crónica de D. João II*, cap. 171.

mil e cccc e LXXXIIIH, morto ja ellrrei dom Afonso, veeo a regnar elrrei dom Joam que Deus defenda e garde e foe doente e veeo aa cidade do Porto e com o principe seu filho a pee des o Porto veeo a santa Maria da Concepçom, fazendo sua romaria com muita devoçom» (237).

Em Ceuta, os portugueses rezavam a Nossa Senhora de África, oferecida pelo Infante D. Henrique: «enviei, escreve ele, húa imagem, assaz devota, de Santa Maria. Mandandolhes poer nome, Santa Maria dAfrica, poendo a dita imagem na dita casa que assi fazerom e ordenarom» (238). Escreve o mesmo Infante que ela «faz muytos milagres tendo os devotos christãos que em a dita cidade morão, e outros comarcaos assi dos Reinos de Castella, como do Reino do Algarve, e muitos cativos christãos que jazem em terra de Mouros, em ella muy grande devoçom» (239).

Na *Crónica dos feitos de Guiné* (240), diz-nos Zurara que o Infante D. Henrique pedira ao Papa *as indulgencias de sancta Maria dAfrica, que he em Cepta*. E ao chegar a esta cidade, com os soldados da expedição de Tânger, «se foram logo directamente á Igreja de Sancta Maria d'África onde estiveram em vigilia e devoções a parte d'aquelle dia e noite» (241).

Juntamente com a Virgem de Belém, esta Senhora de África, oferecida a Ceuta pelo Infante, vale por um símbolo: a Virgem SS.^{ma} peregrinaria pelo mundo, levada nos barcos portugueses, e as romarias de Nossa Senhora seriam transplantadas para o Ultramar. E como o Infante D. Henrique, qualquer outro'romeiro repetiria: «peço a minha Senhora sancta Maria, por sseer Madre de misericórdia, que peça a Deus misericórdia por mym, que me de salvaçom»(242).

(237) *Memórias soltas e inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do mosteiro de A.^a S.^a da Conceição de Matosinhos, dos séculos xiv e xv, por FR. JOÃO DA PÓVOA. Ed. por A. de Magalhães de Basto, Porto, 194^o, p. 35.*

(238) AFONSO DE DORNELAS, *Santíssima Virgem dAfrica, Padroeira de Ceuta, Lisboa 1924, p. 7.*

(239) *ibidem*.

(240) Lisboa, 1949, p 85.

(241) Rui DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, cap. 21.

(242) A. J. DIAS DINIS, *O testamento do Infante D. Henrique*, Coimbra, 1946, p. 25. *Separata de Biblos*, 21 (1946).

Seria longo tratar, aqui, da devoção da Virgem de Rocamador, em Portugal e na Espanha ⁽²⁴³⁾. Iam lá romeiros de toda a Europa, até de Jerusalém e da Síria, principalmente a partir do séc. xn. Era a *Virgem morena*.

A sua confraria, a favor dos enfermos e peregrinos, espalhou-se por terras de Portugal — Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém, Leiria, Torres Vedras, Guimarães, Braga, Chaves, Lamego, etc. Os reis deixavam, quase sempre, alguns morabitanos a S.^{ta} Maria do Rocamador e S.^{ta} Isabel escreveu, no seu testamento: «Item mando aa Sancta Misericórdia de Rocamador huma vestimenta boa, e hum calix con que cante hum clérigo» ⁽²⁴⁴⁾.

O povo gostava da *Virgem morena*. Em 1228, D. Pedro Lourenço, consoante o costume da época, deixava dinheiro para quem fosse, por ele, a Jerusalém e acrescentava quatro morabitanos para entregar a S.^{ta} Maria do Rocamador: «Item mando ad Sanctam Mariam Rupis Amatoris quator maravitinos» ⁽²⁴³⁾. Quanto a S.^{ta} Maria de Braga, ficava com um morabitano e S.^{ta} Maria de Roncesvales recebia dois.

Quem não podia ir a Rocamador, mandava um romeiro *por sua alma*. Assim fez o abade de Cedofeita, Abril Peres, cónego do Porto, por cuja alma dois peregrinos abalaram em longa jornada, um deles para Jerusalém e outro para a *Virgem morena*: «Mando aos meus executores que enviem huu homem aa terra de ultra-

(243) DE FONTENILLES, *Notre-Dame de Roc-Amadour en Espagne et Portugal*, Cahors, 1896; QUÉRUBINO LAGOA, *Hospital e albergaria de S.^{ta} Maria de Rocamador*; JOSÉ JÚLIO GONÇALVES COELHO, *Notre Dame de Roc-Amadour en Portugal. Son culte. Hôpitaux et hôtelleries*, Roche-Drive, 1912; JOSÉ MARIA DE CORRAL, *Santa Maria de Rocamador y la milagrosa salvación de una infanta de Navarra en el siglo xn*, em *Hispania*, 7 (1947) pp 55f-61o (sobretudo o último capítulo : *Nuestra Señora de Rocamador en Portugal*) ; A. de MAGALHÃES BASTO, *Historia da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, t. i, Porto, 1934, *passim*; ñas páginas 318-320 desta obra, o A. póe justamente em dúvida que os irmãos de Sta Maria de Rocamador constituíssem uma ordem religiosa (não passavam de uma confraria); VITERBO, em *Elucidário*, em *Roca-Amador*, equivocou-se, neste ponto da ordem religiosa; FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origens e formação das Misericórdias Portuguesas*, Lisboa, 1944, *passim*; etc.

(24*) A. DE VASCONCELOS, *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, t. 2, Coimbra, 1894, p 6.

(245) *yimaranis Monumenta Historica*, Guimarães, 1908, p. 198.

mar e outro a santa Maria de Rocamador em meu aver por alma» (24fl).

Um testamento de 1388 mostra-nos que muitas esmolas e peregrinos se encaminhavam para os santuários marianos de Espanha, como o de N.^a S.^a do Pilar: «mando que pello meu aver enviem hum homem a Santa Maria de Rocamador que van alo por mim em Romaria e mando dizer hũa missa e ponha la hua candea e hũa obrada por mim e fassa çerto por escritura publica como ala foi. [.....]. Item mando que inviem outro homem a Santa Maria de Serena e a Santa Maria do Pillar de Çivilha e ponhão em estas Romarias senhas Candeas, e senhas obradas e fassão dizer senhas missas a honrra de Santa Maria por mim» (246 246 247).

Ao lado da Senhora do Pilar e de Nossa Senhora de Serena, brilhava a Virgem de Guadalupe. Nas suas campanhas militares, Nuno Alvares teve «entençom de hiir em romaria a Sancta Maria da Guadalupe, e leyxou de o fazer porque lhe disserom que seria forçado sua gente fazerem grande danno na terra de Sancta Maria, e deu volta atras» (248). E em 1490, por ocasião da peste, os habitantes de Lisboa «fizerão voto a Nossa Senhora de Guadalupe, se fosse servida interceder diante do Tribunal Divino pola Cidade, e alcançar-lhe saude, mandarião em nome delia a sua sancta Casa hum Romeiro, e com elle hum cirio, que ficasse na Igreja em penhor da humildade e devação, com que se lhe encommendavão. Feito o voto, foi Nosso Senhor servido levantar o mal Havendo de hir Romeiro, quiz que fosse um filho desta Ordem ; e escolheo ao Mestre Frei Antão de Sancta Maria, que por sua devação fazia o officio de sacristão de Nossa Senhora da Escada, depois de muito velho, e despois de administrados grandes cargos na Ordem. Levou este Padre consigo sinco officiaes cirieiros, que lavrarão o Cirio em Guadalupe de cera branca, e peso de dez quintais» (249).

Também a Princesa S.^{ta} Joana ordenou que um seu capelão fosse a Guadalupe, apenas ela morresse : «comprindo elle ho

(246) *Censual do cabido da Sé do Porto*, Porto, 1924, p. 416.

(247) Cf. A. VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 24.

(248) *Crónica do Condestável*, Coimbra, 1911, p. 133.

(249) FR. LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, P. 2, L. 6, cap. 7.

mandado e voto da dyta Senhora Iffante hiindo aa Romarya a nossa Senhora de Gadalupe, partyndo logo que ho seu corpo foy dado aa terra, e acabada, ditas suas missas e offertas, em se tornando ffaleceo muito santamente» (250)

Por seu lado, o Livro dos Milagres da Senhora de Guadalupe fala-nos, ainda, de dois mareantes portugueses, salvos das ondas. Lá foram ao santuário *cumprir un voto* e contar o milagre: na tempestade, disseram eles, viram *nuestra señora visyblemente con su hijo* (viram a Nossa Senhora, visivelmente, com o seu Filho), tal qual a veriam depois, em Guadalupe (251).

Estes pobres marítimos, nas suas peregrinações, ombreavam com os grandes do seu tempo, numa irmandade única, diante da Virgem. Basta recordar, entre nós, o rei D. Afonso V que, em 1464, «com alguns senhores e fidalgos escolhidos, secretamente se foi em romaria a Santa Maria de Guadalupe» (252). Tal viagem vem mencionada no sobredito Livro dos Milagres da Senhora de Guadalupe — um velho códice madrileno dos princípios do se'c. xvi, que nos conta «como fue fallada la ymagen de nuestra señora santa Maria mediante la qual fué fundado este monasterio de Guadalupe».

Conta-nos, pois, este Livro de Milagres que D. Afonso V sofria duma *enfermedad de fiebre terciana*. Fizeram-se promessas e rezaram-se orações à Virgem guadalupana e o rei curou-se. E «vyno aquy el mysmo Rey don Alfonso de Portugal a dar muchas gracias a nuestra señora por tanto beneficio e cumplir lo que avia prometido y bolvyose a su reyno con paz y salud» (253 254).

As vezes, havia almas desprendidas deste mundo, que passavam longos anos ao pé destes lugares abençoados. O Beato Amadeu, pelos meados do se'c. xv, ficou em Guadalupe, com os jerónimos (234 254), e urna certa D. Teresa, de hábito dominicano, mas sem votos, abalou em romaria, a cumprir a promessa de ir a Nossa Senhora de Guadalupe. *A qual hindo, la falleceo*, escreve Margarida Pinheiro (255).

(250) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro*, ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 179.

(251) Bibl. Nac. de Madrid, cód. 1176, fis. 70-71.

^252) REV. DE PINA, *Crónica de D. Ajonso* v. cap. 157.

(253) Bibl. Nac. de Madrid, cód. 1176, fis. 104-105 (é o milagre p.3.º).

(254) *AA. SS.*, Agosto, dia 10, t. 2, Veneza, 1751, pp. 574-575.

(255) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro*, ed. cit., p. 38.

VI. — Peregrinações a S. Tiago de Compostela

A volta do ano de 814, descobriu-se o túmulo de S. Tiago —ou, antes, que se dizia dele — em terras da Galiza (256). Deste facto, restam seis documentos mais antigos, a partir de 867, pois as actas de Ordonho I e alguns outros testemunhos não passam de peças apócrifas, quando se referem a S. Tiago.

As peregrinações a Compostela iam encher um dos mais belos capítulos da Idade Média religiosa.

Enfaticamente, a *Historia Compostellana* coloca, na boca duns embaixadores muçulmanos, todo o espanto causado pelos longos caminhos cheios de romeiros, levados pela fama dos milagres de S. Tiago. Foi isto, diz ela, no tempo da rainha D. Urraca, no primeiro quartel do séc. xn:

«Os quais [embaixadores], ao caminharem para o Ocidente (pois tinham ouvido dizer que a rainha e o filho dela moravam no território da Galiza) vêem um grande número de peregrinos cristãos, que iam e voltavam de S. Tiago, por motivos de oração. Admirados, perguntam a um centurião, chamado Pedro, que era um cristão que os guiava e mantinha em terra cristã e também bastante conhecedor da língua deles :

« —Quem é este, tão grande e valente, a quem inúmeros cristãos de além e de aquém-Pirenéus acorrem, para rezarem junto dele? E tal a multidão dos que vão para lá ou voltam, que a custo nos deixam o caminho desimpedido para o Ocidente.

«Respondeu-lhes : — Este é S Tiago, Apóstolo de Nosso Senhor e Salvador, irmão do apóstolo João Evangelista e, ambos eles,

(256) LUCIANO HUIDOBRO y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeanas*, t. 1, Madrid, 1950, pp. 7-210, trata desta questão e traz várias opiniões, a favor e contra a autenticidade. Mas as suas conclusões não nos parecem exactas. Cf. também, Luis VASQUEZ DE PARCA, JOSÉ M. LACARRA, JUAN URÍA RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp 27-36; JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Orígenes del culto de Santiago en España*, em *Hispania Sacra*, 5 (1932) pp. i-3t ; Idem, *Primeros contactos del Islam con el reino asturiano*, em *Arbor*, 24 (1953) pp. 501-525 ; SALUSTIANO PORTELA PAZOS, *Orígenes del culto al Apóstol Santiago en España*, em *Arbor*, 23 (1953) pp. 433-471. Nestas obras e trabalhos vem mencionada uma bibliografia enorme que seria impossível carrear para aqui. Nomeá-la-emos quando for necessário.

filhos de Zebedeu ; e o seu corpo se conserva sepultado ñas térras da Galiza. Veneram-no a Gália e a Inglaterra, a Itália, a Alemanha e todas as provincias cristas e, sobretudo, a Hispânia, como seu padroeiro e defensor [.....].

«E quando chegaram a Gompostela, eles, que dantes se admiravam do que ouviam dizer, ficaram feridos de grande assombro, ao contemplarem a basílica do Apóstolo.

«— Cáspite! exclamam eles, como sobressai, em glória e nobreza, a casa do vosso Tiago ! Aquém e além do Mediterrâneo, nada vimos que se compare a isto. Por Mafoma ! Grande glória é a sua se for tão poderoso no céu como honrado é, por vós, na terra ! Que protecção dá ele e que auxílio aos que o honram e veneram ?

«A isto respondeu o centurião, em língua árabe:—Pelos seus méritos e intercessão, consegue tanto favor de Nosso Senhor Jesus Cristo que, pela misericórdia de Deus, dá vista aos cegos, andar aos coxos, saúde aos leprosos e pessoas atacadas por outros vários géneros de doença. Vem em ajuda e socorro de todos os seus devotos e é poderoso, em milagres sem conto, aquém e além-Pirenéus» (257 258).

Efectivamente, a fama de S. Tiago enchia o mundo católico e este hino compostelano reflecte o ecumenismo destas peregrinações :

«Hic Zebedei Iacobus
Maior vocatur et probus,
Qui facit in Gallecia
Miraculorum milia.

Ad templum cuius splendium
Cunctorum cosmi climatum
Occurrunt omnes populi
Narrantes laudes domini.

Armeni, Greci, Apuli,
Angli, Galli, Daci, Frisi,
Cuncte gentes, lingue, tribus
Illuc pergunt muneribus» (258).²⁵⁷

(257) *Historia Compostellana*, L. 2, cap. 5o.

(258) *Uber Sancti JacobL Codex Calixtinus*, S. Tiago de Compostela, 1944, p. 194 (do texto). A respeito das peregrinações irlandesas, cf., por

Assim pensava a Idade Média, ao ouvir falar deste santuário, perdido nos confins do Ocidente.

S. Tiago era o padroeiro da Península Ibérica e, principalmente, da Galécia, o seu guia e pastor — *Yspanie et Gallecie plebis pastor et dux* (259). Por isso, o compilador do *Liber Sancti Jacobi* exclama, todo emocionado: «O feliz povo da Hispânia e da Galécia, tu que és honrado pelo poder de tão grande Príncipe, não exaltado pela glória da tua bondade mas levantado pelos méritos de glorioso apóstolo ! Foi ele que te aformoseou, foi ele que te ornou, foi ele que te fez feliz, foi ele que te honrou!» (260). E insiste, mais à frente : *Feli\ terra da Galécia que mereceste possuir um tão grande tesouro !* (261)

S. Tiago de Compostela tornara-se o entroncamento de todas as nações e de todos os idiomas. Como símbolo desta realidade histórica e religiosa, podemos tomar a *Prosa sancti Iacobi Latinitinis Grecis et Ebraicis verbis* — Prosa de Santiago com palavras latinas, gregas e hebraicas (262).

Nasceu uma literatura famosa (2G3) em torno deste santuário de Compostela, sobretudo o *Liber Sancti Jacobi—Codex Calixtinus* (264), compilado entre 113g e 1173 (265) e refundido depois. Obra complexa de dogma, história, liturgia, moral e propaganda, sob o nome prestigioso do papa Calisto II, o *Liber Sancti Jacobi* é, também, um guia para os peregrinos de Compostela.

exemplo, RICHARD HAYES, *Ireland's Links with Compostella*, em *Studies*, 38 (1948) pp. 326-332. Sobre peregrinos holandeses, alemães, ingleses, suecos, franceses, etc., cf. L. VÁSQUEZ DE PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RÍU, *Las peregrinaciones de Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp. 39-110.

(259) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 187 (do texto).

(260) *ib.* p. 171.

(261) p. 173.

(262) 7^éBJ pp. 221-222.

(263) L. HUIDOBRO y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeanas*, t. 1, Madrid, 1950, pp. 387-446.

(264) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus* (estudos e índices), S. Tiago de Compostela, 1944, pp. XIII-XV ; P. DAVID, *Etudes sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte*, em *Bulletin des études portugaises*, 10 («945) pp. 1-41; ii (1947) pp. n3-i85; 12 (1948) pp. 70-223; i3 (1949) pp. 52-104; i5 (1950) pp. 180-193.

(265) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus* (estudos e índices), pp. xxi-xxvi.

Tais páginas haviam de deslumbrar a piedade entusiástica dos leitores medievais. No entanto, o *Liber Sancti Jacobi*, não passa duma falsificação literária ⁽²⁶⁶⁾ com intuitos de propaganda. Porém, como os seus autores conheciam bem os itinerários de França para Compostela, com todos os santuários que ladeavam estes longos e devotos caminhos! E como as práticas ascéticas dirigidas aos romeiros de S. Tiago põem a nu certos desvios e pecados que se introduziam nestas peregrinações ! Só acharíamos mais encantador que, em vez duns nomes pomposos, surgissem as assinaturas humildes dos escribas ou monges, talvez cluniacenses ⁽²⁶⁷⁾, que escreveram estas páginas, para glória de S. Tiago, edificação e guia dos peregrinos da Idade Média.

O *Codex Calixtinus* ou *Codex Compostellanus*, editado em 1944, contém cinco livros, e não lhe falta, em verso latino, um *Miraculum Sancti Iacobi de liberatione Christianorum et fuga sarracenorum a Portugalia*, datado de 1190 ⁽²⁶⁸⁾.

O primeiro livro encerra textos litúrgicos, hinos, prosas e outras peças ritmadas para-litúrgicas. O segundo traz os *Miracula Sancti Jacobi* (Milagres de S. Tiago), já publicados pelos bolandistas ⁽²⁶⁹⁾. O terceiro conta-nos a *Translatio Sancti Jacobi in Galleciam* (Trasladação de S. Tiago). O quarto é a *Historia Karoli magni et Rotolandi* (História de Carlos Magno e de Roldão), também chamada crónica do *Pseudo-Turpim* e que pertence ao ciclo carolíngio. O quinto livro intitula-se *Guia do peregrino*.

Se a *Historia Turpini* nos interessa mediocrementemente, já não sucede o mesmo aos onze capítulos do *Guia do peregrino*, com este conteúdo: Dos caminhos de S. Tiago, das jornadas do caminho de Compostela, dos nomes das povoações deste caminho, dos três bons hospitais do mundo, dos nomes dos construtores da estrada de S. Tiago, das águas doces e amargas que há neste caminho,

(266) x respeito desta falsificação literária, cf., também, MENÉNDEZ Y PELAYO, *Orígenes de la novela*, t. i, Santander, 1943, pp. 204-214, e L. V. PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. i, Madrid, 1949, pp. 171-200.

(267) p. DAVID, *Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte*, em *Bulletin des études portugaises*, u (1947) P- 58-

⁽²⁶⁸⁾ *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit, pp. 406-407 (do texto).

(269) 44. 55., Julho, t. 6, pp. 47-59.

das qualidades das terras e povos, das santas relíquias que se encontram e da paixão de S. Eutrópio, de como é a cidade e a igreja de S. Tiago, da divisão das oblações do altar de S. Tiago, de como os peregrinos devem ser bem recebidos.

Deixemos o itinerário inglês, em verso, o guia rimado alemão, por Herman König von Vach, o *Itinerarium* de William Wey, e ainda outro de Arnold von Harf, etc. ⁽²⁷⁰⁾.

Compostela atraía as multidões de todos os países e línguas, que era maravilha, e todos os idiomas e dialectos do tempo louvavam o apóstolo ⁽²⁷¹⁾ Ouviam-se pelos caminhos da Galiza as canções dos povos do sul e dos peregrinos nórdicos, com o seu dialecto romano-germânico :

*Herrn Sanctiagu,
Got Sanctiagu,
Eultreia, esuseia,
Deus aia nos* ⁽²⁷²⁾

Isto é :

«Senhor S. Tiago,
Bom ⁽²⁷³⁾ S. Tiago,
Eia, mais além,
Eia, mais acima,
Deus ajuda-nos».

Os peregrinos punham-se em marcha, apesar do medo dos ladrões, das dificuldades das jornadas e, até, da exploração e insídias das pequenas hospedarias espalhadas ao longo dos caminhos desertos ⁽²⁷⁴⁾.

Vinham escoceses, francos, normandos, teutões, gente das Baleares e da Provença, iberos e *ímpios navarros*, flamengos,

⁽²⁷⁰⁾ Sobre itinerários e guias compostelanos, cf. L. V. DE PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RIU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 2, Madrid, 1949, pp. 11-592.

⁽²⁷¹⁾ *Les chansons des pèlerins de Saint-Jacques*, Montauban, 1899, p. 45.

⁽²⁷²⁾ *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 401 (do texto).

⁽²⁷³⁾ *Ibidem* (estudos e índices), pp. LXI-LXII, onde D. Germano Prado traduz *Got* por *divino*. Pierre David prefere *bom*. Cf. *Études sur le le livre de Saint-Jacques attribué au Pape Calixte*, em *Bulletin des études portugaises*, 10 (1945) p. 26, nota i.

⁽²⁷⁴⁾ *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 128 (do texto).

alemães, noruegueses, russos, italianos, romeiros de Creta e Jerusale'm, búlgaros, gregos, africanos, abissínios e romeiros de terras muçulmanas, diz o *Liber Sancti Jacobi*, com certo exagero retórico, difícil de controlar. Juntam-se em torno do altar, «com velas acesas nas mãos, de modo que toda a igreja resplandece como o sol ou um dia claríssimo. Cada qual faz as suas vigílias, ajuizadamente, em companhia dos seus compatriotas. Uns, tocam cítaras; outros, liras; outros, timbales; outros, flautas; outros, pífaros; outros, trombetas; outros, sambucas; outros, violas [.. Uns, com cítaras, outros com diversos géneros de música, passam a vigília a cantar. Outros choram os seus pecados. Outros rezam salmos. Outros distribuem esmolas pelos cegos. Ouvem-se, lá, diferentes espécies de línguas, clamores vários dos bárbaros, as falas e cantilenas dos teutões, dos ingleses, dos gregos e das mais tribos e gentes diversas de todas as partes do mundo» (275).

Catalães e portugueses, flamengos, alemães, suecos e ingleses, muçulmanos, gente de Dantzig e de Nuremberga, peregrinos da Itália e da Irlanda — de todos estes, pelo menos, há notícias seguras, sem esquecer o nome tcheco de Schaschek, companheiro de Leão de Rosmithal, da Boémia, e autor de um livro onde conta a viagem à cidade santa da Galiza (276).

Alguns peregrinos carregavam ferro ou chumbo para as obras da basílica, outros «fazendo penitência e chorando os pecados, traziam aos ombros barras de ferro e algemas. Tinham sido libertados pelo apóstolo, das prisões dos malvados» (277).

Antes de partirem para Compostela, recebiam, na igreja, o bordão de peregrino e uma sacola benta pelo padre. O bordão e o bernal significavam o aperto do jejum e da pobreza (pois no saco pouca coisa podiam levar), a mortificação da carne, a fé na SS.^{ma} Trindade e a confissão dos pecados — afirma o *Liber Sancti Jacobi*.

Nem todos aceitariam esta explicação subtil. Ainda assim, partiam de bordão e sacola. E quando voltavam, traziam *crusil-*

(275) *Jb.*, pp. 147-149.

(276) L. V. DE PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA Rfu, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 1, Madrid, 1948, pp. 89-118. Sobre Schaschek, *ib.*, p. 98.

(277) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 149 (do texto).

las ou conchinhas, do mesmo modo que os peregrinos da Terra Santa vinham de lá com folhas de palmeira ⁽²⁷⁸⁾. Eram conchas com relevo em forma de dedos de uma mão — *relut digiti manus sculpuntur* — e que os peregrinos coziavam às capas, em honra do santo apóstolo. Vendiam-se, também, em Compostela, estas conchas aos peregrinos de S. Tiago — *in quo crusille piscium idem inter signa beati Jacobi venduntur peregrinisy* ⁽²⁷⁹⁾.

Por vezes, traziam consigo grandes búzios com que tocavam ⁽²⁸⁰⁾. Tinham, sobretudo, um fim prático : animar os peregrinos à jornada, reunir os membros do grupo, dar o sinal de partida e indicar a algum, que ficasse para trás, aonde é que se encontravam os companheiros.

Sofriam muito pelo caminho. Os hospedeiros exploravam-nos, diz o *Liber Sancti Jacobi*, enganando-os nos géneros. Vendiam-lhes sidra, em lugar de vinho, e davam-lhes carne e peixe de três dias, de modo que os romeiros chegavam a adoecer. São páginas dignas da nossa *Arte de furtar*. Negavam-lhes água, só para eles comprarem vinho, iam à estrebaria roubar a cevada das cavalgadas, as camas eram más e as medidas falsificadas ⁽²⁸¹⁾. Contudo, parece-nos que o *Liber Sancti Jacobi* exagera bastante, na sua antipatia contra os vascongados.

Em Compostela, os cambistas enganavam os romeiros e os logistas vendiam-lhes, por preços exorbitantes, as velas de cera, correias e cintos. Nem faltavam maus clérigos e leigos, vestidos de monges, que saíam, pelos caminhos, ao encontro dos romeiros. Estes confessavam-se aos pseudo-monges e recebiam, por penitência, mandar celebrar um grande número de missas por um sacerdote que tivesse feito o voto de pobreza, que fosse casto e não comesse carne. E os peregrinos entregavam ao pseudo-monge o dinheiro para as missas ⁽²⁸²⁾.

(278) *ibp.* 153. A 5 de Agosto, dia antigo de S. Tiago, ainda os rapazinheiros de Londres celebravam, a seu modo, a velha festividade, com grutas de *oyster shells* — conchas de ostras. *The Catholic Encyclopedia*, em *Pilgrimages*.

(279) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 379 (do texto).

(280) E_m certas terras de Portugal, os ranchos da azeitona ainda usam estes búzios, de manhã e à noite, para reunir a gente do rancho, etc.

(281) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., pp. 160-171 (do texto).

(282) *ib.*, p. 164.

À beira da estrada, mendigos hipócritas exibiam chagas que não existiam; outros traziam folhas de palmeira, como se foram peregrinos de Jerusalém, e diziam-se doentes; outros fingiam-se aleijados.

No entanto, Deus amaldiçoava quem tratasse mal os romeiros de Compostela (283).

Alguns historiadores muçulmanos registaram a importância religiosa das peregrinações compostelanas, tanto mais que os filhos de Mafoma conservavam um certo respeito pelo túmulo de S. Tiago. «Almançor, escreve um deles, chegando, neste tempo, ao mais alto grau de poder e ajudado por Deus, nestas guerras contra os príncipes cristãos, marchou sobre a cidade de S. Tiago, que está situada na Galiza e é o maior santuário cristão, não só da Espanha mas também das regiões adjacentes da grande terra. A igreja desta cidade é para eles o que a Caaba é para nós; invocam-na nos seus juramentos e vão lá em peregrinação dos países mais afastados, de Roma e de mais longe. O sepulcro que lá vão visitar é, pretendem eles, de S. Tiago».

A seguir, vai-nos dizendo que Almançor, em Viseu, juntou ao seu exército muitos nobres cristãos, seus vassalos, e que todos partiram, numa peregrinação sangrenta, a ferro e fogo. Que sentiriam, na alma, estes cristãos de terra portuguesa, ao aproximarem-se do túmulo do apóstolo? Conquistaram a *orgulhosa cidade de S. Tiago*, arrasaram o templo e tudo o mais. *Bendito seja Deus!* exclama o historiador muçulmano. No entanto, Almançor fez respeitar o túmulo de S. Tiago e mandou pôr guardas para o defenderem. Só ficara, ali, um velho monge, assentado ao pé do sepulcro. E Almançor perguntou-lhe «por que se conservava naquele lugar. i.e., respondeu ele, *para honrar S. Tiago*. O vencedor ordenou que o deixassem sossegado» (284).

Nos caminhos que levavam a Compostela, fundavam-se albergarias para os peregrinos e, no final de quatrocentos, o hospital

(283) *ib.*, pp. 387-388.

(284) *Histoire de VAfrique et de VEspagne intitulée Al-Bayano'l-Mogrib*, tr. por E. Fagnan, t. 2, Argel, 1904, pp. 491-495. O título é: *Livro peregrino das galas do Ocidente*; A. IBN MOHAMMED AL-MAKKARI, *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*, t. 2, tr. de P. Gayangos, Londres, 1840-1843, pp. 195-196.

das Caldas da Rainha acolhia, «com o maior carinho, na *Casa dos Peregrinos*, todos os romeiros de passagem que pedissem abrigo, principalmente os que se destinavam a Santiago de Compostela. A todos era dada cama, comida e de beber, uma noite apenas, a não ser aos sábados e vésperas de festas de Nosso Senhor ou Nossa Senhora em que, no caso de já não terem tempo de ir dormir a outro sítio onde pudessem ser agasalhados, teriam abrigo por duas noites» (285).

Muitas lendas se espalharam em torno de S. Tiago e da sua trasladação ou pseudo-trasladação. Algumas delas já as regista o *Livro de S. Tiago*, como sonhos e fábulas, diz ele, para meter entre os apócrifos (286). Uma delas localizou-se em terra portuguesa. Trata-se do *Milagre das veiras que aparecerom no cavaleiro*, quando S. Tiago ainda vinha na barca maravilhosa, a caminho da Galiza. Vem escrita em *Os autos dos apóstolos* (287). Mas, esta obra é a impressão quinhentista do *Segundo livro que fala de todo o feito e de todas as vidas e das paixões dos apóstolos*, dos meados de quatrocentos (288).

Tanto *Os autos dos apóstolos* (289), como o *Segundo livro que fala de todo o feito e de todas as vidas e das paixões dos apóstolos*, contam-nos, efectivamente, que os discípulos de S. Tiago meteram o seu corpo, num barco, na *riba do mar*. Que nave maravilhosa, *quisada de mastro e de veela e de todo o al que a mester !* «E logo lhes fez huum vento muy manso e muy boo, que os fez correr pelo mar alto muito em paz e muy bem. E quando chegarom dereito de Portugal a huum logar que a nome Bouças, aveo assi que huum ricomem que tinha terra de Gaia casava sa filha com huum filho doutro rico homem, que tiinha da outra parte do Doyro a terra da Maya. E faziam as vodas em Bouças, que jazem en na Maya, honde era natural o cavaleiro. E a festa

(285) FERNANDO DA SILVA CORREIA, *Origem e formação das misericórdias portuguesas*, Lisboa, 1944, p. 516. Cf., também, o cap. 14, na parte intitulada: *As peregrinações a Santiago de Compostela*.

(286) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., pp. 144-145 (do texto).

(287) Impressos por Valentim Fernandes, em Lisboa, i5o5, por mandado da rainha D. Leonor.

(288) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ale. CCLXXXII/280, em letra gótica de duas mãos (1442-1443).

(289) Lisboa, i5o5, cap. 49.

e a lidiça era muy grande, e a cavalaria e as donas e a gente muita. E cada hüum fazia o que sabia que perteeçia aa voda. E os huuns lançavam ao tavolado, e os outros baffordavam. Mais antre estes que baffordavam, baffordava o noyvo. E aveo assi pera mostrar Deos as sas maravilhas aos que el quer pera ssi, que o noyvo em indo boffordando, o cavalo em que hia tirou pelo freo, e meteosse com el en no mar. E levouo per so a agua ata dereito da nave hu andava o corpo de Santiago, e ali sayo o cavaleiro a par da nave. E catousse, e vio o cavalo e a seela e o peitoral e as estribeiras e a lança e os pannos todos cheos de veeyras. E por saber mais daquelo, tirou o sonbeiro ⁽²⁹⁰⁾ e catouo, e vio em el outro tal, e foe espantado todo. E quando se vio assi cheo de vieiras, e que veera per so agua sem danno nenhum que ouvesse, e que estava sobre o mar bem como em terra chaã maravilhouse muito. E estandosse assi maravilhando, vio a par de ssi a nave. E quando vio os homeens ouve ende gram prazer e gram conforto. E disse lhes todalas cousas em como lhe aqueecerom, e amostroulhes as veeiras e perguntoulhes que lhes semelhava daquelas cousas que lhes ensinara. E eles disserom verdadeiramente quer Deos de ti fazer boa çima e Jhesu Christo por este vassalo que aqui trazemos, pera mostrar per el o seu poder a ti e aos que em esta terra som. E ele lhes perguntou per latim muy humildosamente que lhes fizessem entender que era Jhesu Christo e que era o que diziam daquel seu vasalo, e que era o bem que lhe ende poderia viür. E eles lhe contarom toda a fazenda de Santiago, assi em milagres como en no al, como volo ja contado avernos» ⁽²⁹¹⁾.

E aqui temos uma explicação popular das conchinhas simbólicas que os romeiros de S. Tiago levariam a todo o mundo cristão ! E um escritor de setecentos regista o mesmo, num hino antigo da Igreja de Oviedo:

*Cunctis mare cernentibus,
Natus Regis submergitur ;
Sed a profundo ducitur,
Totus plenus conchilibus* ⁽²⁹²⁾.

(*) Deve ser *sombreiro*.

⁽²⁹⁰⁾ Bibi. Nac. de Lisboa, cód. ale. CCLXXXII/28o, fl. 132-132 v.

⁽²⁹²⁾ ANTÓNIO GERQUEIRA PIN RO, *Historia da prodigiosa imagem de Cristo crucificado, que tem o título de Bom Jesus de Bouças*, Lisboa, 1737, pp. 93-96.

Isto é : A vista de todos, o filho do rei afunda-se no mar. Mas, tira-se do pego, todo cheio de conchinhas !

A quadra anterior a esta localizava o milagre em Portucale, na foz do rio Douro, confirmando, desta forma, o códice de Alcobaça :

*Brevi, Calensem, tempore,
Portum pertingit barcula,
Quo Regum recens soboles
Festum pro nuptu peregit.*

Quer dizer : em breve tempo, a barquinha chega a Portucale, onde o jovem filho do rei celebra a festa do casamento.

Las peregrinaciones a Santiago de Compostela ⁽²⁹³⁾ também recordam o hino do breviário de Oviedo e acrescentam :

«El milagro se debía narrar ya en el Edad Media, puesto que lo encontramos interpolado en el libro segundo de la versión que fray Juan de Ascona hizo del *Liber Sancti Jacobi* en 1532».

Plenamente de acordo, se atendermos ao *Livro que fala dos Milagres de S. Tiago*, do *Segundo livro que fala de todo o feito e de totalas vidas e das paixões dos apóstolos*, em letra de 1442-1443 ⁽²⁹⁴⁾. Podemos até pensar que a tal interpolação do milagre das vieiras no *Liber Sancti Jacobi*, registada pela versão de Frei Juan de Ascona, também existia no exemplar do *Liber Sancti Jacobi*, de que lançou mão o tradutor português.

Eram contínuas as nossas relações piedosas com o famoso santuário de Compostela. Muitos bispos iam lá peregrinar, com longa comitiva de amigos e criados. E o bispo do Porto, D. Hugo (f ii56), um dos autores da *Historia Compostelana* viera, mesmo, da cidade santa da Galiza.

O antigo arcediogo de Compostela, depois bispo do Porto, havia de voltar à cidade das peregrinações para ver o seu amigo D. Gelmírez e rezar junto do sepulcro do apóstolo ⁽²⁹⁵⁾. E foi,

(293) L. VAZQUES DE PARGA, J. M. LACARRA, J. URÍA RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, t. 1. Madrid, 1948, p. 132. LÓPEZ FERREIRO também se refere a este hino santiaguista de Oviedo, em *Historia de la iglesia de Santiago*, t. 2, pp. 5?-58.

(294) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. CCLXXXII/280.

(295) H. FLÓREZ, *España Sagrada*, t. 21, Madrid, 1766, pp. 61-63.

ainda, por amor de S. Tiago e da sua igreja, que ele partiu para Roma, disfarçado de mendigo, para não o prenderem ⁽²⁹⁶⁾, «envolto em vestidos esfarrapados e pobríssimos [...]» ora a cavalo, ora a pé, passava pelas cidades e municípios, ora cego, ora coxo, ora como se tivesse a cara torcida pela paralisia, enganava a perspicácia dos seus inimigos» ⁽²⁹⁷⁾. Nada desmentia, neste bispo, o arcediogo audaz que ajudara a roubar as relíquias de S. Frutuoso, para glória de Compostela!

Era a S. Tiago que se atribuíam as vitórias contra os moiros. Por isso, vemos o nobre moçarabe Sisenando abalar em peregrinação para a Galiza, após a conquista de Coimbra, em 1064 ⁽²⁹⁸⁾.

A gente humilde não se afastava destes caminhos, a ponto de o povo afirmar séculos e séculos depois : *quem não vai a S. Tiago em vida, irá depois de morto*. Ou então, como reza a cantiga :

S. Tiago da Galiza
É um cavaleiro forte.
Quem lá não for em vida
Há-de ir lá depois da morte.

E como testemunho da profunda influência das peregrinações compostelanas na alma portuguesa, temos estes versos de um romance transmontano:

A gritar vai uma alma,
a gritar que se perdia,
a caminho de Sant'Iago
a cumprir a romaria ⁽²⁹⁹⁾.

Também os nossos trovadores se referem à romaria de S. Tiago da Galiza :

*Por fa^er romaria pug'en meu coraçõ
ir a Santiagu un dia por fa^er oraçõ* ⁽³⁰⁰⁾.

(296) *Historia compostelana*, L. 2, cap. i3: *Quod Portugalensis Episcopus ad Papam Calixtum missus est*.

(297) *Ibidem*.

(298) A. DE VASCONCELOS, *A Catedral de Santa Maria Colimbriense ao principiar o séc. XI*, em *Revista portuguesa de historia*, i (1941), p. 120.

(299) F. A. MARTINS, *Folklore do concelho de Vinhais*, t. 1, Coimbra, 1928, p. 152.

(300) *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 265.

E o clérigo Airas Nunes, em busca da verdade, foi ter a Compostela, depois de andar a procurá-la pelos mosteiros. Também a não encontrou na cidade do apóstolo :

Em Santyago seencTalbergado
em mha pousada chegarom romeus,
preguntey-os et disserom: Par Deus,
muyto levadel-o caminho errado;
cá se verdade quiserdes achar
outro caminho convém a buscar,
ca nom sabem aqui d'ela mandado (301).

S. Tiago era o patrono da Península Ibérica e, também, de cada um de nós. Por isso, a ele recorriam as almas namoradas, para que lhes trouxesse a pessoa amada:

Ay, Santiago, padrón sabido,
vós madrugades o meu amigo;
[.....]
Ay, Santiago, padrón provado,
vós m'adugades o meu amado (302).

Iam a Compostela, por simples devoção, para salvar a alma, para ganhar as indulgências e, também, em penitência imposta pelo confessor. Outros peregrinavam por causa dalgum defunto.

De facto, em 1203, João Diogo, de Guimarães, mandou um homem por sua alma a S. Tiago da Galiza (303). Em 1228, ordenava outro testador: *mando a quem vá por mim a São Tiago de Galiza hum maravidi e meyo* (304).

Sessenta anos mais tarde, outro vimaranense exigia o mesmo e escrevia: «mando que pello meu haver inuiem outro homem a São Thiago da Galiza, e mandem alo dizer outra missa e ponhão hi outra candeia e obrada por mim» (305).

De Nuno Alvares Pereira, escreve Fernão Lopes na sua *Cró-*

(soi) *Jb.*, n.º 455.

(302) *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 429.

(303) A. VIEIRA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios, Guimarães, 1942*, p. 16.

(304) *Jb.*, p. 19.

(305) *Jb.*, p. 24.

nica de D. João I: «cuidou o conde em sua vontade de ir em romaria a Santiago de Galliza» (306).

Mais tarde, no tempo de D. Afonso V, encontramos uma peregrina ilustre, na pessoa de D. Filipa, tia da princesa D. Joana. Escreve Sor Margarida Pinheira que ela, tendo prometido «ir ao jubyleu de Sanctiago que esse meesmo anno era e corria, determynou partyr e ir logo com toda sua gente que trazia. E assynado ho dia e espidindo sse hua Senhora da outra, partyo sse pera sua Romarya» (307).

Inútil seguir a marcha histórica destas peregrinações compostelanas que partiam de terra portuguesa. Registamos, apenas, a de S.^{ta} Isabel, na primeira metade do séc. xiv, em 13[^]5. Contamos esta romaria o *Livro que fala da boa vida quefe\ a Raynha de Portugal, Dona Isabel*:

«E, ante que se comprisse o ano do dia do passamento delrey, começou esta rainha caminho, sem o dando a entender, pera ir aa eigreja em romaria u jaz o corpo de Santiago apostolo. E assi calou pera u ia que os de sa companha per alguuns dias que nom entendiam a que partes ir queria, atá que nom chegou acerca de Santiago a uum logar que é alongado da vila per ùa legoa, onde parecia a eigreja. Foi de pee com gram devoçom ate' a eigreja de Santiago, e esto era no mes de julho, ante a festa de Santiago por dias, e teve ali a festa. E em no dia da festa, dizendo o arcebispo missa, ofereceu esta rainha ao apostolo Santiago a mais nobre coroa que ela avia com muitas pedras preciosas, e os mais nobres e melhores panos, apostados com muito aljoufar, pedras ricas e penas, que em vivendo com elrey, seu marido, vestira, e avia ùa mui fremosa e de gram valia, cuberia das mais ricas sueiras, que diziam aqueles que ali eram, que nunca veer podessem rainha, nem outra senhora tam nobres cousas oferecer, e a mua que era enfreada de huum freo que nom era senom ouro e prata e pedras preciosas. E ofereceu i uuns panos d'ondas, de geebe rosado com sinais de Portugal e de Aragom, em que andava muito aljoufar, e ofereceo copas mui nobres e mui bem lavradas, por que ela em tempo delrey bevia. E tragia feitas capas, ùa

(306) p. 2, cap. 5.

(307) *Crónica da fundação do mosteiro de Jesus, de Aveiro*, ed. por Rocha Madahil, Aveiro, 1939, p. 151.

vestimenta com almatica pera diacono e com todo comprimento mui nobre e rico e mui boom e oferecia ao apostolo Santiago, e do seu aver fez outrosi grandes ofertas e esmolas de guisa que diziam os da eigreja de Santiago que ali erom que [nom] era [em] memoria de omeens em aquel tempo que tam nobre e tam rica oferta a nenhũa pessoa viissem dar aa eigreja de Santiago. E, comprida sa romaria, o arcebispo da eigreja deu aa rainha uum bordom e esportela, pera per o bordom e esportela parecer romeira de Santiago, e tornou-se pera Portugal» (308 309 310).

Esta descrição do séc. xiv mostra-nos, em grande estilo, o que muitos romeiros e peregrinos pobres faziam em ponto pequeno (319).

O *Liber Sancti Jacobi* exige dos romeiros arrependimento dos pecados e uma boa confissão (31º). A vigília do santo apóstolo celebrava-se «com confissões e velas de cera acesas, durante a noite», pois não bastava varrer e limpar a basílica e pôr vestidos novos. Era também preciso «lavar os corações pela penitência recebida dos sacerdotes» (311).

Partiam para Compostela pecadores que os sacerdotee lá mandavam, por causa da enormidade dos seus pecados (312). E a bênção da esportela lembrava, exactamente, o sentido penitencial da peregrinação: *Em nome Nosso Senhor Jesus Cristo, recebe esta esportela, distintivo da tua peregrinação para que, emendado e bem repreendido, mereças a morada de S. Tiago, para onde desejas partir e, terminada a tua viagem, voltes para o meio de nós, salvo e alegremente, com a ajuda de Deus que vive e reina pelos séculos dos séculos* (313).

E ao voltarem para a terra, traziam consigo várias recordações. Florescia, então, a arte dos *a\abacheros*, como dizem os castelhanos, isto é, *a\evicheiros*, que chegaram a formar um gré-

(308) *Vida e milagres de Dona Isabel* (texto do séc. xiv), Coimbra, 1921, pp. 51-53.

(309) Acerca de S. Tiago da Galiza em Portugal, cf., também, ALBERTO VIEIRA BRAGA, *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*, Guimarães, 1948. Sobre os votos de S. Tiago de Compostela, cf. LUCIANO HUIDOBRO Y SERNA, *Las peregrinaciones jacobeanas*, t. 1, Madrid, 1950, pp. 447-481.

(310) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., pág. 75 (do texto).

(311) *Ib.*, pp. 15-16.

(312) *Jb.*, pp. 262-263.

(313) *Ib.*, p. 152.

mio em S. Tiago da Galiza ⁽³¹⁴⁾. Esculturavam pequenas imagens negras de azeviche, representando S. Tiago a pé ou a cavalo, com a conchinha simbólica no seu chapéu de romeiro. Ao lado, com umas contas ou um bordão de peregrino, ajoelhava-se um ou dois peregrinos minúsculos, a rezar ao patrono das Espanhas.

Os romeiros espalharam estas imagens pelo mundo católico e a elas devem referir-se estes versos populares:

Se vais a Santiago,
compra-me um Santiaguinho,
não mo compres grande,
seja pequenino ⁽³¹⁵⁾.

VII. — Peregrinações a Roma e à Terra Santa

Para falar a rigor, os peregrinos dividiam-se em dois grupos:

1. ° — peregrinos propriamente ditos, que iam de romaria a um ou mais santuários e que, depois, voltavam às antigas ocupações ⁱ⁽³¹⁶⁾;
2. ° — *palmeiras* ou *palmeirins*, sempre a caminhar de santuário em santuário, a vida inteira. Estes eram os profissionais da peregrinação, quer por gosto, quer por penitência. Denominavam-se *palmers*, em inglês; *palmieri*, em italiano; *palmeros*, em castelhano; *palmarii*, *palmati*, *palmares*, em latim bárbaro.

Este rigor de significação brevemente perdeu a sua força primitiva. *Palmeiro* tornou-se, sobretudo, o peregrino da Terra Santa, por trazer de lá uma palma. Conforme reza o *Roman de Blanchandin* :

*Et de Jérusalem venons,
Fef les Paumes que nos portons* ⁽³¹⁷⁾.

⁽³¹⁴⁾ L. MAÍZ ELEIZEGUI, *El Apostol Santiago y el arte jacobeo*, Madrid, 1944, pp. 149-150 e as estampas do fim, com fotografias desses azeviches.

⁽³¹⁵⁾ *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de C. M. de Vasconcelos, t. 2, Halle, 1904, p. 828.

⁽³¹⁶⁾ L. D. AGATE, *Pilgrimage (Christian)*, em *Encyclopaedia of religion and ethics*, t. 10, p. 18.

⁽³¹⁷⁾ Du GANGE, *Glossarium*, em *Palmarius*.

Também o *Liber Sancti Jacobi* explica que os que voltam de Jerusalém *tracem palmas*, do mesmo modo que os peregrinos de Gompstela trazem conchas (318).

O *Indiculum foundationis Monasterii S. Vincentii* fala-nos deste costume quando se refere ao cavaleiro Henrique: *Nam palma, more peregrinorum ad scapulas Iherosolimis allata, secumque in sepulcro ad caput deposita, parvo post tempore revirescens ascendit de terra* (319). Quer dizer : Com efeito, uma palma trazida de Jerusalém, aos ombros, conforme o costume dos peregrinos, e posta com ele, à cabeceira do sepulcro, reverdecendo pouco depois, ergueu-se da terra. Ou, como traduz a *Crónica da fundação do mosteyro de Sam Vicente* (320), «na cabeceyra do moymento do dito cavaleyro se levantou huma palma semelhavil a esta que tragem os romeus que vam em Jérusalem. E levantada assi esta palma começou denverdecere», etc.

No entanto, *palmeiro* nem sempre nos parece um nome exclusivo dos peregrinos da Terra Santa. Em Lisboa e no Porto, havia hospitais de *palmeiros*, onde se recolhiam os peregrinos. Não podemos pensar que os fundadores destes albergues, ao falarem de palmeiros, se referissem, unicamente, a romeiros da Palestina.

Antes de 1212, Pedro Escuro fundou, em Santarém, o Hospital de Rocamador e Palmeiros (321). No séc. xiv, os peregrinos ingleses levantaram, em Cacilhas, a Casa dos Palmeiros, ainda existente em meados de quinhentos e destinada a *agasalhar os peregrinos* (32M): «Nos tempos passados, escreve o autor quinhentista, vierão a este reyno os ingleses romeiros e chegando a Cacilhas, lugar dalem pegado com o mar, não acharam gasalhado, e vindo a esta cidade acharam a mesma falta. Espantados muyto de em tão nobre cidade não aver gasalhado para os peregrinos determinarão fazer aas suas custas dous espriteaes hum no mesmo lugar de Cacilhas e o outro na cidade» Era o *Sprital dos Palmeiros*.

(318) *Liber Sancti Jacobi-Codex Calixtinus*, ed. cit., p. 153 (do texto).

(319) p. *M. HScriptores*, t. 1, p. 92.

(320) **Ed. de 1873, p. 37.**

(321) F. DA SILVA CORREIA, *Origens e formação das misericórdias portuguesasy Lisboa, 1944, p. 342.*

(322) CRISTÓVÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA, *Sumário em que brevemente se contam algumas cousas que há na cidade de Lisboa, Lisboa, 1938, p. 55.*

Romeiros eram os que iam ou vinham de Roma. Contudo, já na nossa literatura de quatrocentos, chamam-se também romeiros aos peregrinos de Jerusalém e da Terra Santa. *Os autos dos apóstolos* falam-nos em *romeus* de S. Tiago (caps. 58, 59, 66, 71, etc.). A rainha S.^{ta} Isabel foi em *romaria* a S. Tiago, e o arcebispo de Compostela deu-lhe bordão e esportela, para ela *parecer romeira de S. Tiago* (323). E a *Crónica da fundação do mosteyro de sam Vicente*, refere-se, como já vimos, aos *romeus que vam em Jérusalem* (324).

Empregaremos, pois, a palavra romeiro na significação lata de peregrino.

Roma, cabeça de Igreja, cidade dos mártires e das catacumbas, continuava a ser o centro da piedade peregrinante, nas suas andanças pelo vasto mundo católico. Muitos nobres, eclesiásticos e gente pia, aproveitavam a ocasião para resolver os mil negócios espirituais e temporais dependentes da Santa Sé.

S. Geraldo (f 1108), arcebispo de Braga, foi a Roma, no tempo de Pascoal II (325). Hugo, bispo do Porto, também partiu para a cidade dos Papas. Maurício Burdino, arcebispo bracarense, trouxe relíquias da Cidade Eterna. O arcediogo D. Telo, no séc. XII, também para lá se dirigiu. Era em Roma que batia o coração da Cristandade.

A ida dos romeiros alongava-se, pelos séculos fora. Quem não ia, enviava esmolos *por sua alma*, como então se dizia. O bispo de Lisboa, D. Domingos Anes Jardo (f 1294), ordenou que fossem por ele «dous peregrinos à cidade de Roma, onde estarám duas quarentenas, e visitarám as estaçoens acostumadas, para que ganhem por minha alma as indulgencias, que ali são concedidas, para o que deixamos quinhentas livras» (326).

Em 1367, D. Guiomar de Lisboa, ao comprar uma casa, em Roma, para alargamento do Hospital de Belém, refere-se aos

(323) *Vida e milagres de Dona Isabel* (texto do século XIV), Coimbra, 1921, pp. 51-53.

(324) Ed. de 1873, p. 37.

(325) p. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 54.

(326) D. RODRIGO DA CUNHA, *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, Lisboa, 1642, p. 207.

palmeiros portugueses (*palmer iorum de Portugallo*), na Cidade Eterna (327). Ela mesmo estava em contacto com os peregrinos.

«Como dizem vários autores, quase traduzindo do já citado Butius, D. *Guiomar viu na visita às basílicas muitas pobres mulheres portuguesas peregrinando quase perdidas, sem terem onde se alojar, o que tocando a sua compaixão... a levou a, com largas esmolas, instituir um hospital com muitas camas para uso das pobres mulheres da sua nação que viessem visitar os lugares santos de Roma*» (328j).

Por seu lado, o Hospital do Cardeal D. Antão, conforme diz um documento de 1467, destinava-se a receber portugueses pobres (*pro suscipiendis pauperibus Christi dictae nationis Portugalensis*), muitos deles peregrinos (329). E o cardeal D. Jorge da Costa, em 1486, nos Estatutos da Igreja e Hospital de S. António dos Portugueses, ordenava que os romeiros seus compatriotas ficassem com hospedagem para dois meses (330).

Giannozzo Manetti, no jubileu de 1450, entre as multidões de várias terras, nomeia os portugueses (331). E no túmulo de S. Pedro, encontrou se, ainda, uma moeda portuguesa da Idade Média (332), no meio de tantas outras que os peregrinos, devotamente, ofereciam ao Santo.

Quanto às peregrinações do *Ultramar* ou Terra Santa, vinham de longe. Podíamos citar o nome famoso da freirá Egéria, Eithéria, Aeithéria, Ethéria, que tantas são as formas do nome desta peregrina, nos vários manuscritos (333).

No séc. iv, partiu ela da antiga Galécia para o Oriente, numa viagem a todos os títulos célebre, tanto pelo *Itinerarium* ou *Peregrinatio* da sua autoria, como pelo resumo que dela publicou

(327) MIGUEL DE ALMEIDA PAILE, *Santo António dos Portugueses em Roma*, t. i. Lisboa, 1951, p. 310.

(328) *Ib.*, p. 50.

(329) *Ib.*, p. 334.

(330) *Ib.*, p. 346.

(331) MÁRIO ROMANI, *Pellegrini e viaggiatori nelVeconomia di Roma dal XIV el xvil secolo*, Milão, 1948, p. 8.

(332) *Esploraponi sotto confessione di San Pietro in Vaticano*, t. 2, Cidade do Vaticano, 1951, estampa CII.

(333) j. GARCIA VILLADA, *Egeria ou Aetheria ?*, em *Anaclea Bollandiana*, 30 (1911) PP* 444*447-

S. Valerio de Bierzo, em forma de epístola: *Vita et epistola Beatissime Egerie laude conscripta fratrum bergidensium monachorum a Valerio conlata* ⁽³³⁴⁾

Nasceu na extrema costa do mar ocidental — *extremo occidui Oceani littore exorla* ⁽³³⁵⁾, na faixa norte. De facto, S. Valerio determina, geográficamente, essa região, como ponto de partida — *hujus occiduae plagae*, desta plaga ocidental, Ora, *esta* costa ocidental lembra-nos que S. Valério escrevia nas montanhas do Bierzo e para os monges que lá viviam. Banhadas pelo rio Sil, afluente do rio Minho, numa época sem fronteiras entre Portugal e Espanha, as serranias de Bierzo, de que nos fala o monge Valerio, não chegam para determinar, com mais exactidão, a origem da peregrina Egéria.

Esta freirá andarilha e da alta sociedade, decerto que não peregrinou sozinha, por caminhos de segurança duvidosa. Com ela, também outras mulheres estiveram em Jerusalém, no Monte Sinai, na Tebaida e em Constantinopla.

Nos princípios do séc. v, dois peregrinos de Braga, com o nome de Avito, andaram a espalhar o origenismo, entre os seus patrícios. Um deles voltara de Roma e o outro regressara de Jerusalém, chegando a Braga antes do mês de Outubro de 409. Com eles, pregava um bispo grego, Basilio ⁽³³⁶⁾.

O cronista Idácio (fc. 470), bispo de Chaves, foi outro romeiro da Palestina. S. Bráulio mete-o entre as glórias da costa ocidental ⁽³³⁷⁾ e o próprio Idácio conta-nos que, tendo ainda catorze anos, partiu em peregrinação à Terra Santa, levado pelos pais ou pessoas de família. Nunca se esqueceu de S. Jerónimo *ao qual* ⁽³³⁸⁾ *estou certo de ter visto outrora, na minha infância, quando eu peregrinava pelas sobreditas regiões* (da Palestina). E foi, ainda, na Palestina, que ele conheceu o bispo João, «com os santos Eulogio, Teófilo e Jerónimo». A todos viu Idácio, quando ainda não passava de um rapazinho estudante (*infantulus et pupillus*).

⁽³³⁴⁾ S. VALERIO, *Obras*, ed. R. Fernández Pousa, Madrid, 1942, pp. 100-109.

⁽³³⁵⁾ pp. 101-102.

⁽³³⁶⁾ H. FLÓREZ, *Espana Sagrada*, t. i5, Madrid, 1787, pp. 311-316.

⁽³³⁷⁾ JOSÉ MADDOZ, *Epistolario de S. Braulio de Zaragoza*, Madrid, 1941, p. 205.

⁽³³⁸⁾ Migne, *PL.*, t. 51, cols. 873-874.

Por seu lado, o bracarense Paulo Orósio, contemporâneo e discípulo de S. Agostinho, fugiu dos bárbaros, na Galécia, passou a África e foi, por fim, parar à Terra Santa. Esteve em Belém, onde visitaria, seguramente, a grutazinha em que o Menino Deus viera ao mundo, e viu Pelágio. Ao abandonar a Palestina, na Primavera de 416, levava, consigo, as relíquias de S. Estêvão.

Paulo Orósio trazia, também, uma longa carta, escrita por um presbítero da Palestina, contando a história do aparecimento das relíquias. Originalmente composta em grego, vertera-a para latim outro peregrino português, Avito. Era um sacerdote da terra bracarense e servira de intérprete a Paulo Orósio, na sua discussão com Pelágio e o bispo de Jerusalém (339). S. Martinho Dumense, filho da Panónia, andara igualmente pela Palestina, antes de arribar às costas de Portugal.

Finalmente, recordamos o nome antigo de João de Biclara ou Valclara (f 621), de família goda, *nativitate gothus*, conforme escreve S. Isidoro (340).

Nasceu em Santarém, passou a Constantinopla, ainda muito novo, e por lá ficou dezassete anos. De volta, vinha formado na literatura greco-bisantina e fundou, na Catalunha, um mosteiro de monges, a que deu regra própria (341). Teria passado alguma vez pela Terra Santa? S. Isidoro nada nos diz neste sentido. Mas, parece-nos difícil que um homem tão sábio, com dinheiro para ir até Constantinopla e com piedade suficiente para se fazer monge, nunca desse uma volta pela Palestina quando outros, menos santos e mais pobres, vinham de mais longe para beijarem a terra de Jesus.

Os séculos foram passando, lentamente. Barcos de peregrinos e de cruzados, ao tocarem nos nossos portos, deixariam entrar uma ou outra pessoa para Roma e Terra Santa. As cruzadas conservavam um certo carácter de peregrinação e a crónica de Osberno regista a repreensão austera, mas justa, dada a alguns flamengos que saquearam Lisboa, «com a ganância do alheio,

(339) MÁRIO MARTINS, *Correntes da filosofia religiosa em Braga (sécs VU-VU)*, Porto, ig5o, pp. i3, 26, 3o, 62, 64, 74, 89, 108, 143-147, i5o-i56, i83-ai3, etc.

(340) *D_e viris illustribus*, cap. 44.

(341) *Ibidem*.

embora sob a aparência de peregrinação e religião» — *sub specie peregrinationis et religionis* (342).

O bispo do Porto dirige-se àqueles rudes guerreiros como se eles fossem romeiros da Terra Santa: Eles, «para alcançarem de Deus um prémio eterno, trocaram por uma feliz peregrinação todas as honras e dignidades» (343). Levavam, consigo, uma ânsia íntima: estar na terra de Cristo. Por isso mesmo é que o prelado portuense lhes adverte, numa reminiscência de S. Jerónimo: «Não vos seduza a pressa da viagem empreendida, pois não é digno de louvor o ter estado em Jerusalém, mas o ter vivido como deve ser, durante esse tempo» (344).

Cada peregrino dispunha, por lei, dum espaço equivalente a sete palmos de comprimento por dois e meio de largo. Isto, teoricamente. Mas os barcos metiam quanta gente podiam, para ganharem mais dinheiro. Dormiam em montões e não faltava gente pobre. O biógrafo de S. Teotónio fala de *alguns peregrinos a quem ele pagou a passagem e dos que levou comigo, alimentando-os por amor de Deus* (345).

Nas peregrinações bem organizadas, entregavam-se à guarda de Deus, na hora da partida, cantando esta oração : «Naveguemos em nome do Senhor para obter a sua graça. Que Ele seja a nossa força e o Santo Sepulcro a nossa salvaguarda. *Kyrie eleison*».

O dia enchia-se com orações, ladainhas, procissões dentro do barco (caso houvesse espaço), rezas diante da imagem de Nossa Senhora, *salve-rainha* cantada, etc. Em horas de temporal, crescia o fervor, como veremos na viagem de S. Teotónio à Palestina. Gritavam a Deus que lhes acudisse, lembravam-lhe que iam à Terra Santa por amor do seu Santo Sepulcro e pediam perdão uns aos outros.

O conde D. Henrique parece ter ido à Palestina, conforme diz o *Livro Preto* : *usque ad venitam Comititis de Jérusalem ubi erat*. Isto é : até à vinda do Conde, de Jerusalém, onde ele estava (346).

(342) *Conquista de Lisboa aos Mouros*, Lisboa, 1935, p. 62.

(343) *ib.*, p. 28.

(344) p. 33. S. JERÓNIMO, na *Epistola ad Paulinum*, diz: «Non Jerosolymis fuisse, sed Jerosolymis bene vixisse laudandum est».

(345) *p. m. M. H., Scriptores*, t. 1, p. 81.

(346) L. GONZAGA DE AZEVEDO, *História de Portugal*, t. 3, Lisboa, 1940? p. 55.

E a *Crónica dos Sete Reis* ⁽³⁴⁷⁾ repete a mesma noticia : «E em esta sazom, amdando a Era MC e XLI anos, foy ele à Casa Sancta de Jérusalem. E quando de lá veyo, trouxe muytas reliquyas de Santos».

O galego Fernão Peres, seu contemporâneo, partiu duas vezes para a Terra Santa ^(348 349) e não iria sozinho.

Por vezes, embarcavam, também, mulheres da alta sociedade medieval, mesmo princesas. Levavam grande séquito de criadas, pagens, damas de companhia e, seguramente, algum monge ou capelão. A dar crédito às *Chronicas breves e memorias avulsas de S. Cru\ de Coimbra*, D. Urraca «foy casada com o conde Reynon, e ouveram uma filha per nome dona Sancha, a qual amando a virgindade nunca quis casar. E foyse a Iherusalem em romaria. Estando ella em o hospital do templo servindo a Deus, albergando os pobres e servindo os com caridade, o Senhor Ihe quiz fazer tam alta mercee que Ihe deu fogo novo em a sua lampada em dia de Spiritu Sancto alumiada pellas mãos dos angos. Esto nom he apócrifo mas cousa muy verdadeyra» ^(349 350).

Morreu ela em 1157, depois de muito ter peregrinado por S. Tiago de Compostela, Roma e Jerusalém — irmã mais nova da longínqua Egéria, que das costas da Galécia abalou para o Oriente.

Os homens, evidentemente, tinham maior liberdade de acção e deles saía a maior parte dos peregrinos da Palestina. D. Telo, nos princípios do séc xu, foi um destes *palmeiros*, visitando a Terra Santa na companhia de D. Maurício, então bispo de Coimbra : «Rogatus namque cum eo Iherosolimam peciit, per triennium tocius curie et episcopi curam apud se gerens, et cuncta pro suo nutu componens. Ibi cum sanctorum loca prout tante discrecionis vir circumspiciendo visu et gressu pererraret [..] post triennium navigantes apulerunt Bizancium» ⁽³⁵¹⁾. Quer dizer: «Efectivamente, a seu pedido, dirigiu-se, com ele, para Jerusalém, tendo a seu cuidado, durante três anos, a casa e pessoa do bispo e governando tudo a seu parecer. Lá, como homem de tanta discreção qual ele era, percorrendo os lugares dos santos a pé e reparando

(347) Ed. por G. DA SILVA TAROUCA, Lisboa, ig52, p. i5.

(348) *Ib.*, p. 248.

(349) *P. MH.*, *Scriptores*, t. 1, p. 25.

(350) *Jb.*, p. 64, na *Vita Tellonis Archidiaconi*,

em torno de si [...], arribaram por mar a Bizâncio, ao fim de três anos».

No séc xvi, Pedro Alvares Nogueira não se afasta, substancialmente, desta narrativa do séc. xii : «E dizem que sendo [D. Maurício] Bispo desta Cidade foi em romaria a casa santa de Jérusalem onde se deteve tres annos visitando os lugares sagrados, e que dali foi a Cidade de Constantinopla e a outras partes, lavando consiguo ao Arcediago dom Tello que fundou o mosteiro de santa Cruz desta Cidade» (351).

A *Vita Tellonis Archidiaconi* conta-nos as preocupações de D. Telo, na Palestina. Como vem numa versão de quatrocentos, «feita por mestre Alvaro da Mota da ordem dos pregadores, o maior leterado da ordem», D. Telo, em Jerusalém, viu «os lugares santos e muitos mosteiros de diversas religiões de viver. E maravilhouse dom Telo de taes coussas, e dava muitas santas graças a Deus que as asy ordenara. O quall Senhor Deus he muito alto bem, e quem o tem por sy nom lhe mingoa nem huma coussa. E estando asy dom Telo em esta contenpraçom veeo a dizer com grande sospiro : *heu me, quia incolatus meus prolonguatus est* : que será de mim, porque a minha morada hé prolonguada. Depois maginou quaaes foram os fundadores de Jérusalem, e disse que foy Christo a cabeça, e os apóstolos foram os nenbros, a saber : Pedro e Paulo e outros que foram xn per todos. E quedou dom Telo muito alegre pollos moesteiros e ordenanças que vira dos dictos moesteiros. E notou muy bem quays erom officios de prepostos, e achou que o preposto deve gardar as voontades dos súditos por exempro e liçom da santa escriptura, porque o lobo emvisivel non ache porta pera entrar em no curral das ovelhas de Deus e furtar daly alguma ovelha. E ainda mais o preposto deve insynar aos súditos como ham de obedecer em a obediencia humildosa e devota. Ainda mais aos moços guarda mui estreita, porque a sua idade que he inclinada a mall seria guardada (352), e as lições e doutrina mui usada e frequentada. Mais emsinar aos maiores sogeiçom devota. Os velhos ajam de soffrer em paciencia dos pequenos com misericórdia. Ainda mais deve a

(351) *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra*, Coimbra, 1945, pp. 24-25.

(352) Talvez devesse ser: *seja guardada*.

insynar o preposto caridade mui amavell. Todas estas cousas notou don Telo nos moesteiros da terra santa» (353).

E aqui temos em que se ocupavam na Palestina os peregrinos de maior cultura: meditavam sobre a vida de Cristo, visitavam os Lugares Santos, estudavam a vida dos ascetas e monges ouviam os seus conselhos espirituais e tiravam apontamentos.

O bispo D. Maurício (354) por seu lado, preocupava-se com relíquias: «Maurício, quando estive em Constantinopla, era conhecido e amigo dos magnates da cidade e da corte e, ate', do próprio Imperador Aleixo. Tendo gastado três anos nessa peregrinação, de volta para Portugal trouxe, de Constantinopla, uma caixa feita ao modo do texto do evangelho que alguns pretendem ter sido, outrora, de S. Basilio, arcebispo de Cesareia da Capadócia, e em que se continha uma grande porção do lenho [da cruz]. Esta caixa [...], após longa deliberação, mandou-a para França, para o mosteiro de Cluni, onde foi recebida pelo Abade Pondo, no ano de 1112» (355).

Outra relíquia célebre, trazida por D. Maurício, foi uma cabeça de S. Tiago que D. Urraca entregou depois a Compostela. Sem pretendermos garantir a autenticidade de tal relíquia, passamos a narrar esta aventura do bispo de Coimbra. Foi um *pío latrocínio* que não envergonharia a audácia de D. Gelmírez e do seu arce-diago D. Hugo. Ouçamos a *Historia Compostellana* :

«E assim, Maurício, bispo de Coimbra, depois arcebispo de Braga e, agora, Papa Guiberto (356), foi há algum tempo a Jerusalém e por lá se demorou muitíssimo, construindo, como é seguro, uma igreja perto de Jerusalém. E quando ali estava, um certo velho, vizinho deste lugar, começou a frequentar a sua companhia. Perguntava-lhe Maurício várias coisas, por ser natural daquele sítio. Por fim, inquiriu dele por que razão era tão reverenciada dos indígenas aquela igrejinha em que o velho morava.

(353) p. M. H., *Scriptores*, t. 1, pp. 75-76.

(354) CARL ERDMANN, *Maurício Burdino, Coimbra, 1946*; P. DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du vi* au xii^e siècle, Lisboa, 1947*, pp. 441-501 ; ESTÊVAO BALUZI, *Vita Mauritií Burdini, em Miscellaneorum Liber Tertius, Paris, 1680, pp. 471-514, etc.*

(355) E. BALUZE, *Vita Mauritií Burdini, ed. cit.*, pp. 475-476.

(356) Papa Guiberto era sinónimo de anti-papa, neste tempo. Cf. P. DAVID, *ob. cit.*, p. 475, nota.

«Respondeu-lhe o velho sacerdote que, consoante ouvira dizer aos seus antecessores, estava, naquela igreja, a cabeça de S. Tiago, apóstolo. Logo que o bispo Maurício ouviu tal coisa, começou a chamar mais vezes o ancião para junto de si, a atraí-lo com palavras, a torná-lo, com presentes, seu amigo e íntimo, e a prescrutar este caso, com maior atenção, conforme costumam fazer os homens sagazes.

«Começou, também, o mesmo bispo a frequentar e a venerar aquela igreja e a assistir às vigílias, com muita assiduidade. Porém, ao descobrir que as suas artimanhas não davam resultado (pois havia lá guardas, constantemente) pensa noutra saída : dentre os seus clérigos, convoca os que ele sabia serem mais fiéis e prontos para coisas destas e expõe-lhes o seu projecto. E assim, ouvido o seu parecer, dois dentre eles começaram a adoecer, de propósito, a ter febre e a frequentar mais aquela igreja, com candeias e velas, e a pernoitar lá.

«Finalmente, numa noite propícia, estando ausentes os demais, fechada a porta da igreja, atiram-se ao altar, com enxadas, trazidas às escondidas, e cavando para o fundo, encontraram lá um certo cofre de marfim e, dentro dele, outro de prata, cheio de relíquias. E tomando isto, abalam com o bispo, de noite, e vão, fugitivos, para a cidade santa de Jerusalém.

«Ora, um certo ermita, tendo-os visto passar no caminho, muito de madrugada, chamou-os e disse-lhes: — Sei, de certeza, irmãos caríssimos, o que vós levais e que precioso tesoiro vós roubastes. Ide, e que a graça de Deus vos acompanhe ! Na verdade, é preciso que onde está o corpo deste apóstolo, também esteja a cabeça.

«Ouvindo tal coisa, entendeu o bispo Maurício que o Espírito Santo revelara ao servo de Deus isto que ele fizera. Contudo, receou que o rumor deste feito se espalhasse depressa, em torno, e atravessou o mar o mais cedo que lhe foi possível. Finalmente, chegado a Espanha, depositou respeitosamente as relíquias em Carrión, na igreja de S. Zoilo.

«Viu, na verdade, a Espanha perturbada pelos contínuos tumultos da discórdia e receou que, de qualquer modo, o espoliassem de tão grande tesoiro.

«Depois, decorrido um não pequeno espaço de tempo, é recebida, em Carrión, a rainha D. Urraca, e expulso o rei de Aragão.

Ela, apenas soube que estava na igreja de S. Zoilo a cabeça de S. Tiago, trazida de Jerusalém, pelo bispo Maurício, mandou tirá-la de lá, com as demais relíquias, e levou-as para Leão, colocando-as na igreja de S. Isidoro.

«Tão grande tesoiro, a saber, a cabeça de S. Tiago, um fragmento do Sepulcro do Senhor e um certo osso de S. Estêvão e as outras relíquias, com o cofre de prata, tudo entregou, por fim, ao sobredito bispo de S. Tiago» (357).

Desta narração um pouco fantástica e digna dum romance policial, deduzimos que alguns peregrinos não recuavam diante dos maiores atropelos, na terra de Cristo.

A partir de 1108, D. Gonçalo sucedeu a D. Maurício na Sé de Coimbra.' Pelo menos, já era bispo de Coimbra em Janeiro de 1109. Também ele percorreu França e Aragança, como diz o povo. Abalou em peregrinação para Jerusalém e o *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra*, diz-nos o seguinte: era «a romaria da casa santa de Jérusalem nestes tempos tam celebrada que todos os prelados e pessoas devotas trabalhavao por visitar os passos desta santa Cidade, e contemplar os lugares e misterios de nossa redenção a qual avia poucos tempos se tomara aos mouros com favor e graça divina [.....]; asi que sendo esta santa Cidade recuperada dos mouros detriminou este nosso prelado visitala e os lugares sagrados como devoto e verdadeiro christão, donde trouxe hum pequeno lenho da vera cruz e muitas relíquias de nossa senhora. E de Constantinopla onde também foi trouxe muitas relíquias dos apóstolos e de outros santos mártires. E de Roma trouxe também relíquias dos apóstolos Sam Pedro e Sam Paulo e de outros santos» (358).

Finalmente, em 1128, Martinho Módena vendeu uma vinha, junto de Celas, que lhe dera o arcediogo D. Telo, para prover aos gastos de uma peregrinação a Jerusalém (359).

Não era unicamente de Coimbra que partiam peregrinos para a Palestina e Constantinopla. A *Vita Sancti Geraldi* conser-

(357) *Historia compostellana*, L. 1, cap. 112.

(358) PEDRO ALVARES NOGUEIRA, *Livro das vidas dos Bispos da Sé de Coimbra*, Coimbra, 1942, pp. 34-35.

(359) Torre do Tombo, Sé de Coimbra, maço iv, doc. 6, original em letra carolingia.

vou-nos o nome de um *palmeiro* bracarense — mas ele não iria sozinho para os Lugares Santos :

«Ora, diz a *Vida de S. Geraldo*, um certo clérigo bracarense, chamado Honorico, quando voltava de Jerusalém, num navio, levantou-se uma forte tempestade no mar, pelo que recearam os navegantes naufragar, ali mesmo. Por isso, este clérigo, grandemente assustado, começou fervorosamente a implorar o seu padroeiro, que era S. Geraldo, cuja santidade ele contou aos circunstantes, exortando-os, inflamadamente, a invocá-lo em tão grande perigo» (360).

A ida de *palmeiros* à Terra Santa continuou pelos séculos fora. Conta Rui de Pina que o rei D. Dinis «ordenou que hum Cavalleiro de booa vida, e vergonhosa estivesse em Jerusalém, e servisse por elle na guerra contra hos infleis dous annos, e pera esto ordenou tres mil livras, que erão mil e duzentos cruzados, e quando se nom achasse taal Cavalleiro, ou nom ouvesse desposiçam pera ir ha Ultra-maar, que este dinheiro se convertesse em vistir pobres, e envergonhados e outrosi ordenou que outro boom homem de booa vida, fosse estar em Roma duas quarentenas, e que por elle andasse totalas Estaçoens em que ganham has Idulgencias plenarias, e ha este ordenou mil livras» (361).

Em 1203, D. Martinho Geraldês, arcebispo de Braga, foi enviado pelo Papa a Jerusalém (362) e, nesse mesmo ano, João Diogo, homem de Guimarães, além dum legado a Rocamadour, deixava esmolas para a Terra Santa (363).

Dádivas destas, encontramos-las, a cada passo, como se a peregrinação ao *Ultramar* preocupasse, fundamente, a alma religiosa dos nossos antepassados.

Em 1228, D. Pedro Lourenço deixava vinte morabitanos para enviarem, em seu lugar, um *palmeiro* a Jerusalém : *cuidam homini, qui eat pro me, et pro se ad Jérusalem viginti mara-*

(360) p. M. H., *Scriptores*, t. 1, p. 58.

(361) Rui DE PINA, *Crónica de D. Dinis*, cap. 31 ; *Crónica de D. Dinis*, ed. do texto do Cód. de Cadaval 965, por Garlos da S. Tarouca, Coimbra 1947, cap. 46, p. 241.

(362) J. AUG. FERREIRA, *Fastos Episcopais*, t. 2, Braga, 1930, p. 55.

(363) A VIERA BRAGA, *Curiosidades de Guimarães. Mortórios*, Guimarães, 1942, p. 16.

vitinos ⁽³⁶⁴⁾. Por seu lado, o *Censual do Cabido da Sé do Porto* contém bastantes disposições, no mesmo sentido: Mando que se dêem 50 morabitanos a um homem que vá ao Ultramar, em socorro da Terra Santa, escreve D. Pedro Salvador, pelos meados do séc. xiii ⁽³⁶⁵⁾.

Ou então : «mando aos meus executores que enviem huu homem aa terra de ultramar e outro a sancta Maria de Rocamador em meu aver por alma» ⁽³⁶⁶⁾. E podíamos trasladar, para aqui, nomes e mais nomes de homens que deixavam bens para mandar peregrinos rezar a Jerusalém ou lutar pela defesa da Terra Santa.

Algumas destas peregrinações chegaram, até nós, envoltas numa lenda impenetrável. Tal foi a romaria de S. Gonçalo de Amarante a Jerusalém :

«Veeo em sua vontade de continua consiraçom da payxam de nosso senhor Jhesu Christo de visitar os seus lugares. Mas temendo que a cruenta besta, scilicet o diabo, derramasse a manada do senhor pella sua partida, espaçou o tempo de hyr». Por fim, S. Gonçalo entregou a sua freguesia a um sobrinho clérigo, e resolveu partir para a Terra Santa. De facto, «o velho honesto abade tomadas as cousas da peregrinaçom, scilicet habito bordom e sombreiro, aa oraçom se deu rogando ao senhor Deos que lhe desse prospero caminho. E assy elle hiindo e o anjo o endereçando e guardando de todos os perigos do caminho hya pera Jherusalem [.....]. E viindo ho tio ⁽³⁶⁷⁾ a Jherusalem e visitando os lugares cujo desejo movera sua vontade, assy folgava e se deleytava com grande devoçom aque nom prepunha de se tornar, salvo movido per providencia de Deos».

Quando voltou, «vinha asperamente desfecto do caminho, e desemporado das forças corporaes, faminto e fedorento polia vilhiçe e fadiga grande do caminho, abayxado e encostado em seu bordom aa porta de sua ygreja, seendo o sobrinho a comer com sua amiga» ⁽³⁶⁸⁾.

⁽³⁶⁴⁾ *Vimaranis Monumenta Historica*, Guimarães, 1908, p. 198. Tanto nesta obra como no *Censual do Cabido da Sé do Porto* e outras colecções documentais, encontramos, a cada passo, testemunhos de factos iguais a este.

⁽³⁶⁵⁾ *Censual do cabido da Sé do Porto*, Porto, 1924, p. 391.

⁽³⁶⁶⁾ *lb'*, p. 416.

⁽³⁶⁷⁾ isto é, S. Gonçalo de Amarante.

⁽³⁶⁸⁾ *fjo Flos Sanctorum em lingoagem português*, Lisboa, 1513, fl. 232.

Mais romântica foi a aventura de Fr. Antonio de Santarém, já contada na *Chronica XXIV generalium Ordinis Minorum*, do séc. xiii. Verteram-na para português do séc. xv, nesta maneira : «foy em Espanha, em no regno de Purtugall, outro samto fraire que se chamava Antonio, o qual era naatural de hüua villa, que se chama Samtarem, o quali barom era em nas escollas e de geeraçom de cavaleiros e emçendido em amor de hüua dona, segundo se dizia, muito fermosa. E, como este Antonio fizesse mençom do emçendimento do seu amor a esta dona, ella escarneçendo disse-lhe asy como por burla: Primeiramente hiredes ao rio de Jurdam e, como vierdes bem lavado e embranqueçido, casaredes commigo çerca do vosso desejo. E aquesto dizia ella burlando por o esquivar de sy, por que era asaz negro em na cara. E elle ouvindo esto, por que ao amante toda cousa he possível, o dito Antonio, empuxado do amor da dona, por a esperança do bem por viir, começou seu caminho e trigosamente passou aa terra samta. E, como fosse ao rio Jurdom e se bautizasse e banhasse em elle, tornou-sse e trouxe da agua daquelle nio, com a qual se apresemtou ante aquella dona. E, como lhe contasse por hordem todo o que avia pasado e lhe amostrasse hum vaso de agua que trouxera do riio de Jordam por amor delia, ella, posta em maravilha de tanto amor, ela se deu por molher ao dito Antonio» (369).

Muitos peregrinos voltavam. Um ou outro ficava pelo caminho, mas o fervor não diminuía por isso. Em Évora, no séc. xv, existia uma confraria de *palmeiros*, tantos eram os que tinham ido à Terra Santa. Os estatutos desta irmandade foram escritos em latim e vertidos para português de quatrocentos. Mostram-nos à maravilha, como se ajudavam, por meio de esmolos, os que desejavam ir à Cidade Santa:

«/« *nomine patris et filii et spirituy santi amen*. Aplougue aos hornees boons moradores da cidade dÉvora que foram a Jherusalem dos quaees os nomes no cabo da carta sam escriptos ha honra de nosso senhor Deus Jhesu Christo e da beenta senpre virgem Maria e de todollos santos e santas de fazerem confraria e de se asembraarem em hum pera verem como e em quall guisa a

(369) *Crónica da Ordem dos Frades Menores (i20g-i285)*, ed. por J. J.

Nunes, t. 2, Coimbra, 1918, pp. 198-199.

elles convém que se contenham [-----]; se allguu comfrade for doemte os confrades o vão veer a meude e sse for coytdado (condenado) vão os confrades com elle dormir e aguardem no e aa morte com vigillias e com oraçoees aguardem o corpo delle ataa que onestamente seja ssoterrado [••]- E se allguu confrade [-----] se quesser hiir a Jherusalem de proprio da confraria ou dos bees dos confrades como por bem virem seja ajudado» (370).

Esqueçamos o bispo do Porto, D. Afonso, que, na segunda metade do se'.c. xiv, foi ver o sepulcro do Senhor (371). Basta lembrar que o Mestre de Avis, na incerteza escura da sua prisão, «fez voto e prometeu a Deus que, se o livrasse [...] fosse a Jérusalem visitar o Santo Sepulchro» (372). A volta de 1411, D. João Esteves da Azambuja «caminhou pera Jérusalem visitar os lugares sanctos» (373) e, durante o concílio de Basileia, «o conde de Ourem não tendo esperança de haver effeito sua mais estada, se despediu do Concilio e com sua companhia foi visitar o Sepulchro Santo de Jérusalem» (374).

Finalmente, o primeiro conde de Barcelos, diz Rui de Pina, «chegou á casa santa de Jérusalem, e em esta viagem, que elle assim fez, aprendeu e soube muitas cousas que viu naquellas partes estranhas» (375).

Nem sempre era fácil jornadaear, então, pelos caminhos que levavam à Terra Santa. Neste sentido, recordamos os salvo-condutos pedidos pelo conde de Barcelos, D. Afonso de Bragança, nos princípios de quatrocentos.

Naquele tempo, Pedro de Luna rasgava a unidade da Igreja. Levantavam-se, constantemente, guerras e desordens. Os nobres abusavam da sua força. Nas estradas, pontes e passagem dos rios, exigiam-se portagens e as portas das cidades fechavam-se. E assim, os peregrinos viam-se explorados pela ganância das gentes.

(370) cf. GABRIEL PEREIRA, *Documentos Históricos da Cidade de Évora*, P. i, Évora, 1885, pp. 38-39.

(371) D. RODRIGO DA CUNHA, *Catálogo e história dos bispos do Porto*, P. 2, Porto, 1623, p. 193.

(372) FERNÃO LOPES, *Crónica de D. Fernando*, cap. 144.

(373) FR. LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, P. 2, L. 1, cap. 8.

(374) Rui DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, cap. 8.

(375) Rui DE PINA, *Crónica de D. João I*, cap. 7.

Foi por isso que o conde de Barcelos, ao abalar para a Palestina, pediu salvo-condutos ao rei de Castela, ao anti-papa Pedro de Luna, e ao imperador da Alemanha — Ruprecht Klem (f 1410).

No salvo-conduto do rei castelhano, ordena este aos «hijos dalgos, Adelantados, Maestros, Señores, Comendadores e Sob-Comendadores, Alcaldes de los Castillos», etc., que deixem passar o conde de Barcelos, com todos os seus bens e comitiva, mas que ele não traga consigo mais de cento e cinquenta cavalgaduras — *asta cento e cincoenta cavalgaduras* (376). Que ninguém exerça represálias contra ele, mesmo por causa do Cisma da Igreja de Deus. E *non consintades que le sean sarrados, ni abiertos ni escodrinados sus malas ni sus cofres* (377). Que entre e saia pacificamente, sem ninguém ousar fazer-lhe nenhum mal. Foi isto em 1408.

Neste mesmo ano, Pedro de Luna concedia-lhe, igualmente, um salvo-conduto para entrar em Avinhão e lá ficar até ao dia de Ramos, com cem pessoas de cavalo e a pé — *una cum centum personis de sua comitiva, equitibus et peditibus* (378).

Quanto ao imperador Ruperto, da Alemanha, passou o salvo-conduto mais cedo, em 1406. Por estar mais longe, talvez D. Afonso de Bragança lho pedisse com maior antecedência. E diz o seguinte : o magnífico conde de Barcelos, seu parente, «levado por uma singular inclinação do seu coração a querer entrar na Terra Santa, a fim de visitar o sepulcro do Senhor e os outros Lugares Santos dali, resolveu atravessar várias partes do mundo» (379). Que atravesse, pois, os domínios dele, imperador, na companhia dos seus soldados, escudeiros e familiare se que ninguém lhe exija coisa nenhuma — *absque aliquali solutione guidagii Datii, paedagii thelone, tributii*, etc. (380).

Como se vê, uma peregrinação a Terra Santa tinha algo duma aventura perigosa.

Mais do que ninguém, os franciscanos olhavam para a Palestina. Fr. João da Póvoa, na segunda metade de quatrocentos

(376) ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, *Provas da História Genealógica*, t. 3, Lisboa, 1744, p. 458.

(377) *Ibid.*, p. 459.

(378) *Ibid.*, p. 456.

(379) *Ibid.*, p. 45.

(380) *Ibidem*.

fala-nos de Fr. António de Monsanto que nunca descansou «até ver com os seus olhos aquelles santos lugares de Jérusalem, onde o mesmo Senhor padeceu morte de Cruz. De la trouxe hua espada aguda atravessada na alma, que sempre o magoou ; e andando crucificado com Christo, nesta casa, e no anno de 1402 acabou o seu martyrio» (381).

Fr. Fernando Ribeiro chegou a ser guardião do S.^{to} Sepulcro e em 1460 ainda se guardava o breviário que ele trouxera da Terra Santa (382). Por seu lado, na Torre do Tombo, existem os comentários de Nicolau de Lira, em letra do séc. xiv. Tal obra veio, também, do convento franciscano de Jerusalém, no ano de 1415 (383), prova clara das relações medievais de Portugal com a Palestina.

Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, abalou, igualmente, para a romaria de Jerusalém e por lá se demorou alguns meses, conforme a narrativa do seu contemporâneo P.^e Paulo de Portalegre (f 1510). O P.^e Diogo Gonçalves gastou seis meses a percorrer, um por um, todos os Lugares Santos, donde passou à Jerusalém Celeste (384). Por seu turno, o próprio P.^e Paulo de Portalegre, também cónego de S. João Evangelista, foi de romaria até à Palestina e escreveu um *Itinerário* da jornada que fez por aquelas partes (385).

Teria sido ele quem introduziu, em Portugal, a procissão do *enterro do Senhor*, «voltando de Jerusalém, ou porque lá se costuma fazer assim, ou porque a vista daquelles santos lugares, e contemplação daquelles sacratissimos mysterios, lhe excitarão o espirito, e lhe allumiarão o entendimento, para dar em hua cousa de tanta piedade, e devoção» (386) ? Pomo-lo em dúvida, a não ser que se trate duma coisa diferente do que se fazia, por exemplo, nalguns mosteiros beneditinos.

Já em 1467, Fr. João Alvares lembrava aos seus monges de Paço de Sousa como lhes ordenara na «sesta feira d'Endoenças

(381) Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa, 1666, p. 525.

(382) *Jb.*, t. 2, pp. 541-542.

(383) A. BAIÃO, *O arquivo da Torre do Tombo*, Lisboa, 1905, p. 94.

(384) Cf. P.^e FRANCISCO DE S. MARIA, *O Ceo aberto na Terra*, Lisboa, 1687,

pp. 662, 798, 799

(385) *Jb.*, f. p. 864.

(386) *Jb.*, p. 300.

a procissão e sepultura de nosso Senhor e o Planto et cetera e com ho Sacramento meter no Moimento o Lenho da Cruz e assy estara todo ataa dia de Pascoa ante de manhãa que o tirarom» (387).

Ainda assim, temos de conceder que as peregrinações da Terra Santa ajudavam a criar uma atmosfera propícia a tão comovedora cerimónia religiosa.

Uma sobrenatural nostalgia atraía, para Jerusalém, o coração religioso dos homens. Desiludido e cansado, D. Afonso V determinou «leixar este mundo e seus debates, e sem ser conhecido ir-se a Jérusalem, onde propôs servir a Deus» (388). Mais do que uma levandade, era algo que prorrompia das profundezas religiosas da sua alma medieval.

VIII — Itinerários

Foram as peregrinações a Jerusalém que mais uniram a Palestina, Egipto e Constantinopla ao Ocidente europeu (389).

Muitos peregrinos viveram, piedosamente, junto dos lugares santificados por Jesus ou ao pé dos mosteiros famosos da Judeia, Síria, Tebaida e Constantinopla. Era aí que se criavam os famosos ascetas que espantaram o mundo — os grandes profissionais da renúncia.

Nem todos os peregrinos se punham a escrever os famosos itinerários (*Itineraria*). Mas, todos eles, analfabetos ou gente de letras, levavam para as suas terras e lares um mundo de belas e piedosas recordações. Como pedra caída em águas tranquilas, formavam-se grandes ondulações circulares em torno desses *palrneiros* que, de viva voz ou por escrito, iam espalhando, derredor de si, tudo o que os seus olhos tinham visto, na religiosa aventura da sua peregrinação longínqua.

Ora, no séc. XII, S. Teotónio também contou a um discípulo as peripécias da sua viagem, através das ondas inquietas, a cami-

(387) *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa*, Lisboa, 1942, p. 126.

(388) Rui DE PINA, *Crónica de D. Afonso V*, cap. 202.

(389) MÁRIO MARTINS, *Correntes da filosofia religiosa em Braga*, (sécs. iv-vii), Porto, 1950, pp. 23-40

nho da Terra Santa. Apareceram muitos *itinerários*, antes e depois desta época (391). Na Galécia, basta recordar a *Peregrinatio*, de Egéria. E menos valiosa a narrativa de que vamos agora falar, escrita por um cônego de Santa Cruz e metida na *Vita Sancti Theotonii* (391). Mas, tem a beleza de uma coisa ouvida, directamente, dos lábios portugueses do protagonista. E a nossa narração marítima mais antiga, pois deve datar da segunda metade do séc. xii.

O autor refere-se à segunda viagem de S. Teotónio a Jerusalém— *et ad secundam profectionem illius in Ilherusalem iam nunc stilum convertam* (392).

Juntamente com a relação das suas peregrinações pelos lugares sagrados da Palestina, a narrativa de S. Teotónio podia formar um pequeno *Itinerarium Terrae Sanctae* (Itinerário da Terra Santa), ao sabor de tantos outros itinerários medievais.

Embora escrito por um religioso que, segundo parece, não peregrinou com o Santo à Palestina, este itinerário conservou-nos, no entanto, cenas dramaticamente vividas por S. Teotónio. A narrativa da tromba marítima, por exemplo, a mais antiga que nós encontramos em Portugal, foi trazida, até nós, por uns olhos que viram, espavoridos, a estranha maravilha, sobre as águas do mar polissonoro, como dizia Homero.

Camões, séculos depois, sobre a inquietação das águas salgadas, repetirá o mesmo gesto maravilhado e há-de soltar a mesma exclamação deslumbrada, filha da impressão virgem de quem contempla, pela primeira vez, um mistério da natureza.

(390) *Library of the Palestine Pilgrims' Text Society*, Londres, 1897; GEYER, *Itinera Hierosolymitana saeculi iv vili*, em *Corpus Scrip. Teclcs. Latin*, t. 38, Viena, 1898; L. AUDIAT, *Pèlerinages en Terre Sainte au xv siècle*, em *Révue hist. nobil.*, 1870-1871, segunda série, t. 4, pp. 49-61; A. BARROIS, *Itinéraires de la Terre Sainte conservés à la bibliothèque d'Amiens*, em *Revue Bibliographique*, 38 (1929), pp. 404-420; E. CARMOLY, *Itinéraires de la Terre Sainte des XUI, XIV, XV, XVi, et xvii siècles*, Bruxelas, 1847; etc > etc PORTUGUÊS, JORGE HENRIQUES (séc. xvi), *Itinerário da viagem à Terra Santa*; FRANCISCO GUERREIRO (séc. xvi), *Itinerário da viagem que fe% a Jérusalem*; foi impressa, mais tarde, em Lisboa, 1734; FR. PANTALEAO DE AVEIRO, *Itinerário da Terra Sancta*, Lisboa, 1596, FR. JOÃO DE JESUS CRISTO, *Viagem de um peregrino a Jerusalém, e visitas que fe% aos logares sanctos*, Lisboa, 1819; etc.

(391) P. M. H., *Scriptores*, t. 1, pp. 81-83.

(392) *Ib.*, p. 81.

A *Vita Sancti Theotonii* traça-nos a rota marítima do barco peregrino, diz-nos os portos em que ele tocou, descreve-nos a vida piedosa de bordo, com salmos e ladainhas, rezas aflitas e o perdão dos pecados, sob a ameaça dum mar sem misericórdia. E conta-nos, ainda, o terror dos navegantes, ante um animal horroroso — *terribilis bestia* — dragão, monstro ou demónio? perguntavam eles.

«Por conseguinte, inflamado nas virtudes e ansioso pelos santos lugares, esquecendo-se da casa, dos parentes, dos apaniguados e de tudo o que dizia respeito ao mundo, deixou a pátria com não pequena multidão de peregrinos e tomou, de novo, o caminho de Jerusalém, há tanto tempo desejada. Ora, o devoto varão já tinha percorrido este mesmo caminho.

«Tendo, pois, guiado por Deus, chegado são e salvo ao porto de S. Nicolau, ao fim de dez semanas, e cessando o auxílio próspero dos ventos, demorou-se lá seis semanas a seguir. Porém, não em ociosidade. Como se provou com toda a certeza, não somente enquanto lá esteve, mas, também, durante toda a sua peregrinação, mostrou a caridade que tinha com os pobres e, tanto com palavras como por exemplos, incitou às obras de misericórdia quer os habitantes da cidade, quer os que seguiam para Jerusalém. E também restaurou, sempre, a paz e a concórdia entre os desavindos, o que não foi menos agradável a Deus.

«Na verdade, todos sabiam que ele era justo e santo. Por isso, venerando-o como a pai, calavam-se ao ouvir a sua exortação e obedeciam com toda a boa vontade.

«Por fim, soprando vento propício, embarcou. Para que falo eu dos peregrinos a quem pagou a passagem e dos que levou consigo, alimentando-os só por amor de Deus ? Depois disto, os patrões do navio deram velas aos ventos, na direcção de Jerusalém. Mas, como depois de alguns dias navegassem pelas alturas de Mália ⁽³⁹³⁾, começaram todos a correr perigo, devido a uma súbita tempestade marítima. Quero confiar à memória como tudo aconteceu, a fim de que, pelo perigo visto numa parte da peregrinação de tão grande varão, conheçamos, facilmente, por semelhança, quantos e quão graves foram os perigos por que ele passou, pelo

(393) Situado na ponta sul do Peloponeso, na Grécia, o cabo Mália ou Maleia sempre foi temido pelos marinheiros, por causa da brusca mudança dos ventos.

nome de Cristo, em terra e no mar. Navegando, pois, o navio, pelo cabo de Mália, de repente escureceu-se o céu e eis que, por cima deles, assombrou-os uma nuvem com vento violento e terrível fragor. E ela, [sel. a nuvem], revolvendo-se as águas profundamente, agitava o mar tempestuoso e suspenso, à maneira dum monte líquido e ora mergulhava nas profundezas o navio sacudido pelas massas das ondas, ora o levantava do profundo abismo até aos altos cimos e cristas das vagas e derribava-o juntamente. E, o que é maravilhoso de dizer! chupava para o alto a água do mar, como por um cano patente, a que os marinheiros chamam *cifum* ⁽³⁹⁴⁾.

«Prevendo já a tempestade, logo que o navio começou a andar à roda, entre a agitação das ondas, quebrando-se com suma rapidez o mastro e caindo às ondas, começaram também os marinheiros a colher as velas, a ligar o cordame e as antenas e a compor todo o equipamento do navio e do leme (para não se quebrarem eles com a força do mar) e também a alijar a carga, a fim de aliviarem o barco. Efectivamente, o mar avançava e empolava-se por cima deles, aterrados com medo de morrer.

«Porém, a coisas terríveis sucedem outras mais terríveis. Com efeito, aumentava, igualmente, o terror da morte um certo animal monstruoso e grandemente terrível, que todos viram nesta mesma tempestade do mar. E era de tal modo amedrontador que a nenhuma outra fera se podia comparar. Os seus olhos, conforme nos contava o Santo, pareciam archotes de fogo a arder. Uns diziam que era um dragão, outros que era um monstro, outros que era um demónio.

«De que serve insistir mais? Já tinha desaparecido toda a esperança de salvação. Enraivecendo-se, pois, as ondas ferozes, para os matar, e enfraquecidos os membros deles com o temor, estando já todos perturbados por causa da presença da própria morte e da visão da fera, deram-se mutuamente a paz, já prontos para morrer, implorando com lágrimas o socorro do Onnipotente, para que aquele que entregara os seus corpos a tão temerosa morte, recebesse as suas almas com muita benignidade ou, então, lhes enviasse, misericordiosamente, o socorro que os salvasse.

(394) *Cifum* talvez seja a forma bárbara do *sipho*, isto é, tubo, sifão. Camões chama-lhe *cano* (*Lusíadas*, v, 18).

«Porém, D. Teotónio, prostrado também a rezar com lágrimas e todo voltado para Deus, depois dos salmos e ladainhas, invocou, deste modo, o Senhor da vida e da alma :

«Senhor, Senhor Jesus Cristo, diz ele, filho de Deus vivo, filho de Santa Maria, que com o Pai e o Espírito Santo sois um só Deus em altíssima Trindade e verdadeira Unidade, socorre-nos a nós, postos no maior perigo, para que, arrancados às iras das ondas do mar, mereçamos ver o glorioso sepulcro da tua santa Ressurreição, ao qual viemos venerar e beijar, e para que demos graças por nos teres livrado.

«Também exortava a todos e, consolando-os com as palavras que podia, aconselhava-os a que se confessassem uns aos outros ⁽³⁹⁵⁾, perdoando-se do coração, e com fé e oração pusessem toda a sua esperança em Deus, prometendo-lhes que, se perseverassem, em breve lhes assistiria a clemência do Redentor.

«E foi o que aconteceu. Efectivamente, enquanto isto se passava no navio, Deus todo-poderoso que maravilhosamente lhes enchera a alma de terror, com maior maravilha lhes patenteou a sua misericórdia. Porquanto, eis que, inesperadamente, principiou a sossegar o sopro do vento e, quebradas a pouco e pouco as montanhas de água, torna-se o mar tranquilo.

«Começou, pois, a nascer uma nova luz, para eles. Todos os que já estavam nas mãos da morte admiram a paz das ondas. Por conseguinte, todos alegremente bem-disseram ao Deus do Céu, dando-lhe os devidos louvores e nobremente cantando *Glória a Deus nas alturas*, pois Deus misericordioso se tinha dignado livrá-los deste perigo de morte.

«Confesso que me excedi muito. De facto, não sei como me afastei da brevidade, por me repugnar omitir o perigo por que passava o varão de Deus. Mas, volto já ao meu propósito.

«Livre, por conseguinte do mar de Mália, com todos os que o acompanhavam no navio, três semanas depois de terem embarcado no porto da cidade de Bári, fez a travessia do mar, aportando à cidade de Jafa. Com longuíssimos rodeios no caminho, deu a volta pelo sepulcro do mártir S. Jorge, até chegar a Nazaré, onde se criou o Senhor Salvador. Depois, partiu pelo caminho que leva ao Tabor, em que o Senhor se transfigurou e, subindo ao

(395) Evidentemente, não se trata, acjuí, de confissão sacramental.

alto dele, olhava com todo o cuidado para vários lugares, que o Senhor santificava nas suas caminhadas.

«Descendo dali, dirigiu-se apressadamente para a Samaría, viu os sepulcros de S. João Baptista, dos doze profetas e, também, de Eliseu e Abdias. Com passo acelerado, parte para o poço em que o Senhor se assentara, com fome e sede, e onde foi saciado pela fé da mulher samaritana. E adorando o Redentor do mundo, em cada um dos lugares, subiu alegremente a uma colina muito notável, donde se vê a tão desejada Jerusalém. Os habitantes chamam-lhe Monte da Alegria, pois que aí os peregrinos, ao verem a Cidade, concebem uma alegria inefável. Postos, pois, de joelhos, neste lugar, as suas lágrimas misturadas com gozo deram a entender com quanta alegria ele exultava e quantas graças ele deu a Deus.

«Risonho, entrou, então, na Cidade Santa. Determinou ver, em primeiro lugar, a cruz do Monte Calvário, aonde Cristo foi avaliado na balança da cruz ⁽³⁹⁶⁾, como preço do mundo. Diante dela, prostrado com o coração e o corpo, adorava o Senhor como se o visse pendente [da cruz]. Não somente se recordava da sentença de morte ou de maldição, decretada contra ele e contra todos os homens, por causa da desobediência do primeiro homem, mas também da misericordiosa propiciação e piedade do Filho de Deus, de quem lera : *fe-se maldito por nós, para nos remir da maldição* ⁽³⁹⁷⁾. O qual [Filho de Deus] naquele mesmo lugar sofreu escarros, opróbrios, murros, bofetadas, coroa de espinhos, açoites, a cruz e os cravos, o fel e o vinagre, a lança e a morte.

«Acabada a oração e deixando aí a cruz que ele levava, conforme o costume dos peregrinos, desceu um pouco para a esquerda, para o lugar do Gólgota aonde, conforme se diz, o sangue que correu do lado de Cristo partiu uma duríssima pedra. A pouca distância daqui, voltou-se para o sepulcro da Ressurreição e, ao ver o lugar onde jazera o corpo do Senhor, como se tivera sede lambia, com a boca da fé, as desejadas águas. Ocorria-lhe uma justa e meditada recordação do Senhor Salvador, a saber, como depois de tanto ter suportado, repousara naquele mesmo

(396) No latim, vem : *in statura crucis*. Mas, deve ser : *in statera crucis*.

(397) Sublinhamos os textos da Escritura.

sepulcro e, mediante a sua descida aos Infernos, imaginava a inefável e grande alegria dos infelizes que Cristo trouxera, consigo, dos Infernos, do impe'rio e cativoiro da morte.

«A seguir, levado dali ao centro do mundo ⁽³⁹⁸⁾, a saber, àquele lugar em que José de Arimateia depôs o corpo do Senhor, descido da cruz, antes de o meter no sepulcro, orava com mais atenção, recordando aquilo de David: *Deus, porém, nosso Ret\ antes dos séculos operou a salvação no meio da Terra*. Então, voltou-se um pouco para a esquerda, para a verdadeira cruz e, vendo o tronco da árvore em que os membros do Senhor foram cravados, o mesmo Senhor, por quem ele chamava, é testemunha de quanta dor e quantas lágrimas derramou.

«Finalmente, foi até onde Helena encontrou a vera-cruz. E, tendo o santo varão rezado algum tempo, nas sobreditas capelas, conforme lhe pedia a devoção, recolheu-se, por fim, ao hospício. E enquanto o seu espírito todo aquele dia e toda aquela noite se transportava através das coisas contempladas, adormeceu assim mesmo e descansou pacificamente.

«Quem poderá dizer com quanta vontade e desejo percorreu ele, no dia seguinte, os lugares santos de Jerusalém ? De facto, tendo entrado no templo do Senhor, saiu, depois da oração, pela porta chamada *especiosa*, subiu ao Sião, só até ao lugar da ceia, em que o Senhor lavou os pés dos discípulos e disse: *a pa\ seja convosco* ; e ao discípulo que duvidava ofereceu o lado, para ele o apalpar. E voltando pela via-sacra, em que os apóstolos depuseram o corpo da Mãe de Deus, entrou na igreja de S. Pedro do Canto do Galo e no sepulcro de Tiago, irmão do Senhor, desceu ao vale de Josafá, rezou junto da sepultura da Virgem Santa Maria e, subindo dali, passou ao oratório de Getsemani, aonde o Senhor, na raiz do monte Olivete, orou ao Pai. Avançando dali, chegou ao lugar de que diz S. Lucas : *apartou-se deles a distância dum tiro de pedra*.

«Subiu pelo caminho direito ao vértice deste monte Olivete, donde o Salvador subiu aos céus. De lá, através da aldeiazinha de Betfagé e do lugar em que a brincalhona burrinha recebeu o

(398) Os mapas medievais punham, frequentemente, o Calvário no meio — o que simbolicamente significava que a história e o mundo giravam em torno de Cristo Redentor. O Calvário era, pois, o *centro do mundo*.

freio do Senhor, desceu até Betânia, ao sepulcro de Lázaro e morada das irmãs dele.

«Depois disto, encaminhou-se para Belém e, tendo entrado na grutazinha do Salvador, adorou ⁽³⁹⁹⁾ suplicantemente o sagrado retiro da Virgem, em que Cristo nasceu, e como se fora um prudente animal fez o mesmo ao estábulo onde o boi reconheceu o seu mestre e o burro o presépio do seu Senhor.

«Também lá viu o lugar em que o cruel Herodes matou as crianças por causa de Cristo.

«De que serve contar a grande devoção com que se dirigiu às águas do Jordão, maculadas com os pecados de todo o género humano e purificadas com o baptismo de Cristo ? Nem omitiu o lugar da Quarentena, em que o Salvador do mundo, tentado por Satã, quis significar, com a sua quaresma, todo o tempo da nossa campanha em que nunca deixamos de ser tentados. Passando dali a Jericó, fonte amarguíssima, adoçada outrora pela sabedoria de Eliseu, viu, à beira do caminho, o lugar onde os cegos, recebendo a vista, anunciaram os mistérios dos dois povos que haviam de crer em Deus.

«Seria longo pretender eu narrar com que ardor percorreu Canaã e Cafarnaum, familiares dos milagres de Cristo, e dizer com quanta admiração viu o lago de Tiberíades — santificado pelo Senhor, a modo de paga da passagem, quando o atravessou — e o deserto onde se fartaram muitos milheiros [de pessoas] com cinco pães e dois peixes. Direi tão somente isto : ele cria ver Cristo em todos os lugares e coisas santas e, conforme podia, oferecia dos seus bens ajudas para as despesas, distribuía esmolas pelos pobres e alegrava-se com o que contribuía para eles, como se o applicasse a Deus.

«Olhando ao aborrecimento do leitor, poucas coisas lembrei dos santos lugares que ele percorreu com tanto entusiasmo que não podia arrancar-se dos primeiros senão para correr aos restantes. Porém, muitos dias morou ele junto do sepulcro do Senhor, devido ao ardor da sua fé, por amor da oração e dos divinos officios e não, decerto, para comer. E os cónegos regula-

(399) No latim, vem *adoravit* (adorou). Quer dizer *venerou*. Bernardes e outros clássicos portugueses também empregam o verbo *adorar*, no sentido de venerar profundamente.

res do mesmo sepulcro, vendo a sua santidade, recomendavam-se, instantemente, às suas orações e receberam-no, por sua vez, como participante das suas boas obras. Davam-lhe, igualmente e de boa vontade, a companhia da vida comum, se com eles quisesse viver, e também a guarda do santo sepulcro, que eles sabiam ser o seu maior desejo.

«Porém, ele respondia que não podia de modo nenhum fazer tal coisa, antes de voltar às Espanhas e dispor do que era seu. Por conseguinte, encomendando-se, instantemente, a Deus todo-poderoso, uma e outra vez, em todos os lugares santos de Jerusalém, despedindo-se também dos cônegos e de todos os servos de Deus, voltou a Jafa, onde antes tinha aportado. E dali, levado pela força dos ventos através das ilhas da Grécia, sofrendo pelos caminhos muitos trabalhos, pois viajava ora de barco, ora a pé, ora de burrinho, finalmente, moído e enfraquecido, tornou à Hispânia, para sua casa e campos. Futurava ele que havia de voltar outra vez e em breve a Jerusalém, onde esperaria, com devoção, o fim dos seus dias, junto do glorioso sepulcro.

«Contudo, recebido, em grande triunfo, pelos seus concidadãos, também aqui porei fim à primeira parte desta obra» (400).

S. Teotónio morreu em 1162. Cerca de quatrocentos anos mais tarde, um outro português, Frei Pantaleão de Aveiro iria à Terra Santa e escreveria o seu famoso *Itinerário*. Ora, nessas volumosas quinhentas páginas, surgem, as mil coisas piedosas e cheias de maravilha, contempladas pelo peregrino do séc. XII e apontadas, resumidamente, pelo seu biógrafo: A mesma caminhada de Jerusalém para Betânia, monte Olivete, monte Calvário, sepulcro do Senhor, Vale de Josafá, túmulo dos profetas, grutazinha de Belém e monte da Quarentena. Como no tempo de S. Teotónio, os peregrinos, em certas cerimónias, levavam as mesmas cruzes, derramavam lágrimas igualmente sentidas, à vista da Cidade Santa, «porque o seu aspecto tem tanta efficacia, que subitamente move a todo o coração de pessoa christã» (401).

(400) p. *M, H., Scriptores*, t. 1, pp. 81-83, na *Vita S. Theotonii*; MÁRIO MARTINS, *Uma narrativa marítima do séc. XII, em Brotéria*, 47 (1948) pp. 257-265.

(401) Fr. PÁNTALEÃO DE AVEIRO, *Itinerário da Terra Sancta*, Coimbra, 1927, cap. 20.

Em todos eles — na freirã Egéria, no santo cônego e no frade de S. Francisco — palpitava a mesma devoção cheia de curiosidade e ternura, em torno de Jesus, da SS.^{ma} Virgem, dos profetas e dos santos. Era um mundo de tradições cheias de beleza religiosa, a formar uma via-láctea por onde caminhava o coração piedoso dos peregrinos. Parece-nos ouvir a mesma voz, através de todos os séculos.

Para estes homens, não existiam dúvidas. Eles *sabiam* tudo ⁽⁴⁰²⁾. Rezavam *junto da sepultura da Virgem Santa Maria*, conheciam o sitio exacto em que Jesus se ajoelhara, no monte Olivete, estavam bem informados sobre a casa de Marta e Maria. Florescia, neles, a mesma piedade para tudo o que tivesse sido tocado por Jesus e Jerusalém era uma cidade que os fazia chorar, pois o Mestre percorrera aquelas ruas e lá continuava *presente*. Como diz o verso inglês, *se não és a rosa, passaste, pelo menos, junto da roseira*. Aquelas terras não eram Jesus, mas Jesus passara por lá. E isto bastava para as transfigurar.

Falemos, agora, do *Livro das romarias e peregrinações de toda a Terra Santa*.

Trata-se duma obrinha, em português, provavelmente dos fins de quatrocentos. Vem num códice da Bibl. da Casa de Cadaval ⁽⁴⁰³⁾, em cópia de seiscentos, com a seguinte legenda : *Livro de cou\as antigas copeado de outro de Letra muito antiga que está na Livraria de El Rey*.

Quase todo o seu conteúdo é dos fins do séc. xv, com uma ou outra coisa da primeira metade de quinhentos. Só nos interessa o itinerário.

O *Livro das romarias e peregrinações de toda a Terra Santa* ⁽⁴⁰⁴⁾ principia desta maneira : *Estas são as Romarias e*

(402) Basta ler as *legendas* de certos mapas quatrocentistas, da Palestina : *Hic apparuit Christus discipulis piscantibus* (Aqui apareceu Cristo aos discípulos, quando eles estavam a pescar).

Caverna beatae Mariae (Gruta da bem-aventurada Maria).

Sepulcrum Job (Sepultura de Job).

Aponta-se o *campo damasceno*, etc., etc. Na história profana, verifica-se a mesma boa fé. Cf Hip. DELEHAYE, S. J., *Les légendes hagiographiques*, Paris, 1906, pp. 49"50.

⁽⁴⁰³⁾ Em Muge, cód. 1046.

⁽⁴⁰⁴⁾ *Jb.*, fts. 83-87 v.

*perigrinações de toda a terra santa, que ora dos perigrinos se andão e vi\itão, e nos lugares donde he assinado o sinal da Cru ali he plenaria remissão a culpa e pena, nos outros nos quaes nom he o dicto sinal som sete annos e sete coesmas de indulgen-
cia, as quaes forão concedidas por o Sancto Padre Silvestre a rogos do grande Emperador Constantino, e de sua madre Santa Elena.*

O copista de seiscentos modernizou a velha ortografia. Não se trata talvez duma obra originalmente em português, nem dum livro de impressões de viagem. Deve ser a tradução dum dos tantos itinerários medievais, uma espécie de *guia do peregrino*. Nada tem que ver com qualquer diário devoto dalgum palmeiro, amigo de escrever, nas horas vagas, tudo o que fosse acontecendo.

Ainda assim, e talvez por isso mesmo, vale bastante para sabermos por onde iam, em geral, os peregrinos de Jerusalém, que coisas procuravam ver e que recordações devotas e antigas eles ligavam aos vários lugares da Palestina.

Está dividido em dezasseis capítulos :

Primeiramente se começam as Romarias da cidade chamada de Jopen, oje chamada Japhá atà Jérusalem.

As perigrinações da cidade de Jérusalem.

As perigrinações dentro na cidade.

As perigrinações do Valle de Josaphá.

As perigrinações do monte Santo Olivete.

As perigrinações do Valle de Siloe.

As perigrinações do Santo Monte de Siom.

As perigrinações de Betellem.

As perigrinações de Betania.

As perigrinações do Rio Jordão.

As perigrinações da montanha de Judea.

As perigrinações do Valle de Membre, e dos lugares da cerca.

As perigrinações de Nataret.

Perigrinações de Damasco.

Perigrinações do sancto monte de Sinai.

Perigrinações da terra do Egipto.

As viagens dos romeiros ultrapassavam, pois, os limites da Terra Santa, estendendo-se à Síria e ao Egipto.

Estes capítulos, duma segura desesperadora, têm o sabor dum guia turístico que aponta os monumentos religiosos, a visitar em

cada povoação* Porém, fere, constantemente, a nota da indulgência. Além disso, comove-nos a boa fé com que o autor traça o roteiro destas peregrinações, situando, geograficamente, as personagens antigas da Bíblia, com assombrosa audácia : *a Igreja na qual foi nascido S. Elias propheta*, escreve ele, ao falar das peregrinações de Belém. E aponta-nos o lugar exacto onde a estrela desapareceu, a sepultura dos Santos Inocentes, o sítio «onde o Anjo ensinou a Maria e Jozeph o caminho do Egipto», sem esquecer «o lugar donde estava a virgem quando os Reys Magos offerecerão os dōees»⁽⁴⁰⁵⁾.

Um peregrino, no entanto, é mais do que um turista. Por isso, também este itinerário ensina como os romeiros se deviam dispor para ganhar os *perdões*, confessando-se contritamente Depois, entrariam na terra das maravilhosas recordações: «Em Japhà, escreve ele, aos que vão bem ⁽⁴⁰⁶⁾ constrictos, digo bem ⁽⁴⁰⁷⁾ confessados e contritos, he concedida remissão de todos seos peccados. A meya legoa de Japhà está hum penedo, onde S. Pedro esteve pescando, e ali he o porto, onde Joñas propheta decendeo para fogir em Tarsis da face de Deos, e ali he o lugar, onde S. Pedro resuscitou a Tuvita ⁽⁴⁰⁸⁾ dos mortos, servidora dos Apostolos,- de Japha a Rumula são dez milhares ou milhas, e de Rumula por duas milhas em hũa villa que se diz Lida hum lugar onde foi huma Igreja fermosa, e ora he destroida», etc. ⁽⁴⁰⁹⁾.

Com que carinho se nomeiam os Lugares Santos, debaixo da secura hirta das palavras ! As vezes, surge uma frase ou outra, em latim, sem nós enxergarmos porquê. Talvez restos do original provávelmente latino ⁽⁴¹⁰⁾. O mais segue pelo mesmo estilo:

Em tal lugar, apareceu Nosso Senhor a S.^{ta} Maria Madalena, em *forma dortellão*; tal capela de Jerusalém assinala o sítio onde *Christo appareceu a sua Madre*; mais além, *foy achada a cabeça de Adão* ⁽⁴¹¹⁾.

(405) *jb*_{90ci} fl. 85 v-86.

(406) No ms., lê-se *vem*.

(407) No ms., *vem*.

(408) Claramente assim. Devia ser Talita.

(409) Bibl. da Casa de Cadaval, em Muge, cód. 1046, fl. 83-83 v.

(410) *Ib.*, fl. 83 v.

(411) *Ib.*, fl. 83 v-84.

Naturalmente, o caminho por onde Jesus passou, com a cruz às costas, ficou bem assinalado, nestas páginas — e com que minúcia! : «Antre a porta da Igreja na praça que se faz he huma pedra onde Christo descançou hum pouco, quando trazia a Cruz; a каза da Verónica; a каза do rico, que negou à Lazaro as migalhas de pão; o trevio (412), que se diz encruzilhada na qual os Judeos alugarão Simão, que levasse a cruz, e ali depondo a cruz se voltou contra as mulheres, que o seguirão, dizendo: filhas de Jérusalem nom choreis sobre mim, mas sobre vos, e sobre vossos filhos ; o Lugar onde Santa Maria pasmou, vendo seo filho trazer a Cruz ; mais hum pouco he hum cerco, onde estão duas pedras, onde Christo folgou hum pouco com a Cruz, onde se chama *nichos-tratos*; a escola de S. Maria onde aprendeu as primeiras letras; a casa de Herodes, a qual Christo foy trazido, escarnecido e vestido de vestidura alva» — e assim por diante (413).

Apesar de tudo, ao escrever do Monte Olivete, tem a prohibidade de nos dizer que as pedras donde Nosso Senhor subiu ao céu tinham sido levadas pelos mouros e não eram as que lá ficaram : «e as pedras são mudadas, e levadas pelos mouros, e nom são aquellas proprias».

Não se trata do diário de impressões de nenhum peregrino. Ainda assim, foi escrito por um homem que andou pela Terra Santa, embora quase não fale de si mesmo. Efectivamente, ao apontar as peregrinações de Nazaré, confessa não ter ido a certa povoação, com receio das violências dos bárbaros : *A cidade de Ciro*, diz ele, *onde Christo sarou a filha da cananea; nesta peregrinação nom foy por temor dos barbaros* (414).

O último capítulo trata do Egipto, terra farta em recordações cristãs, envolta na lenda florida de mil episódios da infância de Cristo. Lá está o *rio que vem do Paraíso terreal*, esse Nilo famoso cuja nascente ninguém conhecia. Mantinham-se de pé mosteiros e igrejas dos célebres Padres do Ermo, etc. Numa *terra chamada Meelfelito* existia «hum moesteiro dos Jacobitas por nome, onde he a capella, onde a virgem esteve por sete annos

(412) De *trivium*, encruzilhada.

(413) *Ibfl.* 84. Substituímos os pontos por ponto e virgula, quando têm o seu valor.

(414) *Ib.*, fl. 87.

com seu filho, e Joze e se faz gram festa de todos os christãos no dia de Ramos» (415).

Na Idade Média, a lonjura das terras e dos factos aumentava a curiosidade das coisas. Em cópias manuscritas e, mais tarde, em belos incunábulo, com gravuras e mapas, os itinerários corriam de mão em mão, mesmo entre nós (416). E a mulher de D. João II possuía um quadro célebre, a saber, o *Panorama de Jerusalém*. Nele, poderia a rainha D. Leonor repousar os olhos, religiosamente, pensando nos sofrimentos de Cristo, cujos passos da Paixão se representam por entre o casario da cidade (417).

Foi pena que se tivesse perdido o *Itinerário que se fa\ à Terra Santa*, do P.^e Paulo de Portalegre e outros cuja existência ficou desconhecida (418). Deviam ser alguns, pois Frei Pantaleão de Aveiro, no seu *Itinerário da Terra Sancta*, diz ter visto «muitos peregrinos fazerem itinerários de sua peregrinação, onde escrevião seus trabalhos e perigos e os lugares que em Terra Sancta visitavam» (419).

IX — Livros de Milagres, em latim

A partir do séc. xn, multiplicaram-se as colecções de milagres, em livros isolados da vida do santo ou, quando muito, com uma curta introdução — síntese da sua biografia ou da história do santuário (420). Tratava-se de uma tendência autonomista, em literatura: era a crónica do santo, neste mundo, depois da morte, *gesta Dei per sanctos* (os feitos de Deus, pelos santos).

A tais colecções, pequenas ou grandes, independentes ou apenas, muitas vezes, aos textos biográficos, damos-lhes, por motivos de ordem prática, o nome de Livros de Milagres. Na Idade Média, como na antiguidade, *livro* não implicava a ideia de

(415) *Ib.*, fl. 87 v.

(416) CONDE DE SABUGOSA, *A Rainha D. Leonor*, Lisboa, 1921, pp. 367-368.

(417) *Ib.*, pp. 364-368.

(418) p.e FRANCISCO DE SANTA MARIA, *O Ceo aberto na Terra*, Lisboa, 1687, p. 864.

(419) Coimbra, 1927, p. IX.

(420) j# DE GHELLINK, *L'Essor de la Littérature Latine au XII siècle*, t. 2, Paris, 1946, pp. 165-167.

volume separado. Por isso, André Dias, no códice iluminado das suas laudes e cantigas, acrescentou, depois delas, um Livro de Milagres do Bom Jesus e introdu-lo desta maneira: *Em nome do Bom Jesus se comece este livro* (421).

Com o tempo, tais colecções de milagres iam crescendo, sobretudo nos centros das grandes romarias. Os peregrinos contavam ao monge ou clérigo do santuário tal ou tal graça e o *dossier*, como afrancesadamente diríamos hoje, ia aumentando. Explica-se, deste modo, a monotonia destas pequeninas relações, desfiadas pelos romeiros através dos anos e que lemos num dia.

Ao princípio, escreviam-se preferentemente em latim, com uns milagres encadeados nos outros por meio deste título incolor : *Item aliud miraculum* (Ainda outro milagre). E um arquivo de documentos hagiográficos de valor único para o estudo das romarias e devoções populares da Idade Média. Porque o *milagre* sê-lo-á ou não. Porém, o que se conta é geralmente sincero e não se falsifica, habitualmente, o ambiente histórico, nestas narrativas orais dos peregrinos.

Para muita gente, tais livros não chegam, talvez, a ser literatura. Parecem-nos iguais em todos os pontos do mundo. Na Inglaterra medieval, S. Tomás de Cantuária atraiu a si milhares de peregrinos. Os códices com a sua vida e milagres inundaram a Europa (422). O *Livro de S. Gilberto de Sempringham* também oferece longas listas de maravilhas, bem numeradas e de títulos assim: 1 — *clerico arido*; 2 — *de muliere contracta per septem annos* ; 3 — *de sacerdote paralitico per annum et amplius* (423). Quer dizer: Do clérigo ressequido; da mulher tolhida durante sete anos : do sacerdote paralítico mais de um ano, etc. Por este estilo seguia, também, a obra intitulada *S. Rudesindi Vita et Miracula*, escrita por dois monges do mosteiro de Celanova: *De muliere illuminata, et filio a daemone liberato* ; *De ferreis circulis fractis*; *De muliere illuminata*, etc. (424). Isto é : Da mulher que cobrou

(421) **Bibi. Nac. de Lisboa, cód. ilum.** 61, fl. 72 v; MÁRIO MARTINS, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias*, Lisboa, 1951, pp. 283-298.

(422) **Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ale.** CGLXXXIX /172.

(423) R. FOREVILLE, *Le Livre de Saint Gilbert de Sempringham*, St. Dizier, 1943, pp. 42-44.

(424) p. M. H., *Scriptores*, t. i, p. 39.

a vista e do filho livre do demónio; dos círculos de ferro quebrados; da mulher curada da cegueira, etc. Temos a impressão de estarmos a ler, sempre, obras da mesma pena.

Quanto aos nossos Livros de Milagres, em latim, interessam-nos as colecções antigas que lemos no final da *Vita Sanctae Seniorinae*, na *Vita Sancti Geraldii* e, principalmente, na *Translatio et miracula S. Vincentii* ⁽⁴²⁵⁾. Este último oferece o tipo mais perfeito, entre nós, de Livro de Milagres, em latim, separados da vida do santo. Mais adiante, para o séc. xm, falaremos do *Livro dos Milagres de S. Frei Gil*, em latim bárbaro. Mas, desapareceu há muito.

E cá temos uma literatura *populista*, cem por cento. O seu autor *era legião*, milhares de peregrinos anónimos que ditavam tais narrações. Embora muitas destas páginas brilhem pela funda sinceridade que as anima, contudo nem sempre devemos confundir tal sinceridade com a verdade objectiva dos acontecimentos e, menos ainda, com a verdadeira interpretação deles. A exactidão das coisas contadas, está, geralmente, em proporção inversa do tempo e do espaço. Ao longo dos anos e passando de boca em boca, deformavam-se os informes iniciais e a lenda envolvia-os na sua nevoenta poesia.

O latim é de uma estrutura incerta e sem nada de aristocrático, a meio caminho das línguas vivas. Porém, as suas frases chegam a parecer *faladas*. Ficamos a ver o clérigo ou monge sentado à mesa, a escrever. E o romeiro, ao contar o *milagre*, com abundância de gestos e pormenores realistas, sem dar por isso, impunha, 3 narrativa escrita, algo do seu estilo oral.

Como já vimos, doentes de nervos que se criam endemoninhados, clérigos a tremer de febre, enfermos de asma, navegantes sobre as águas inquietas do mar, rapariguinhas loucas que vagueavam pelos montes — todos eles traziam a sua pequenina e dolorosa história ⁽⁴²⁶⁾ à igreja onde repousava S.^{ta} Senhorinha.

Raramente, nestes Livros de Milagres, o escritor chega a falar de si mesmo ou do que seus olhos viram. No entanto, também isso acontece, uma vez por outra. De facto, na *Translatio et Miracula Sancti Vincentii* (Trasladação e Milagres de

(425) *Jb.*, pp. 96-101.

(426) *Ib.*, pp. 50-51, 56-59.

S. Vicente), ouvimos Mestre Estevão falar desta maneira : *Eu mesmo vi*, etc. (427).

Uns atrás dos outros, vemos passar toda a espécie de romeiros, a caminho de S. Vicente ou a visitar o túmulo de S. Geraldo. E a uma distância de séculos, compreendemos, plenamente, a aflição destes monges de Alcobaça, salvos das ondas: «O navio, pois, ao sopro dum vento enganador, saíra do porto e, ao afastar-se da terra para o mar alto, mais e mais, um vento forte e súbito, de sopro contrário, envolveu o sacudido navio no meio de tal tempestade que ele, batido horrivelmente pelas ondas, era levado direito às concavidades das rochas e aos sítios donde ninguém poderia escapar. Porém, nesse momento, aqueles religiosos varões, aterrorizados pelo perigo gritaram a uma só voz e imploraram S.* Vicente para os livrar da morte eminente, com grandes clamores e prantos. O maravilha! Terminada a oração, acabou imediatamente a procela e o vento mudou-se em brisa suavíssima e o barco entrou, com grande facilidade, no porto em que se venera o bem-aventurado S. Vicente. Ali, já livres de tão grande susto, apressam-se a visitar o santo Mártir e dão-lhe muitas graças por os ter salvo do perigo e contam gratamente ao povo como pelos merecimentos do santo escaparam da morte próxima. Também muitos outros que ganham de comer e de vestir, pescando, por conhecido e frequente milagre de S. Vicente, trazem os barcos do mar alto, muito carregados da quantidade de peixe» (428 429 430).

No séc. xiii, Frei Pedro Pais, frade pregador, ajuntou um vasto repertório dos milagres de S. Frei Gil de Santarém. Pelos princípios de quinhentos, Frei Baltazer de S. João fundou-se nesses elementos para a sua *Vita Beati Gili*, ainda inédita (429 430). Mais tarde, um grande filho da nossa Renascença, Frei André de Resende, *tradu\iu*, para latim mais elegante, a linguagem desarticulada do latim medievo de Pedro Pais (430). Ao escrever os milagres de S. Frei Gil, não pensava este dominicano do séc. xm que as suas pequenas narrativas, postas em estilo por Frei André de Resende,

(427) / 2. 97.

(428) *Ib.*, ll. 100. Virá daqui a presença de monges bernardos no políptico de S. Vicente ?

(429) *Bibl. da Ajuda*, ms. 51/11/58.

(430) *Vita Beati Aegidii*. Cf., por exemplo, *AA.* 55., Maio, t. 3, Veneza, 1738, pp. 402-438.

serviriam para Frei Luís de Sousa escrever algumas das mais belas páginas portuguesas.

Mesmo literariamente, estas pequenas narrativas tiveram alguma influência. As *Cantigas de S. Maria*, de D. Afonso, o Sábio, trabalharam à base destes milagres, entre eles os de Nossa Senhora de Terena (431).

Em S.^{ta} Maria de Évora, no tempo de D. Afonso, o Sábio, havia um *gran volume* de milagres escritos (432), não sabemos em que língua.

Ainda no séc. xm, os dominicanos portugueses, principalmente S. Frei Gil, enviaram a Frei Humberto de Romanis muitos casos «extraordinários, que Frei Gerardo de Frachet introduziu nas suas *Vitae Fratrum*. A lista maior pertence aos prodígios de Frei Paio de Coimbra, ao todo uns catorze (433). Estas e outras relações de milagres passá-las-emos em silêncio.

Em compensação, vamos insistir mais nos Livros de Milagres, em linguagem portuguesa, por terem exercido maior influência na e vida religiosa, além de valerem muito mais em número e qualidade.

X — Livros de Milagres, em português

Com a florescência das línguas modernas, os clérigos e monges preferem contar tudo *em romance*. Desta maneira, no séc. xv, nasceu em França a formosa *Vida e Miracles de Sancta Flor*, no dialecto de Quercy (434). Mais perto de Portugal, a partir da segunda metade de quatrocentos, o santuário de Nossa Senhora de Guadalupe deu origem a uma série de obras deste género, umas entroncadas nas outras (435), principalmente na obra do monge Diogo Ecija: *Coránica como fué fundada y edificada la iglesia y monesterio de Nuestra Señora Sancta María de*

(431) J. LEITE DE VASCONCELOS, *Santa Maria de Terena nas «Cantigas de Affonso o Sábio no séc. xm*, Lisboa, 1906.

(432) *Cantigas de Santa Maria*, ed. cit., cant. cccxxxvni.

(433) F. GERARDO DE FRACHET, *Vitae Fratrum*, P.V, cap. 9, n. 1.

(434) *Analecta Bollandiana*, t. 64, pp. »3-46.

(435) Cf. D. TOMÁS MUÑOZ Y ROMERO, *Diccionario de los Antiguos Reinos, etc.*, Madrid, 1858, pp. 135-136.

Guadalupe (486). Também o *Libro de la historia y milagros de nuestra señora de Montserrat*, com os seus 288 milagres, fala-nos doutros *libros antigos* em que muitos mais vinham contados (436 437).

Organizaram-se, entre nós, as crónicas maravilhosas das graças de Deus, pelos merecimentos de Nossa Senhora da Oliveira, dos Mártires de Marrocos, do Santo Condestável, de Nossa Senhora da Nazaré, de S. Gonçalo de Lagos, do Bom Jesus de S. Domingos de Lisboa, etc.

Nalguns casos, custa-nos a decidir se tais colecções estavam em português ou não, embora nos inclinemos para a afirmativa, ao tratar-se de Livros de Milagres do séc. xiv ou já de quatrocentos.

Num convento franciscano de Santarém, uma freirá nascida no séc xiii fez várias maravilhas, de que «estava cheo hum livro, o qual nos tempos antigos se furtou da sancristia» (438). Tal obra, porém, devia ser bem posterior ao tempo da sua morte, envolvendo-a numa aura poética que bem pouco favorece o seu valor histórico. Chamava-se ela D. Leonor Afonso, era enfermeira e, sob a sua bênção, uma cerejeira floriu repentinamente e deu fruta madura.

A volta de 1480, morria D. Constança de Noronha, duquesa de Bragança. Era amiga dos pobres e terceira de S. Francisco. Ora, os romeiros vinham pedir-lhe milagres: «Em nosso poder temos hum instrumento feito por mandado e authoridade publica no anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, aos vintatres dias do mes de Junho, na villa de Guimarães, em que se contão muitas, e mui notáveis maravilhas, que Deos Nosso Senhor por ella obrou, dando vida a desconfiados, saude nos olhos, a quem os tinha quasi perdidos de enfermidade, pés e mãos a alleijados, e desta sorte outras muitas» (439).

Tal inquirição fora levada a cabo em 1488, pelo juiz João Afonso, a pedido do franciscano Frei Pedro. E assim nasceu o que poderíamos chamar *Livro dos Milagres de Santa Duquesa*. Destes milagres, Fr. Manuel da Esperança tirou e resumiu uns

(436) Ms. do séc. xv, outrora existente no Mosteiro de Guadalupe.

(437) Barcelona, i550, fl. 32.

(438) Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 1, Lisboa, i656, p. 533.

(439) RODRIGO DA CUNHA, *História Ecclesiástica dos Arcebispos de Braga*, t. 2, Lisboa, i635, p. 244.

sete: uma mulher de rosto leproso curou-se ao tocar na duquesa morta; uma criança paralítica levada pela avó pôs-se a caminhar, etc. (440).

Como escreve Rui de Pina, na *Crónica de D. Dinis* (441), S.^{ta} Isabel fez «em sua vida muitos milagres, e depois de sua morte muitos mais». Destes e dos primeiros, vamos encontrar uma boa colecção, em linguagem do séc. xiv, no *Livro que fala da boa vida que fe\ a Raynha de Purtugal, dona Isabel, e dos bóos feitos e milagres em sa vida e depoyos da morte* (442), alguns deles autenticados por vários tabeliães, sobretudo Martim Afonso.

Segundo nos parece, devem ter sido copiados dalguma colecção do mosteiro de S.^{ta} Clara, formada a pouco e pouco, até ao tempo em que o anónimo da *leenda* de S. Isabel os meteu na vida da Rainha Santa. São cerca de vinte e um milagres (aleijados, cegos, gente possessa) em que não falta uma mulherzinha endemoninhada, de Lamego, que já percorrera muitas romarias de Portugal e Castela. E a mão anónima que tal escreveu, acrescenta: «Muitos omeens veem aaquela sepultura, ius enfermos de quartãa em tempo de inverno, e outros enfermos de desvairadas enfermidades, tangidos do demonio, que partem dali curados, de guisa que longo seeria de contar as mercees que Deus faz a muitos por esta rainha» (443).

Através da tradução quatrocentista da *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285), escrita em latim na primeira metade do séc. xiv, podemos pôr-nos em contacto com uma colecção de prodígios de S. António, onde não faltam muitos milagres enviados, seguramente, de cá (444). Naquela época, já muitas dessas narrações se encontravam profundamente deturpadas pela tradição oral, que tende, continuamente, para o romance piedoso (445). Quando o Papa canonizou o Santo, «as campas de aquela cidade

(440) Fr. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 1, Lisboa, 1656, pp. 182-183.

(441) Lisboa, 1907, p. 29.

(442) Ed. de J. J Nunes, Coimbra, 1921, pp. 78-94.

(443) *lbp.* 90, n.º 53.

(444) *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1209-1285) t. 1, Coimbra, 1918. pp. 263-282.

(445) Cf. LÉON DE KERVAL, *L'évolution et le développement du merveilleux dans les légendes de S. Antoine de Padoue*, Paris, 1906.

[de Lisboa], nom as tangemdo nehuum, por sy meesmas elas se tamgiam» (446). E outras coisas parecidas, sem escapar a história sinistra de D. Loba (447).

Basta-nos dar o título dalguns destes milagres, na sua linguagem (448) :

Milagre que sse acomteçeo em Lisboa, cidade de Purtugall, de huum moço.

Milagre. Como hüa filha delrey de Liam e de hüa Rainha portuguesa resuçitou samto Amtonio.

Milagre de huum sobrinho de Samto Amtonio que foy resucitado.

Millagre de hüa filha da Rainha dona Tarega de Purtugall.

Nota huum milagre maravilhoso que acomteçeo em Samtarem.

Milagre que aconteçeo em Serpa, villa de Portugal/, e do que sse hi passou.

De huum milagre que acomteçeo em Torres Novas, villa de Purtugall.

Achamo-nos, não raro, em plena fantasia, longe das fontes primitivas e seguras. E as narrativas franciscanas, enviadas de terra portuguesa, tornam a aparecer aqui e além, às vezes com o sabor agreste e perfumado das *Florinhas de S. Francisco*. O Santo de Assis salvou das águas do rio Mondego a filhinha de um amigo dos frades — e foram dar com a pequenita em cima de um rochedo, «que estava demtro em no riio, sãa e sem dano, com hüua saya vermelha, que damtes tinha vestida» (449). Noutro caso, é um frade menor que livra uma moça do demónio (450). Pedro Boi, um avarento de Estremoz, «oulhou contra o moesteiro dos fraires e viio sobre o telhado da igreja vimte e nove candeas bem despostas». Concluiu que eles eram santos e mandou-lhes booa pitaça (451). *Segue-sse hüua maravilhossa vissom que vyo huum*

(446) *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, t. 1, ed. cit., p. 264.

(447) *Ib.*, pp. 273-276.

(448) pp. 264-282 ; MÁRIO MARTINS, *O ciclo franciscano na nossa espi-ritualidade medieval*, sep. de *Biblos*, 27 (ig51) pp. 69-78.

(449) *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, t. 1, ed., cit. p. 367.

(450) *Jb.*, t. 2, p. 70.

(451) *Jb.*, pp. 70-72.

fraire em no moesteiro de Lixboa (332), seguida pela história do cozinheiro ajudado dos anjos (433).

Passemos à frente mais três maravilhas, acontecidas em Évora e Alenquer (354), dando por finda esta colecção hagiográfica dos bons frades portugueses de S. Francisco. Agora, temos alguns milagres que nosso Senhor fe\ pelos merecimentos do santo Infante D. Fernando (455), páginas fugitivas e de pouco significado. De maior valor seria a colecção de alguns milagres autenticados que Déos fe\ pellos merecimentos do Bemaventurado Sam Gonçalo de Lagos, da segunda metade do séc. xv e anos posteriores (456).

Em geral, cada um destes Livros de Milagres indicava bastante o centro de afluência de uma vasta zona de romeiros e transformava-se, igualmente, na sua crónica humilde e anónima.

Manuel de Brito Alão teve nas mãos alguns registos em que estavam «alguns milagres, e maravilhas, que a Senhora obrou nella por meyo desta sua Santa Imagem» (437) de N.^a S.^a da Nazaré. No santuário de Nossa Senhora da Oliveira, devia existir outro Livro de Milagres (438) e Fr. João da Póvoa fez *ajuntar num quaderno os milagres de N. Senhora das Virtudes, os quaes andarão espalhados em papeis particulares, e soltos* (439).

Vamos pôr em relevo alguns Livros de Milagres que chegaram aos nossos dias. O primeiro está em galaico-português, mas foi escrito entre nós (não sabemos se em latim) e, depois, traduzido para galego. Pelo menos assim parece. O segundo vem da primeira metade séc. xiv. Quanto aos demais, estão em português de quatrocentos.

(452j) *Ib.*, p. 2. I.

(453) pp 213-214-

(454) *Jb.*, pp. 215-217, 226.

(455) Fr. João ALVARES, *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, Coimbra, 1911, cap. 42.

(456) FR. ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO, *Chronica da ordem dos eremitas de S. Agostinho*, p. 2, Lisboa, 1656, pp. 287 e ss.

(457) MANUEL DE BRITO ALÃO, *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora de Nazareth*, Lisboa, 1684, p. 37.

(458) FR. LEÃO DE S. TOMÁS, *Benedictina Lusitana*, t. 2, Coimbra, 1651 p. 170.

(459) FR. MANUEL DA ESPERANÇA, *História Seráfica*, t. 2, Lisboa, 1666, pp. 490, 583-586.

1.º — Milagres de S. Abdão

Abdão, Abdom, Adom, Audom, Oudom, Eudom — por estes e mais variados nomes é conhecido do povo um estranho peregrino medieval, tido por santo. Ainda hoje em dia, tem a sua capela na Correlhã ^(46º), diocese de Braga. Apesar disso, pouco ou nada sabemos deste romeiro nem do mártir que tem o seu nome. Contudo, existe uma narrativa da sua morte, em galaico-português do séc. xiv, nos *Miragres de Santiago*. E todos os romeiros de S. Abdão, nomeados nesse livro, são de terras portuguesas.

Vale a pena transcrever a página comovedora em torno do passamento de S. Abdão, peregrino de S. Tiago de Compostela: «Sabede que huun omme boõ de santa vida, fui en rromaria a Santiago; et avia nome Audon; et pois que ouve sua rromaria acabada, entrouse ao Reyno de Portugal, et chegou a huun couto de Santiago que ha nome Cornelloa que jaz cabo do rio a que chaman Limia, et pousou en casa de huun lavrador que avia nome Agomiño et jouve y moyto doente tres dias ; et porque entendeu que se chegava o dia da sua morte, enviou aquel seu ospede aos clérigos que o levasen, aa iglesia d'y, ca seeria proveyto da iglesia se o así fezesem. Et os clérigos quando esto oyron, huun d'eles que avia nome Martirio, preguntou se tragia difeiros segundo os clérigos soen fazer ; et desque souberon que non tragia senom o bordom, e esportela et huun-a saya, diseron ao ospede que se quisese ou pódese que o levase aa iglesia, et eles que o receberian deboamente ; et el enton volveuse para sua casa e por lo miragre de Deus achou huun asno et poseo en el et levo o alo e deyto en huun leito, et el pedio o corpo de Deus ; et quando vio que lio tragian deitouse en terra et rreçeebo con gran devoçon et con grandes lagrimas. Et en outro dia aa tarde leixaronno soo en no leito traballando con a morte ; et aa mea noyte acharonno jazer en terra morto e volto contra Oriente, segundo he acostumado dos cristiãos ; et esto foy cinco dias ante janeiro, em

(46º) L. DE FIGUEIREDO GUERRA, *A capela de S. Abdão na Correlhã*, 1924. Cf., também, MÁRIO MARTINS, *Os Autos dos Apóstolos e o Livro de Santiago*, em *Brotéria*, 48 (1949) pp. 312-315.

dia dos ynoçentes, en no anno da encarnaçon de mili et çento e triinta annos» (461).

Ora, mal o romeiro deu a alma ao Criador, as crianças puseram-se a gritar : *Oudom, santo de Deus, ajuda-nos !* E fez muitos milagres :

Na cerração da noite, Mendo, um bom clérigo, viu luzes sobre o seu túmulo. Ega, boa mulher amiga de Deus, notou o mesmo. E Paio tomou uma *candea* e disse desta maneira :

«— Oudom, se tu es santo e amigo de Deus, fays que se açenda esta candea por si; — et a candea foy logo acesa» (462).

Vemos curar uma fidalga paralítica, que já tora em romaria a S. Martinho. Contemplamos a figura dolorosa doutra molher «que non dormia nen comia, e con a rravea fogia commo sandia por los logares despobrados e levaronna ao seu moymento; et logo foy sana commo adormeçeu» (463). Escutamos o milagre a favor dum pobre cego que *cobrou logo moy ben o lume dos ollos* e nunca mais quis abandonar a Correlhã, até ser enterrado ao lado de S. Abdão.

Chega uma *demoniada* (endemoninhada) de Bragança e também fica livre, etc., etc. «Estes miragres e outros muytos mostrou e faz Deus por aquel home Santo Oudon en aquel lugar do apostolo Santiago, aaqueles que o demandan e o an mester» (464).

Tais narrativas incluem uma explicação sobrenatural do sofrimento humano e da sua função na nossa vida. A dor unia-os a Deus.

2.º — Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães

Foi escrito por Afonso Peres, tabelião de Guimarães, entre 1342 e 1343. Entre os milagres, nada aparece *da pestelença*, surgindo, apenas, cegos, mudos, endemoninhados, gente aleijada, etc.

Em 1351, o cónego Esteve Anes pediu a Antoninho Lourenço

(461) *Os miragres de Santiago, version gallega del siglo XIV*, ed. por López-Aydillo, Valladolid, 1918, p. 53.

(462) *Ib.*, p. 54.

(463) *Ib.*, p. 55.

(464) *Ib.*, p. 56.

que catasse o livro \em\ que o ditto Affonso Pere\ escrevera os dittos milagres e que lhe mandase dar o trelado pera o enviar mostrar aos fieis de Déos, a fim de eles ajudarem as obras de Nossa Senhora da Oliveira. Antoninho Lourenço pôs-se a procurar e achou *hum livro de purgaminho escrito por mão do ditto Affonço Pere\, segundo a ssa letra paresia* ⁽⁴⁶⁵⁾. E copiou tudo.

Mais tarde, outros fizeram o mesmo. Em 1572, o cónego vimaranense Gonçalo Ribeiro requereu, também, que lhe mandassem *tresladar os dittos estormentos dos milagres que fizera Nossa Senhora* ⁽⁴⁶⁶⁾. Certamente que esta cópia não seria bastante para satisfazer a piedade dos fiéis. De facto, Pedro de Mesquita também copiou os milagres de Afonso Peres, em 1620, cópia essa ainda existente no Arquivo Municipal de Guimarães (cód. n.º i550/A-5-4-65).

Gaspar Estaço, nos princípios do séc. xvii, teve nas mãos o *Livro dos Milagres de Nossa Senhora da Oliveira*, não sabemos se na letra original ou em apógrafo antigo da Idade Média. Os milagres estavam em *dous pergaminhos* da Colegiada de Guimarães «e foram primeiro escriños por hum Affonso Peres taballiam daquelle tempo, dos quaes nós escrevemos sómente o primeiro pola razam, que logo se verá, o qual é o seguinte. *Señor. Affonso Peres taballiam na vossa villa de Guimarães faço saber a v. m. que na Era de M.CCC.LXXX. annos oito dias de Settembro foi posta a cru\ na alvaçaria de Guimarães, e a aduceu hi P.º Steves nosso natural, filho que foi de Stevo Garcia en outro tempo mercador de Guimarães, e a qual cru\ G.º Steves irmam do ditto P.º Steves di\ que foi vontade de Deus, que lhe deu a entender, que fosse a Lormandia Anafról, a que comprasse a ditta Cru, e a aducesse a este lugar de Guimarães hu esta assentada apar da oliveira, a qual oliveira quando esta Cru\ apar delia assentaron era seca, e daquel dia a tres dias começou de reverdecer, e deitar ramos, e eu Affonso Peres taballiam esto escrevi. Não escrevo os outros milagres, porque ja andam en hum livro de letra de mam»* ⁽⁴⁶⁷⁾.

(465) Arquivo da Universidade de Coimbra, doc. 57, em letra da primeira metade de seiscentos, fl. 8 v.

⁽⁴⁶⁶⁾ fl. 8.

⁽⁴⁶⁷⁾ GASPAR ESTAÇO, *Várias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625, pp. 156-157.

Este *livro de letra de mam*, a que se refere Gaspar Estaço, seria este nosso apógrafo, em letra da primeira metade de seiscentos, actualmente no Arquivo da Universidade de Coimbra (468) ? Não sabemos nem isso tem importância. Percorramos alguns dos seus quarenta e tal milagres : um moço *piqueno* era mudo e Nossa Senhora deu-lhe a fala... e logo o *chantre e cabido e clérigos da ditta Villa, visto este milagre, forom hy fa^er procissom* ; Margarida, ceguinha dos lados da Ribeira do Homem, veio em romaria a Nossa Senhora da Oliveira e começou logo a ver... e o *chantre e os conegos e os clérigos da ditta Villa, visto este milagre, fi\erom procissom* ; Nicolau, moço endemoninhado, foi livre por graça da Senhora da Oliveira e *lançou pella garganta hum dinheiro novo que hy está pendorado e o chantre, conigos e clérigos da ditta Villa, vendo este milagre, foramlhy logo fa\er procissom*.

A litania das maravilhas vai seguindo pelo mesmo caminho, com dados exactos : nome, filiação, terra, milagre e o eterno refrém e logo o *chantre e os conigos e clérigos da ditta Villa, vendo este milagre, foronlhi fa^er procissom* (a frase pouco muda dum milagre para outro).

Encontramos várias pessoas : Senhorinha, cega de nascença ; uma rapariga chamada Maria Pascoal, quase muda, de modo que a não podiam entender ; Lourenço Esteves, também sem a luz dos olhos ; Domingas de S. Gens, dos arredores de Lamego, que se julgava possessa do diabo, um tal Pedro Peres, hemiplégico — enfim, um mundo de gente sofredora. Não faltava, mesmo, um monge de Pombeiro «que avia grandes tempos et annos que non mandava o seu braço direito, e que o tinha encoberto por tal guiza que nom avia em el força nenhũa e flzilhi merçe e endireitoulhe o braço e sinouse com el, e logo o chantre et os conigos e os clérigos da Villa vendo este milagre íezilhi (*sic*) fazer procissom ; eu Affonço Perez, taballiom de Guimarães, este milagre escrevy.

(468) Entrou para o Arquivo da Universidade de Coimbra por diligências do Rev.do Dr. Avelino de Jesus Costa, a quem devemos o conhecimento deste manuscrito. Os milagres foram integralmente publicados por Mário Martins em *Revista de Guimarães*, 63 (ig53), pp. 83-132. Na separata, ajuntou-se um apêndice com um estudo comparativo entre o apógrafo de Coimbra e o do Arq. Mun. de Guimarães — com as variantes substanciais deste último.

Testemunhas: Martim Domingez; Lourenço Dominges o Alvim; Martim Moreira et outros» (469).

O último milagre fala-nos de Maria Lourenço, endemoninhada havia mais de seis meses. Perguntaram-lhe *quem andava dentro delia et di\iam que avia nome Pedro* (470). Livrou-a Nossa Senhora da Oliveira, *et o chantre et os conegos et os clérigos do Choro vendo este milagre foronlhy fa\er procisson*.

São páginas de grande interesse, pela sua origem do séc. xiv, mas lingüísticamente deformadas por uma genealogia de copistas. Bom seria se encontrássemos o pergaminho com a letra de Afonso Peres ou, pelo menos, algum apógrafo da Idade Média.

3.º — Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos

Quase toda em letra gótica do séc. xv, esta colecção ainda existe num velho códice de Santa Cruz (471). Desta obra tirou a *Crónica dos Cinco Reis de Portugal* umas quatro páginas com as maravilhas dos santos mártires (472) e nela se funda, quase passo a passo, a colecção de milagres do *Tratado da Vida e Martírio dos Cinco Mártires de Marrocos* (473) editado, primeiramente, em 1568. De facto, tanto o texto destas páginas como o do antigo códice de Santa Cruz marcham paralelamente e coincidem bastante. Ainda assim, divergem aqui e acolá, havendo também milagres num, que faltam no outro, e vice-versa. Mas é o códice manuscrito que possui mais vasta quantidade de milagres e de maior valor histórico e linguístico. São quase todos de quatrocentos.

Depois duma grande iluminura, na primeira folha, a representar o martírio dos santos franciscanos, segue-se o primeiro milagre. Foi a cura duma cega, «a qual veo aquy a este moesteiro

(469) Arq. da Univ. de Coimbra, ms. cit., fl. 10.

(470) *Jb_{my}* fl. 20.

(471) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770. Era o cód. xxxvm, da velha numeração do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

(472) Ed. por A. de Magalhães Basto, Porto, 1945, pp. 244-248.

(473) *Tratado da Vida e Martírio dos cinco Mártires de Marrocos*, ed. por Rocha Madahil, Coimbra, 1928.

áo sanchristiaao (474) que lhe desse hua pouca dagua dos preciosos mártires, em hum púcaro. E levou e posea em os olhos, e prouve ao muyto Senhor Déos que lhe deu saude e vista. E esto he verdade. E sabenco quantos ha em a çidade de Coimbra» (475).

Através destas folhas de pergaminho, vemos alongar-se a formosa sequência das grandes maravilhas e das práticas devotas dos romeiros. Trata-se de narrações exactas, na sua grande maioria, com nomes de pessoas e terras, cheias de pormenores realistas :

O cónego Diogo Gonçalves engoliu uma sanguessuga e logo a lançou fora, quando «a molher de Vasco Annes cavaleyro, sua madrinha, o encomendou a estes sanctos mártires» (476).

Ficamos sabendo coisas mínimas: que ao escrever do milagre ele ainda era vivo, que morava em Santa Cruz de Coimbra e que deitou a dita *semexuga per huma ventãa dos narizes*. E uma linguagem familiar, amiga de contar tudo miidamente, como acontece ao povo, sobretudo às mulheres.

O prior de S. Tiago, João Martins, a quem se atravessara um osso quando estava acomendo um coelho», fez uma romaria até ao mosteiro «onde elles jazem logo lançou o osso e recebeu saude» (477).

Segue-se o caso do tabelião de Soure, com a ideia fixa do cão danado, certamente mais exacto que a históriazinha da mula do delegado papal, o qual fez pouco dos santos mártires e «desprezou de lhes fazer oraçom». Ora, que aconteceu depois? A «mulla em que andava caeo em terra por morta, e elle ficou muito espantado daquella cousa. E os que hy stavam lhe disserom que por que desprezara a oraçom destes sanctos que por aquella rezom lhe aveera tal cousa. E emtom elle tornou com muy grande devaçom pedindo merçee que lhe perdoassem e ofereço grandes offertas aos sanctos bem aventurados» (478).

Devotamente, perpassa, diante de nós, a litania lenta dos pere-

(474) Sacristão.

(475) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fl. 2.

(476) *Ibidem*.

(477) *ib.*, fl. 2-2v.

(478) *Ib.*, fl 2V.-3.

grinos : cura-se um escudeiro coimbrão, que *era moço quebrado*, fazem-se três milagres aos companheiros vagabundos do *Ifante dom Pedro*, o que andou por Marrocos, vemos, entre outras coisas, nascer a famosa e estranha procissão dos nus, que tantos anos havia de durar (479).

Escutamos uma *demuninhada* (endemoninhada) que ficou tranquila, depois de três missas junto das relíquias dos Mártires de Marrocos (480). Aparece, ainda, outra infeliz da mesma espécie, chamada Catarina Pires, que seguia para o santuário de Nossa Senhora das Virtudes (481). Vêm, sobretudo, romeiros dos arredores de Coimbra, a cumprir as suas promessas ou a implorar milagres. Rezam, dão esmolas e trazem, por exemplo, *huma fogaça muy grande e tres dobrados*, como fez Afonso Anes (482), em 1433. Chegamos a ouvir o diálogo de duas mulherzinhas, uma delas a persuadir a outra, com palavras cheias de esperança (483).

Aqui e além, a imaginação popular envolvera, já, nas roupagens fantasiosas do romance edificante, alguns episódios antigos. Assim acontece ao castigo de Diogo Pires, por ele andar a trabalhar no dia festivo dos Mártires de Marrocos. Quantos pregadores lançariam mão desta história apologética, no sermão da grande romaria ! :

«En na era do nacimiento de nosso Senhor Jhesu Christo de mili e quatrocentos e xxx annos, fizeram estes gloriosos mártires huum milagre mui fremoso. Huum homem que avia nome Diego Pirez dicto da curta, que morava tras a oussya de sam Bertollameu, andava huum dia destes gloriosos marteres em sua vinha podando, que jaz tras sam Francisco. E veeo huum homem pello caminho e disselhe: ay, Diego Pirez. E nom sabees que he oye dia dos mártires que jazem em santa cruz; e elle oolhou pera o caminho e nom vio nenguem. E em olhando disse : que monta yssso que nom som de gardar. E poren oolhou quem lhe aquello dizia e nom vyo nenguem e tornou ao seu officio de podar, e logo

(479) *Ib*is. 3-4. MÁRIO MARTINS, *O ciclo franciscano na nossa espiritualidade medieval*, sep. de *Biblos*, 27 (ig5i) pp. 81 -83.

(480) *Bibl. Mun. do Porto*, cód. 770, fl. 4.

(481) *Ib.*, fl. 4v.

(482) *Ib*fl. 5v.

(483) *Ib.*, fl. 7.

subpitamente lhe veo hum tremor ao corpo e aas mãos que yamays nom pode fazer nenhuuma cousa que elle entendeo em sy que fazia muy grande mal. E logo subpitamente se veo ao moosteiro de santa cruz e fez sua oraçom honde jazem os seus corpos e lhe fez logo promitimento que nunca em quanto el vivesse que nunca fizesse em seu dia. Mais antes lhe prometia de hir sempre aa sua vespera e missa e preegaçom; e fecto este promitimento ante elles foyse aa clastra a ouvir sua preegaçom e ja stavam em fim delia e deu este Diego Pirez em seu testemunho que elle tiinha videiras podadas LXXX OU bem çento assy como aquel que se fora a ssua vinha antes que sahisse muyto o sol e Déos fez tamanho millagre que em todas estas videiras nom lhe ouve tam soamente hum cacho e em toda a outra vinha Deos lhe deu muyto fructu» (484).

Não estranhemos tais lendas ao lado de muitas verdades. Na história profana, acontecia o mesmo e precisamos, para tal literatura, um pouco de inteligente perdão.

Mais tarde, nos princípios de seiscentos, Francisco Lopes poria em verso a *Verdadeira e santa historia dos cinco martyres de Marrocos* (485), incluindo nela alguns dos seus milagres (486):

«Nhum lugar humilde e pobre
Hua legoa da Cidade
De Coimbra antiga, e nobre,
Veo de ares maos que a cobre
Pestifera enfermidade.

Dizem que se chama este
Lugar onde a peste deo
Fala; no qual succedeo
Morrerem todos de peste,
Salvo hum só, que não morreo.

Veo a rede barredoura,
Como la dizem, e levou
Todo o vivente que achou
Barrendo tudo à bassoura,
Donde hum so homem ficou» (487).

(484) *Ibfl.* 6.

(485) Lisboa, 1619.

(486) Bibl. Mun. do Porto, cód. 770, fis. 216 v — 224.

(487) *Jb.*, fis. 221-224.

E o resto vai seguindo, em redondilhas um tanto moles, contando como o bom do homem salvo da peste, deu ali começo à procissão dos nus. Ora, Francisco Lopes somente resumia e punha em verso o que vinha, desde tempos antigos, no Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos.

4.º Livro dos Milagres do Santo Condestável

Já o rei D. Duarte pensara na canonização de D. Nuno Alvares Pereira (488). Mais tarde, formou-se uma colectânea de milagres que algum carmelita escreveu mas que foi atribuída a Gomes Eanes de Zurara (489). Este rol antigo dos milagres do velho guerreiro sofreu vários arranjos do P.º Jorge Cotrim e de Fr. Jerónimo. Por isso, preferimos a cópia de Manuel Severim de Faria, hoje existente no cód. 4044, da Casa Cadaval, em Muge. Representa o texto de tipo mais antigo e autêntico e intitula-se desta maneira : *Milagres do sancto Condestabre da Ordem de nossa Senhora do Carmo*. Directa ou indirectamente, é a esta colecção que se refere o autor do *Murray's Hand-Book for Travellers in Portugal* (49a) que traduz para inglês, com a mesma numeração, o milagre 36.º deste apógrafo.

Em português, reza ele desta sorte :

«36. O Senhor sancto Condestabre tinha hua alampada de prata em çima da sua sepultura, e aconteeço, que depois da ves* pera chegou hum homem ao mosteiro e vendo que não estavam aly os fraires foise a sepultura do senhor sancto Conde, e fez sua oração e em fim de oração furtou a ditta alampada donde estava, e torceo a toda e metteo a de so o sobaco, e andou com ella pello mosteiro per espaço de hua hora andando de porta em porta e não podia sair fora do Mosteiro asquando se andándose, e elle vendo esto

(*88) CARLOS DA SILVA TA ROUCA. *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Álvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Acurara ?*, em *Brotéria*, 47 (1948) pp. 155-163 ; Idem, *O «Santo Condestável» pode ser canonizado ?*, em *Brotéria*, 49 (1949) pp. 129-140.

(489) CARLOS DA SILVA TAROUCA, *Onde está o Rol dos Milagres do B.º Nuno Alvares Pereira, escrito por Gomes Eanes de Acurara ?*, em *Brotéria*. 47 (1948) p. 163.

(490) Londres, 1864, pp. 24-25.

tirou a lampada de sy, e deitoua atras de hü ataúde, e não embarcando que assim a lançasse, elle nunca pode sair fora do Mosteiro ataa que o doutor frey Martinho tomou pello braço, e o lançou pella porta do convento fora» (491).

São 221 casos, ao todo, e constituem a mais vasta compilação que nos legou o séc. xv, ainda maior que a dos milagres do Bom Jesus, de mestre André Dias.

Muitas vezes, uma graça espiritual passa ao primeiro plano e dá sentido superior e sobrenatural à graça temporal. Assim acontece, logo no primeiro milagre, quando o Condestável, em sonhos, manda a um homem que se confesse, para não morrer de peste (492).

Geralmente, os devotos procuravam o milagre só depois de terem corrido *físicos e solorgiaões* (493). Dma vez curados, contavam a sua pequenina história, que c padre-sacristão escutava : *Diogo Gil, carpinteiro, que mora em Villa Nova, di%*..* (494).

São descrições desnudas de qualquer retórica, em que o estilo adquire a simplicidade esquelética e um pouco fria da linguagem tabelioa, com nomes, datas, profissões e moradas. E vemos passar toda a casta de gente, mesmo das classes altas. Contudo, a maioria sai da multidão anónima para contar o seu milagre e volta, de novo, para o olvido das coisas desconhecidas e que não deixam rasto.

Sobre as ondas inquietas e sonoras, os pescadores recorriam às *preces e rogarias do sancto Conde* e vinham, depois, acrescentar mais um número maravilhoso ao rol do Condestável, tudo em linguagem de marítimos :

«38. Yiçente Rodriguez Pescador que mora na Lapa: Dizque elle partio em hua sua barca com outros parçeiros a pescar no mar alto, e tanto que sairão de fós em fora, aprouve a Deos de lhe dar tal tormenta, que se fizerão vi dias sem poderem tomar terra. E a tormenta era tamanha que estavão em ponto de não aver vida assim por mingua de mantimento, como da tormenta que era muy esgarrada que não podião aver terra. E devotamente se encomen-

(*9i) Bibl. da Casa Cadaval, em Muge, cód. 4044, fl. 90. Os milagres abrangem as fls. 84-118 v.

(492) fl. 84.

(493) *Ib.*, ft. 85.

(494) *ib.*, fl. 86-86 v.

darão ao sancto Condestabre que os livrasse daquelle perigo, e o senhor Deos pellas preces e rogarias do sancto Conde os livrou daquelle perigo, e logo virão terra, e vierão a porto com saude, e pax» (495).

O mais não se aparta deste estilo : gente aflita e *adoorada* (cheia de dores) que recorre ao Conde Santo, indo depois em romaria ao seu túmulo. Faziam vigílias, rezavam, deitavam, sobre as chagas, terra da sepultura ou bebiam-na com água. E Deus punha a sua virtude nestas práticas simples de todos os tempos.

Num povo de trovadores e romarias, de estranhar seria a ausência completa de cantares religiosos, em torno dos milagres dos santos e de Nossa Senhora. Mas nada ou quase nada ficou — e os milagres de Nuno Alvares, em verso, coligidos pelo cronista carmelitano, parecem apócrifos. Seja como for, registamos a sua existência inofensiva. Como narra uma memória antiga, escreve Fr. José Pereira de Santana, os romeiros do Conde Santo, ao chegarem à igreja do Carmo, *acendião o seu velão, que era de pe\o dar roba, e fagião sua oraçom beern especada ; e menguado o afam da andança, empecavão suas folias no logo do soterramento* (496).

Ora, de que falavam esses cantares de romaria, à volta da sepultura do Condestável ? Além de seguidilhas patrióticas, eram canções relativas aos milagres que vêm no rol attribuído a Gomes Eanes de Zurara :

«Outras Seguidilhas cantavão, nas quaes se incluem famosos portentos, que Deos obrava pelos merecimentos do seu Bemaventurado Servo, os quaes se achão escritos entre os outros do estimado livro original de Gomes Annes de Azurara, composto no tempo d'el-Rey D. Duarte, e se guarda no Archivo deste Convento. Mas como no Capitulo seguinte havemos de fazer memoria dessas maravilhas, agora só transcreveremos as Trovas com toda a formalidade, que achamos nos firmissimos monumentos do mesmo Archivo; sem desestimarmos semelhantes vulgaridades, porque com ellas se prova ser tão constante a noticia dos referidos prodigios,

(495) *Jb.*, fl. 90-90 V.

(496) Fr. JOSÉ PEREIRA DE SANTANA, *Crónica dos Carmelitas da antiga e regular observancia*, t. 1, Lisboa, 1745, p. 468.

que estes servião de particular assumpto ao applauso commum de sua acreditada santidade. Dizem, pois, as Seguidilhas :

«Do Restello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre
Que lhe prouge, e que le praze
Ho fagernos tanto bem.

O rapaz das coberturas,
Que morre e cahe para traz,
Ja nom vai á sepultura,
Que otra bez vive o rapaz :
E ho Conde le fizo o bem.

Á filha de Joanne Estés,
Que finou por non mamar,
Ao do Moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde também.

O mal daquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Non les chega aos corações,
Que o Conde Santo los guarda :
Y todo por fager bem.

E bem Condestabre Santo,
Cobrinso com vosso manto,
Com vosso manto de gáles,
Defendimento dos males,
E fáganos munto bem,
E bem, e bem» ⁽⁴⁹⁷⁾.

Alguns dos milagres mencionados nestas seguidilhas são fáceis de identificar entre os do rol attribuído a Gomes Eanes de Zurara. A *grande dor* de Lopo Afonso, por exemplo, vem contada no milagre n.º ii. O pobre homem sofria, efectivamente, de *door de coração que de noite lhe queria tirar a alma do corpo*. Encomendou-se ao Santo Conde e recebeu logo saúde. Quanto à filha de João Esteves, que *finou por non mamar*, aparece no milagre n.º 162. De facto, a filhita dele «avia quatro dias que não mamava

nenhuma couza. E era ja finada, estando a offerta prestes, e toda pera a enterrar devotamente a encomendou ao sancto Condestabre que rogasse a Déos por ella que lhe desse vida, e logo aquella hora por virtude de Deos e graça, e rogarias do sancto Condestabre a moça se levantou com seu folego donde jazia finada», etc.

Para terminar, verificamos que a ressurreição do *rapa\ das coberturas, que morre e cahe para travem* largamente narrada no milagre n.º 4 e, com alguns pormenores mais, no n.º 198. Infelizmente, nas seguidilhas do santo Condestável, falta já a minúcia no contar dos milagres, sendo eles mais nomeados do que narrados. Neste ponto, temos pena do seu autor não ter imitado as *Cantigas de S.ª Maria* ou os *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonçalo de Barceo, em que os factos são descritos com todos os pormenores.

5.º — Livro dos Milagres do Bom Jesus,
por Mestre André Dias.

O beneditino Mestre André Dias, bispo de Mégara, morreu à volta de 1439, muito velhinho. Fundara a célebre confraria do SS.º Nome de Jesus, no mosteiro de S. Domingos de Lisboa, e coligira muitos milagres do Bom Jesus, talvez com a ajuda dalgum confrade ou do padre-sacristão da igreja. E desta maneira, temos agora um bom repositório das graças espirituais e temporais da água do Bom Jesus. Esse rol, em letra gótica, está no iluminado n.º 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fis. 72 v.-80 v., logo a seguir às laudes e cantigas do bispo de Mégara, e foi recentemente impresso (498). A relação dos milagres do Bom Jesus intitula-se deste modo ou, antes, abre com estas palavras : *En nome do boo Jhesu se começe este seu livro*. E continua : «Naquel tempo que reynava e reynou ho muyto vitorioso e de muy grandes virtudes EIRey dom Johã, nos reynos de Portugal».. .

Vagarosamente, fala-nos da guerra com os *castellaos*, da *batalha campal, entre o Tojal e a ribeira do Freixial, apres da villa de Aljubarota* (499), etc. Sobretudo, recorda-nos a *pestelença* que

(498) MÁRIO MARTINS, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias*, Lisboa, 1951, pp. 283-298. Designaremos esta edição por *MM*.

(499) Cód. iluminado 61 da Bibl. Nac. de Lisboa, fl. 72 v. ; *MM*, p. 283.

assolou Lisboa. Foi então que ele, bispo de Mégara, propôs a fundação da irmandade para ficarem livres da peste, graças ao nome do booo Jhesu. Efectivamente, logo cessou, informa André Dias (5^{1K}). Depois, conta-nos, miúdamente, como benzeu a água do Bom Jesus e pregou sobre ela: «O dicto meestre Andre en na preegaçom que fez ante a mayor parte da dicta çidade de Lixboa, pubricou as grandes vertudes que o senhor Deos booo Jhesu criou, e esto he em hua sancta agua exorsizata, que sse faz de agua e de sal, e de cinza, e de vynho, e nom se pode fazer senom per bispo sagrado segundo os degredos. E logo ante todo o poboo, o dicto senhor bispo meestre Andre beenseo e sanctificou a dicta agua sancta do booo senhor Deus Jhesu, e logo per ella çessou a dicta pestelença da dicta çidade. E fez per ella o boom senhor Deus Jhesu muytos myragres e muytas maravyllhas, quaaes nom foram feytas de çento anos aca em toda a christandade» (500 501).

O velho monge beneditino ia tornar-se o cronista humilde da sua confraria e dos milagres da água santa, escrevendo o diário maravilhoso dos milagres : «E nos dom meestre André, bispo de Megarra, per muytas pessoas assy homeens como molheres digna[s] de fe e de creença dietas em testemunhas, posemos e screvemos em este livros, por seer memoria pera sempre e por que creça pera sempre a confraria dos servos do boom senhor precioso Jhesu» (502).

Contam-se trinta e cinco milagres, nesta relação talvez incompletamente copiada, pois finda assim : *Item outro mylagre da agua sancta do booo Jhesu*, sem mais nada a seguir. Talvez o escriba pusesse o título adiantadamente, à espera dalgum novo milagre. Não sabemos.

A colecção abre com um quadro pitoresco. E uma multidão munida de púcaros, jarros e enfusas, apinhada em torno do bispo velhinho, ao pé da caldeira da água benta do Bom Jesus :

Millagre de Deus Jhesu, e mee\inha pera a door dos olhos provada.

(500) *Jb.*, fl. 73 y. • *MM*, p. 284.

(501) *Jb.*, fl. 73 v. • *MM*, p. 284.

(502) *Ib.*, fi. 745 *MM*, p. 285.

«No domyngo en que primeiramente per o dicto meestre André esta sancta agua foy sanctificada e beenta que foy aos viinte hum dias do mes de novembro de myl e IIII.^c e xxxn anos, foy a pressa da gente tam grande pera tomarem de aquella agua sancta de Jhesu que entornarom per a terra toda ha agua que foy beenta per o dicto meestre André, em hua caldeira en que esta a agua beenta que as gentes deytam per sy quando veem aa egreja, e a caldeira foy per terra. E hua molher que ha nome Costança Domínguez, morador na rua das esteiras da çidade de Lixboa, nom podendo aver de aquella agua sancta do boo Jhesu, que fosse lympha, tomou hum pano de lynho e envurilhouno em aquella agua çuja que jazia per o chaão, a qual avya muyto tempo que era doente dos olhos [.....] E ella com grande fe que ouve en no boo Jhesu, creendo que com aquella meezinha sancta da agua do boo Jhesu seria saã, e tomou aquel pano assy molhado com aquella sancta agua, e lavou os olhos [...] e perdeo a door que tiinha em elles e ficarom limpos e saãos, como se delles nunca fora doente, graças ao boo Jhesu» (503).

Em geral, cada narrativa aparece encimada por um pequeno titulo indicativo da doença curada ou da graça concedida, muitos deles por este estilo monótono :

Mee\inha provada de Jhesu pera a door dos dentes.

Mee\inha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a door dos dentes, e pera a door de cabeça.

Meezinha da dicta agua sancta de Jhesu, pera a vista dos olhos (504).

Porém, nem sempre o titulo corre pelas mesmas palavras:

Milagre muyto fremoso e muyto maravyllhoso de aquesta sancta agua do boo Jhesu (505).

Outro myl agre muyto de notar da sancta agua do boo Jhesu que prestou aa door da madre e aa door da ilharga (506).

Porém, na maioria dos casos, lemos estas palavras anodinas: *Outro mylagre de agua sancta do boo Jhesu* ou, então, *segucsse outro mylagre da sancta agua do boo Jhesu*.

(503) *Ib.*, fl. 74-74 v. ; *MM*, 285-286.

(504) fls. 74 V.-75 ; *MM*, pp. 286-287.

(505) /ç;# fl. 75 v. ; *MM*, p. 288.

(506) fl. 75 v. ; *MM*, pp. 288-289.

Nestas páginas antigas, podemos ver boas mulherzinhas de púcaros na mão, a dialogar com um homem doente, a caminho da procissão da Senhora da Escada. E vêm as coisas tão esmiuçadas que ficamos a saber tudo: nome, ofício, doença, rua, etc. (57). A Beatriz Anes, mulher dum cordoeiro, «pereçia que lhe fendiam a cabeça com huú cuytello», desde que dera à luz uma criança. Um dia, com «grande fe e devaçom em esta agua sancta de Jhesu, beveo tres bocados delia, dizendo em cada huú bocado: Jhesu salvame. Jhesu deffendeme. Jhesu livrame, e huü pater noster com ave maria. E depouys lavou a boca e a cabeça com aquella agua e logo foy saã de todo» (507 508).

Sabemos, assim, como rezava o povo, qual a sua espiritualidade, conhecemos a devoção dele ao nome de Jesus e outras coisas humildes ordinariamente esquecidas pelos historiadores.

Aqui e além, ergue-se uma pessoa ou outra, acima da planura intérmina dos nomes que nada nos dizem. Citamos mais extensamente uma pequena e religiosa cenazinha marítima, onde encontramos a *mulher que foy do conde de Cepta*:

«Huum homem chamado per nome Johã Rodriguez Çaquoto, morador aa porta de san Viçente da dieta çidade, disse que elle fora em hũa barca em conpanha da mulher que foy do conde de Çepta, e Roy Nogueira. E hyndo assy pello mar açerca do cabo de sam Viçente, per razom da grande tormenta que ouverom lhes foy forçado sairem em terra, e sayram em hua praya. E que quando elle saltara fora da barca por hyr a terra como os outros faziam, que vehera hua honda tã grande que o levava ao mar, e que hyndo assy pello mar, que sse encomendara muyto devotamente ao boo senhor Deus Jhesu, e chamando ho seu nome per trez vezes, que fora cousa muy çerta e provada que logo aaquella hora vehera outra muyto mayor honda que o lançou fora aos pees da dicta condessa e de Roy Nogueira, e dos outros que estavam em terra. E todos estonçe louvarom o nome do boo Deus Jhesu, por tamanho mylagre como este foy amen» (509).

Mais uma graça em favor do escudeiro Pero Gonçalves Malafaia e termina este repertório de milagres a que Mestre Andé Dias, já

(507) *Jb.*, fis. 74V.-75 ; *MM*, p. 286.

(508) *Ib* , fl. 75 ; *MM*, p. 287.

(509) *jb'*, fl. 80 v. ; *MM*, p. 297.

velhinho, lançara as mãos trémulas, a fim de «seer memoria pera sempre».

Graças a este rol dos milagres do Bom Jesus e da sua água bendita, conhecemos como se tornara popular, entre o nosso povo, a invocação do SS.^{mo} Nome de Jesus. E se nos dedicássemos a estudos linguísticos, poderíamos ver, nestas históriazinhas singelas, um dos mais belos documentos da linguagem falada de então — a meio caminho entre o vocabulário *escrito* dos eruditos, de sabor livresco, e o hermetismo tantas vezes indecifrável da gíria popular.

6.º — Livro dos Milagres de S. Veríssimo

São vinte e seis, ao todo, do final do séc. xv. Estão escritos num códice da Biblioteca Pública de Évora (510), em letra gótica, sobre pergaminho, logo depois da lenda dos santos mártires Veríssimo, Máximo e Julia. Mas a lenda está em latim e os milagres em português.

Ao contrário da lenda dos santos, substancialmente apócrifa, estes *?nilagres* apresentam, frequentemente, um certo carácter de autenticidade histórica, embora a maioria dos casos não ultrapasse o limite das graças ordinárias, sem quebra nenhuma das leis naturais. O estilo do primeiro milagre lembra bastante um documento oficial: «Sabbam quantos este milagre virem que feria sexta, tres dias de Junho era de mil.cccc.L annos, achegou a este mosteyro huma molher adoorada, ha qual ha nome Maria Lourenço, morador em sam Joham de Penalva do bispado de Viseu e em sua companhia delia veerom tres homens», etc. (511).

E lá segue o caso triste duma pobre endemoninhada, com «huum spiritu malinno que dizia e chamava per nome que era ho mestre dom Martim Annes de Barbudo». Deus livrou-a por intercessão dos SS.^{tos} Mártires, o que foi visto por vários romeiros, pela «san-cristãa e outras boas donas do dicto mosteyro» (512).

(510) Gód. -³ d. Os milagres estão nas fls. 7-11.

(511) *lb.*, fl. 7.

(512) O mosteiro deve ser o de Santos.

Como no Livro dos Milagres dos Mártires de Marrocos e noutros mais, encontramos a litania dolorosa de cegos, surdos, gente desequilibrada que julgava estar possessa do demónio, sem falarmos duma pobre paralitica que *non avia entendimento nenhuurn*. Os santos aparecem em sonhos e os seus milagres têm a humildade consoladora das coisas de cada dia. Os benditos mártires interessavam-se pela saraiva que lhes destroçava a vinha, pelo gorgulho que roía o trigo dos campos, pela lagarta que comia as colheitas. E é este o sentido espiritual destas páginas em português arcaico : *o sentido da bondade de Deus a proteger os homens, a presença dos santos na nossa vida, como membros da mesma família*.

Fenómenos normais elevam-se à categoria de prodígios sobrenaturais, como o fogo de S. Teimo, na ponta dos mastros, uma *candea* na noite cerrada e tempestuosa. Vale a pena ouvir esta narração dos nossos marítimos de quatrocentos :

«Huum home per nome Stevam Carrasco e outros com el, indo a Aljacira em huum bayxel quando hy jazia el rey dom Fernando, tomouos huma tormenta através de Porches sobre o Algarve, e elles, ja meenfestados ⁽⁵¹³⁾ cuydando que fossem mortos. E rogarom estes mártires e logo em essa ora virom humma candea sobre o mastro, e quanto mays ventava tanto mayor lume dava por que a nocte era mui çarrada», etc. E os mártires vieram em sua ajuda, pois os pobres pescadores, depois de muita tormenta, descobriram uma *abertura per meo de agüeites penedos como se fosse huma porta*, por onde passou o baixel. E os da terra maravilharam se do milagre ⁽⁵¹⁴⁾.

Por essa época, os marinheiros de Cristóvão Colombo também assistiam ao maravilhoso espectáculo da chama de S. Teimo na ponta dos mastros e deram-lhe a mesma interpretação religiosa e cheia de optimismo : o Céu não os abandonava !

⁽⁵¹³⁾ Confessados.

(514) *Ibfls.* 8-9.

7.º — Livro dos Milagres de S. Tiago de Compostela

Para terminar, falemos alguma coisa dos milagres de S. Tiago, vertidos para português. São do *Liber Sancti Jacobi*, do pseudo-Calisto, mas através doutra obra.

Os autos dos apóstolos — que são, em letra de forma, o *Segundo livro que fala de todo o fei'lo e de totalas vidas e das paixões dos apóstolos* (515) — encerram a mesma lista do *Liber miraculorum*, do pseudo-Calisto (516), afora o último milagre do original latino: *Capitulum xxu. De viro qui tredecim vicibus venditur lotidemque ab apostolo liberatur* (Do homem que é vendido treze vezes e outras tantas é libertado pelo apóstolo). Porém, também este derradeiro milagre falta na versão galega do séc. xiv: *Os miragres de Santiago* (517).

Os títulos dos capítulos, em português, denunciam uma tradução algo livre do conteúdo do *Liber miraculorum* (518). No entanto, vê se logo que os factos são os mesmos, embora enunciados de maneira diversa. Conviria estabelecer um paralelo entre a versão portuguesa e a galega, estudando, a seguir, a posição de ambas, perante a *General Estoria*, ou, mais exactamente, perante a obra do mestre em teologia Bernardo de Brivega.

Na verdade, Valentim Fernandes, *servidor e empredidor de su alte'a*, já pusera o problema das origens de *Os autos dos apóstolos* à sua consciência profissional de impressor culto. E conta-nos como tudo se passou :

«E porque no começo do presente livro se diz : *Aqui se começa o segundo lyvro* (519), e muy tas vezes faz mençom do terceiro, poderia dizer alguém que a presente obra nom fora perfecta. Por isso perguntey aa vossa alteza pello auctor veendo que nom eram os autos de sam Lucas. E me disse que o mandara fazer el rei dom Alfonso de Castella com outros muytos livros os quaes junta-

(515) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. ccLxxxn/280, fis. 135-148.

(516) *Liber Sancti Jacobi*, ed. cit., pp. 259-287.

(517) LÓPEZ-AYDILLO, *Os miragres de Santiago*, Valladolid, 1918.

(518) MÁRIO MARTINS, *Os Autos dos Apóstolos e o Livro de Santiago*, em *Brotéria*, 48 (1949), p. 310.

(519) o sublinhado é nosso.

mente chamou *historia geral* ⁽⁵²⁾). Pello qual revolvi todos meus livros ata que achei hum lyvro intitulado *genesi alfonsii* ^(520 520 521) reparado em cinco livros composto por mandado do sobredito Rey por huum famoso meestre em sancta theologia chamado Bernardo de Brivega, e achei no seu segundo livro que tracta da ley nova e da viinda do messia aos cclxii capitulos palavras do começo da presente obra nossa. Porem nom traz a ordem dos capitulos em modo tam perfecto como a presente. E porque neste lyvro vam muytas palavras de falar antiigo que mais parecem galegas que portuguesas nom ponha vossa alteza culpa ao empressor. Porque como sabe vossa real senhoria que a el Rey nosso senhor aprouve em vossa presença que nom fossem mudados os vocablos antiigos em modernos, o que ajuntase as epistolas de alguns apóstolos ao dito livro» ⁽⁵²²⁾.

Se atendermos, pois, à fonte intermediária dos milagres de S. Tiago, em português, já não estranharemos tanto as suas diferenças do original em latim. Apesar de tudo, comparando a tradução portuguesa com *Os miragres de Santiago* e as suas interpolações ⁽⁵²³⁾, temos de concordar ser a primeira bem mais pitoresca e de maior intensidade poética, além de ser mais fiel. No milagre do conde de S. Gil, por exemplo, o conde *pôs em seu coração* ir a Compostela. *E começou seu caminho; e andou tanto que chegou a Santiago*. O conde e seu irmão só mandaram chamar os *romeus* (romeiros), depois de cearem, etc. Nada disto podemos ler na *Liber Sancti Jacobi* ⁽⁵²⁴⁾.

Da versão portuguesa desprende-se um perfume agreste de flores bravas da charneca, uma poesia ingénua bem própria do falar medieval : eles *aviam gram sabor de teer hi sua vigilia...*

Deixe-nos o leitor recordar o índice deste Livro de Milagres, na prosa pitoresca de quatrocentos :

De como Santiago sacou da prisom os cativos que jaziam no carcer.

(520) o sublinhado é nosso.

(521) *Idem*.

(522) *Os autos dos apóstolos*, Lisboa, 1505, prólogo.

(523) Cf. MÁRIO MARTINS, *Os Autos dos Apóstolos e o Livro de Santiago*, em *Brotéria*, 48 (1949) pp. 31-312.

(524) *Jb.* pp. 312-313

De como na carta do pecador foy vaciado seu pecado que era hi escripto.

De como Santiago resucitou huum menino.

Da conveença e do voto falsado.

Como Santiago lyvrou ho seu romeu da forca (525).

Como Santtiago enprestou o asno ao rromeu em que levasse seus filhos.

De como Santtiago livrou Frisones amarinheiro do perigo do mar.

De como livrou Santiago os que cairom no mar.

Como Santtiago livrou o mentirai cavaleiro.

Como Santtiago sacou o cavaleiro en no escudo do mar.

De como Santiago livrou o lombardo da prisom do salto hu o tinham preso.

De como Santtiago deu saão o cavaleiro que era enfermo da boca e do rosto.

Como Santtiago acorreo ao seu romeu que feria seu senhor.

De como Santtiago sacou o mercador da prisom.

De como Sanctiagio livrou o cavaleiro en na batalha hu lidava com seos enmiigos.

De como Santtiago livrou o cavaleiro que tiinham os diaboos áa garganta.

De como Santtiago resucitou o que se matara por el per enganno do diaboo.

De como Santtiago reçebeo o conde e os outros rromeus em no seu altar.

De como Santtiago se quis mostrar per cavaleiro ao bispo grego.

De como Sanctiagio livrou o que queriam escabeçar.

De como guareceo Sanctiagio o rico homem enfermo (526).

Este Segundo livro que fala de todo o feito e de totalas vidas e das paixões dos apóstalos encerra um repertório de maravilhas bem digno da insaciável sede de milagres que atormentava a gente piedosa de então. Muitos deles vêm dos Actos dos apóstolos, de S. Lucas, e oferecem todas as características da verdade histórica.

(525) Estes cinco primeiros milagres, transcrevemo-los de *Os autos dos apóstolos*, caps. 54-58, visto o cód ale. CCLXxxn/28o estar truncado, nesta altura.

(526) Bibl. Nac. de Lisboa, cód. ale. CCLXxxn/28o, fls. 135-148.

Mas, outra parte enraiza nos apócrifos, havendo também bastantes que jazem envoltos na névoa duvidosa duma lenda impenetrável, em que mal distinguimos a verdade da mentira.

As serpentes mordiam os encantadores per mandado dos Apóstolos (527), convertiam-se os mágicos de Babilónia (R28), um menino de um dia, somente, pôs-se a defender *Eufrosio o diago e disse que era virgem* (529), — e mais coisas! As serpentes metem-se nas suas covas, ao mandado dos apóstolos (530) e é vê-los como *fe\erom sayr os diaboos do sol e da lua e os esmeuçarom todos com as carretas* (531).

Como no Monte Sinai, Deus intervinha dum modo fulminante na marcha dos acontecimentos e, nestas páginas, para falar como Unamuno, escrevia-se a história de Deus, na terra des homens.

MÁRIO MARTINS, S. J.

(527) *Ibfl.* 201.

(528) *Ib.*, fl. 261 v.

(529) *Ib.*, fl. 262 v.

(530) *Ib.*, fl. 263 v

[531) *Ib.* fl. 266.